



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça

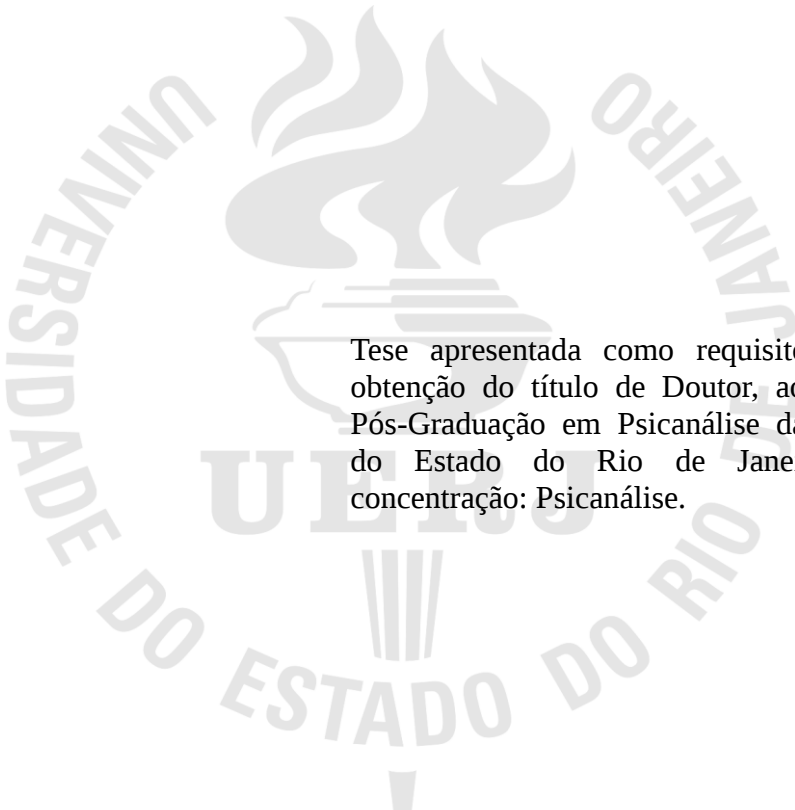
**Da perversão-polimorfa à estrutura perversa: um estudo sobre a
possibilidade de haver ‘mulheres’ estruturalmente perversas**

Rio de Janeiro

2015

Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça

**Da perversão-polimorfa à estrutura perversa:
um estudo sobre a possibilidade de haver ‘mulheres’ estruturalmente perversas**



Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise.

Orientadora: Prof. Dra. Rita Maria Manso de Barros

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F992 Furtado de Mendonça, Ligia Gama e Silva.
Da perversão-polimorfa à estrutura perversa: um estudo sobre a possibilidade
de haver 'mulheres' estruturalmente perversas / Ligia Gama e Silva Furtado de
Mendonça. – 2015.
150 f.

Orientadora: Rita Maria Manso de Barros.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicanálise – Teses. 2. Perversão – Teses. 3. Mulheres – Teses. I. Manso
de Barros, Rita Maria. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Psicologia. III. Título.

es CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça

**Da perversão-polimorfa à estrutura perversa:
um estudo sobre a possibilidade de haver ‘mulheres’ estruturalmente perversas**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise.

Aprovada em 08 de abril de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Rita Maria Manso de Barros (Orientadora).
Instituto de Psicologia da UERJ - PGPSA.

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge.
Instituto de Psicologia da UERJ - PGPSA.

Prof. Dra. Doris Rinaldi.
Instituto de Psicologia da UERJ – PGPSA.

Prof. Dra. Maria Helena Martinho.
Curso de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida.

Prof. Dra. Gilsa Tarré de Oliveira.
Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá.

Rio de Janeiro

2015

Aos meus maiores incentivadores, meus pais.

AGRADECIMENTOS

Ao final dessa trajetória de onze anos que teve início na graduação, perpassou um intercâmbio acadêmico em Toulouse, a especialização, o mestrado e, agora, o doutorado, gostaria de expressar a minha enorme gratidão a minha professora, orientadora e também mentora Dra. Rita Maria Manso de Barros, presente em todas essas etapas da minha vida. Sem dúvida, seu apoio ao meu tema de pesquisa, sua colaboração nas variadas questões que surgiram ao longo do caminho e seu incentivo no meu percurso profissional foram determinantes para eu estar concluindo meu doutorado hoje. A sua amizade e a sua parceria tornaram esse percurso, muitas vezes árduo, mais prazeroso.

Agradeço ao professor Dr. Marco Antônio Coutinho Jorge, entusiasta e grande contribuinte desta pesquisa. Suas aulas, recomendações de leituras e as trocas pelos corredores da UERJ suscitaram reflexões fundamentais para a minha dissertação e para esta tese. Seria inimaginável a sua ausência na composição desta banca.

Não poderia também deixar de agradecer a professora Dra. Maria Helena Martinho, cuja pesquisa sobre perversão foi uma importante fonte para este trabalho. Sua atenção ao meu exame de qualificação gerou debates e considerações significativas ao andamento deste estudo.

Aos professores Dra. Doris Rinaldi e Dra. Gilsa Tarré, agradeço por terem prontamente aceito compor a banca examinadora e se interessarem por esta pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro pela possibilidade de realização deste trabalho, ao seu corpo docente, que com suas aulas contribuíram para o desenvolvimento da minha pesquisa, aos funcionários da secretaria pela gentileza e pelos seus serviços dispensados e à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelos recursos oferecidos.

Agradeço também aos meus alunos do curso de graduação de Psicologia da UERJ - onde ingressei através de concurso público e atuei como professora substituta - que colocaram questões provocantes sempre que eu tocava no assunto desta pesquisa durante as aulas.

Finalmente, mas de maneira alguma menos importante, meus agradecimentos à minha amiga Lia Brum, que mesmo estando tão longe, fez-se muito presente ao me ajudar na revisão deste trabalho.

if you're going to try,
go all the way.
there is no other feeling like
that.
you will be alone with the gods
and the nights will flame with
fire.

Charles Henry Bukowski

RESUMO

FURTADO DE MENDONÇA, Ligia Gama e Silva. *Da perversão-polimorfa à estrutura perversa: um estudo sobre a possibilidade de haver 'mulheres' estruturalmente perversas*. 2015. 150 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Esta tese é um prolongamento de uma pesquisa em psicanálise sobre perversão e mulheres iniciada no curso de Especialização e estendida no Mestrado. A partir da constante afirmação no campo lacaniano sobre a inexistência de mulheres estruturalmente perversas, traçamos um percurso sobre o estudo da perversão em Freud e Lacan para interrogarmos a possibilidade de haver mulheres perversas. Para isso, no primeiro capítulo, aprofundamo-nos na teoria da sexualidade freudiana, diferenciando perversidade de perversão e delimitando a distinção entre perversão-polimorfa e estrutura perversa através dos conceitos de fixação e exclusividade, presentes em Freud desde 1905, e do mecanismo perverso (*Verleugnung*), proclamado por Lacan, mas presente na obra freudiana. Investigamos também neste capítulo a importância das fantasias de espancamento (FREUD, 1919) e da vivência edipiana para o entendimento acerca das perversões. A partir disso, analisamos o fetichismo e os pares de opostos, sadismo-masochismo (esmiuçando as obras de Marquês de Sade e Sacher-Masoch, responsáveis pela origem dos termos), e voyeurismo-exibicionismo. O segundo capítulo foi dedicado, de maneira geral, à fantasia. De início percorremos o conceito em Freud e Lacan para, posteriormente, através do entendimento sobre fantasia, pensarmos sobre os atos. Em seguida, examinamos a definição de homem e mulher para a psicanálise, diferente daquela utilizada pela biologia, para interrogarmos a possibilidade de uma mulher ser perversa. Na terceira parte desta pesquisa, utilizamos a história de duas mulheres, Gertrude Bainszewski e Suzane von Richthofen, avaliamos o caso Violette de André (1995) e ponderamos sobre a personagem Erika Kohut de *A professora de piano* (2001) para pensarmos sobre a teoria até então apresentada.

Palavras-chave: Perversão. Psicanálise. Mulheres. Feminino.

ABSTRACT

FURTADO DE MENDONÇA, Ligia Gama e Silva. *From the polymorphous perversity to the perverse structure: a study on the possibility of having 'women' structurally perverse*. 2015. 150 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This thesis is an extension of a research in psychoanalysis about perversion and women started in the Specialization course and extended in the Masters. From the constant affirmation in the Lacanian field about the lack of women structurally perverse, we followed the course on the Freud and Lacan study of perversion to question the existence of structurally perverse women. To do this, in the first chapter, we pursued the Freudian theory of sexuality, distinguishing perversity of perversion and delimiting the difference between polymorphous perversity and perverse structure through the concepts of fixation (*Fixierung*) and exclusivity, present in Freud since 1905, and the perverse mechanism (*Verleugnung*), proclaimed by Lacan, but current in Freudian work. This chapter also researched the importance of the text *A child is being beaten* (FREUD, 1919) and the Oedipal experience to understand the perversions. From there, we analyze the fetishism and the pairs of opposites, sadism-masochism (scrutinizing the works of Marquis de Sade and Sacher-Masoch, responsables for the origin of the terms) and voyeurism-exhibitionism. The second chapter was dedicated generally to fantasy. We start this concept in Freud and Lacan to subsequently think about the acts. Then, we examine the definition in psychoanalysis of man and woman, different from that used by biology, to question the existence of perverse women. In the third part of this research, we use the story of two women, Gertrude Bainszewski and Suzane von Richthofen, evaluate the Violette case from André (1995) and we ponder the character of Erika Kohut in *The piano teacher* (2001) to think about the theory presented so far.

Keywords: Perversion. Psychoanalysis. Women. Feminine.

RÉSUMÉ

FURTADO DE MENDONÇA, Ligia Gama e Silva. *De la perversion polymorphique à la structure perverse: une étude sur la possibilité d'avoir « femmes » structurellement perverses*. 2015. 150 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Cette thèse est le prolongement d'une recherche en psychanalyse sur la perversion et les femmes qui a commencé au cours de Spécialisation et étendu dans le Masters. De l'affirmation constante dans le champ lacanien sur le manque de femmes structurellement perverses, nous traversons la théorie de la perversion chez Freud et Lacan pour interroger la possibilité de la perversion chez les femmes. Pour ce faire, dans le premier chapitre, nous approfondissons dans la théorie freudienne sur la sexualité, en différenciant la perversité de la perversion et en délimitant la distinction entre la perversion polymorphique et la structure perverse à travers des concepts de fixation (*Fixierung*) et d'exclusivité, utilisés par Freud depuis 1905, et le mécanisme pervers (*Verleugnung*), proclamée par Lacan, mais trouvé dans l'œuvre freudienne. Ce chapitre a aussi examiné l'importance du texte *Un enfant est battu* (FREUD, 1919) et de l'expérience œdipienne pour la compréhension sur les perversions. De là, nous analysons le fétichisme et les paires sadisme-masochisme - en utilisant les œuvres du Marquis de Sade et de Sacher-Masoch - et voyeurisme-exhibitionnisme. Le deuxième chapitre a été dédié à la fantaisie. Nous recherchons ce concept chez Freud et chez Lacan par la suite penser aux actes. Après, nous examinons la définition, en psychanalyse, de ce qui configure l'homme et la femme, différente de celle utilisée en biologie, pour questionner la possibilité des femmes perverses. Dans la troisième partie de cette recherche, nous utilisons l'histoire de deux femmes, Gertrude Bainszewski et Suzane von Richthofen, nous évaluons le cas Violette de André (1995) et nous réfléchissons sur le caractère Erika Kohut dans *La pianiste* (2001) pour penser à la théorie présentée.

Mots-clés: Perversion. Psychanalyse. Femmes. Féminin.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Esquema do fetichismo.....	52
Gráfico 2 - Matema da fantasia sadiana.....	84
Gráfico 3 - <i>Père-version</i>	91
Gráfico 4 - Fórmulas quânticas da sexuação.....	111

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: sobre o tema a pesquisar.....	11
1	PERVERSÃO.....	14
1.1	Perversão: um dos nomes da sexualidade.....	17
1.2	Estruturando a perversão.....	23
1.2.1	<u>Fixação e exclusividade.....</u>	23
1.2.2	<u>Regressão.....</u>	26
1.2.3	<u>Fantasias de espancamento e a importância do Édipo.....</u>	29
1.2.4	<u>Verleugnung e estrutura perversa.....</u>	36
1.3	Os tipos de perversão.....	44
1.3.1	<u>Fetichismo.....</u>	44
1.3.2	<u>Pares de opostos.....</u>	56
2	FANTASIA.....	86
2.1	Breve percurso em Freud e Lacan.....	86
2.2	Os atos.....	97
2.3	Masculino e feminino: posicionamento do sujeito na fantasia.....	108
3	QUATRO MULHERES: aplicando a teoria.....	115
3.1	Gertrude Bainszewski.....	117
3.2	Erika Kohut.....	124
3.3	Violette.....	127
3.4	Suzane von Richthofen.....	131
	CONCLUSÃO.....	136
	REFERÊNCIAS.....	141

INTRODUÇÃO: sobre o tema a pesquisar

O tema desta tese dá prosseguimento à pesquisa sobre perversão iniciada no curso de Especialização em Psicanálise e Saúde Mental e estendida no Mestrado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise¹, e busca entender ou confrontar as afirmativas no campo lacaniano de que não existe estrutura perversa nas mulheres.

Destacamos algumas dessas afirmações referentes às mulheres e à estrutura perversa: Lacan (1956-1957/1995, p.156-157) diz que “o fetichismo é excessivamente raro na mulher”. Freud (1940[1938]/2004, p.204, tradução nossa) declara que “em casos de fetichismo [...] o paciente (masculino quase sempre) não reconhece a falta de pênis na mulher”². Já Valas (1990, p. 114) reafirma que “[...] as grandes posições perversas são devolvidas ao homem, e não à mulher”. Dor (1991, p. 36) alega que “de fato, a própria ideia da existência de uma estrutura perversa na mulher é bastante problemática, quando, ainda assim, é incontestável que possamos observar manifestações perversas nos comportamentos femininos”. Bonnet (2001) aponta que os primeiros autores (Krafft-Ebing, Moll) sempre procederam como se a perversão concernisse aos dois sexos, citando principalmente, porém, exemplos de homens. Posteriormente, deduziram que a perversão existia essencialmente nos homens e excepcionalmente nas mulheres – essa é a visão lacaniana, sublinha Bonnet. Os exames de casos publicados e publicações atuais, afirma o autor, atestam que a perversão existe, sob múltiplas formas, nas mulheres, mas que elas raramente são anti-sociais, além de serem menos rígidas e estereotipadas, senão se tornariam insuportáveis a longo prazo. No entanto, esta opinião se baseia, sobretudo, nas publicações de Stoller (BONNET, 2001).

¹ Parte dessa pesquisa foi publicada nos artigos *Mulher perversa?* (2013) e *Algumas questões sobre a perversão estrutural na mulher* (2012).

² Na versão da Imago, falta uma frase essencial, que consta na edição da Amorrortu:

“O ponto de vista que postula que em todas as psicoses há uma *divisão do ego* (*splitting of the ego*) não poderia chamar tanta atenção se não se revelasse passível de aplicação a outros estados mais semelhantes às neuroses e, finalmente, às próprias neuroses. Esta anormalidade, que pode ser englobada entre as perversões, baseia-se, como é bem sabido, em o paciente (que é quase sempre do sexo masculino) não reconhecer o fato de que as mulheres não possuem pênis — fato que lhe é extremamente indesejável, visto tratar-se de uma prova da possibilidade de ele próprio ser castrado” (FREUD, 1940[1938]/2006, p. 216).

“El punto de vista que postula en todas las psicosis una *escisión del yo* no tendría títulos para reclamar tanta consideración si no demostrara su acerto em otros estados más semejantes a las neurosis y, en definitiva, en estas mismas. Me he convencido de ello sobre todo en casos de *fetichismo*. Esta anormalidade, que es lícito incluir entre las perversiones, tiene su fundamento, como es notório, en que el paciente (masculino casi siempre) no reconoce la falta de pene de la mujer, que, como prueba de la posibilidad de su propia castración, le resulta en extremo indeseada. Por eso desmiente la percepción sensorial genuína que le ha mostrado la falta de pene en los genitales femeninos, y se atiene a la convicción contraria” (FREUD, 1940[1938]/2004, p. 204).

Essas asseverações já nos suscitam algumas perguntas: que mulher é essa que não pode ser estruturalmente perversa? Como a psicanálise define o que é homem e o que é mulher? As aspas na palavra *mulheres* foram colocadas no título da presente tese justamente por pensarmos que essas indagações são necessárias antes de se afirmar que uma mulher não pode ser perversa de estrutura. Trabalharemos esta questão adiante, especificamente na terceira parte do segundo capítulo. Inicialmente, iremos nos deter ao estudo da perversão para, então, relacioná-la às mulheres.

A perversão tem algumas facetas. Etimologicamente, ela provém do latim *pervertere* (e suas variações) que significa “virar, voltar, pôr às avessas; abater, derrubar; destruir, estragar, transtornar, desordenar; arruinar; mudar, alterar, modificar inteiramente; corromper, viciar” (HOUAISS, 2001, p. 2198). Comumente, a perversão é associada à crueldade e à imoralidade. Perversidade, no entanto, não é aquilo que a psicanálise chama de perversão. Anteriormente a Freud, a perversão foi tratada como “loucura moral”, como um problema do sistema nervoso central e até um desvio da esfera sexual referente ao seu alvo - a reprodução-, só para citar alguns de seus entendimentos.

A teoria da sexualidade foi uma grande subversão psicanalítica, pois demonstrou, através do conceito de pulsão, que não estamos a serviço da manutenção e preservação da espécie. Assim sendo, tudo aquilo que era configurado como desvio, errância ou aberração segundo uma lógica instintiva, fazia parte da sexualidade humana para Freud (1905/2006). A sexualidade, com sua estrutura perverso-polimorfa, não respondia mais a uma condição naturalista do desejo.

A perversão também é tratada na psicanálise como uma estrutura clínica, assim como a neurose e a psicose, ou seja, como resultado da subjetivação advinda da dialética edipiana. O perverso, diante da castração, a desmente (*Verleugnung*), evitando a todo custo se colocar como sujeito, pois isso implicaria ser faltoso, dividido, castrado.

No entanto, pensamos que a perversão não pode ser tratada apenas pelo prisma da perversão-polimorfa e do mecanismo da *Verleugnung*. A fixação da pulsão a um objeto, denotando seu caráter de exclusividade, e o caráter regressivo da libido são características, a nosso ver, essenciais para o entendimento da perversão, as quais Freud já aponta desde os seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006).

Portanto, nosso primeiro capítulo, intitulado simplesmente de “perversão”, será dividido em “perversão: um dos nomes da sexualidade”, “estruturando a perversão” e “os tipos de perversão”. No primeiro tópico abordaremos brevemente como a perversão era entendida antes de Freud até a sua reinvenção pelo conceito de sexualidade. Em seguida,

trataremos a perversão estrutural através das categorias de fixação, exclusividade e regressão, relevaremos a importância das fantasias de espancamento e do Complexo de Édipo, para finalmente discorrermos sobre o mecanismo do desmentido (*Verleugnung*). No último tópico, versaremos sobre a perversão fetichista, sádica, masoquista, voyeurista e exibicionista, onde serão esmiuçadas as obras do Marquês de Sade e de Leopold von Sacher-Masoch, autores que inspiraram o termo sadismo e masoquismo.

Como nosso interesse é discutir a perversão na mulher, decidimos abordá-la a partir da fantasia, à qual dedicaremos nosso segundo capítulo. Iniciaremos esta seção com o percurso de Freud na elaboração deste conceito, essencial para a teoria e clínica psicanalíticas, e com a imprescindível contribuição lacaniana ao tema. Depois, destinaremos um tópico aos atos - “ato psicanalítico”, “*acting out*” e “passagem ao ato” - para pensarmos sobre o ato perverso. Para isso, faz-se necessário refletir sobre desejo e gozo, afinal, Lacan (1972-1973/2008) nomeou um gozo perverso, ao lado do místico, do feminino e do fálico. Posteriormente, falaremos de como a psicanálise trabalha o masculino e o feminino, para assim indagar a questão da mulher na perversão. Na trama dos conceitos abordados nestes dois capítulos, interrogaremos as dificuldades da clínica da perversão.

O terceiro capítulo será destinado a discutir a perversão a partir dos casos de quatro mulheres: Gertrude Bainszewski, uma dona de casa estadunidense que, com a ajuda das crianças da vizinhança e de seus próprios filhos, cometeu atos extremamente abusivos contra a adolescente Sylvia Likens, levando-a à morte; Erika Kohut, personagem de *A professora de piano* (2001), que a todo instante, em busca de gozo, divide e angustia seus alunos, especialmente Walter Kammel; Violette, uma fetichista perversa, conforme diagnostica seu analista, Serge André (1995); e Suzane Richthofen, uma mulher conhecida nos noticiários brasileiros por haver tramado o assassinato de seus próprios pais. Acreditamos que estes casos ajudar-nos-ão a refletir sobre a teoria explanada anteriormente a respeito da perversão nas mulheres.

1 PERVERSÃO

Este capítulo será dedicado à perversão, tema principal de nossa investigação, o que requer alguns cuidados de antemão. Os vieses psiquiátrico, sociológico e jurídico relacionam a perversão a sujeitos subentendidos como maus ou cruéis, cujos atos desviantes e anti-sociais agem na contramão das leis morais. Tal entendimento, no entanto, refere-se à perversidade. A perversão, segundo preceitos psicanalíticos, diz respeito, de maneira geral, à sexualidade humana (perversão-polimorfa) e à subjetivação advinda da dialética edipiana (estrutura perversa).

Na própria psicanálise, entretanto, o estudo da perversão também foi alvo de mal-entendidos, principalmente no que concerne ao seu status diagnóstico. Por exemplo, Robert Stoller (2007), psiquiatra e psicanalista estadunidense, coloca a hostilidade como elemento estrutural primordial da perversão. Ela seria a forma erótica do ódio, onde o perverso atuaria a sua fantasia de ferir o outro. Logo, a cena perversa, além de negar a castração, visa à manutenção da identidade sexual ameaçada por meio de um adiamento eterno do desfecho do conflito edípico. A hostilidade entra neste quadro justamente para reverter o trauma infantil em triunfo: o que foi vivido é evocado de forma inconsciente durante o ato, mas, contrariamente ao final real traumático, o perverso provoca ativamente no objeto escolhido um desfecho de vitória, prazer e orgasmo. Um ponto controverso é o privilégio que Stoller dá à posição identificatória inicial como determinante da posição sexual, em vez da escolha do objeto. Neste sentido, se a criança está inicialmente identificada à mãe, o caminho dos meninos para atingir a masculinidade é mais tortuoso do que o das meninas para alcançar a feminilidade. Ainda, para este autor, a primazia é do seio e da capacidade de procriação da mulher (ou seja, não há primazia do pênis). Isso significa que os meninos atribuem um falo à mulher para negar a superioridade – e não a inferioridade – dela. Só assim que Stoller consegue compreender porque a perversão incidiria com maior frequência nos homens, já que, para ele, a formação da masculinidade é menos linear e simples do que a da feminilidade.

Masud Khan, um colaborador muito próximo de Winnicott, afirma que o fetiche não pode encontrar explicação somente em Freud, e compactua da mesma visão de Stoller quanto à primazia do seio. Ele qualifica o fetichismo como uma regressão oral, colocando o próprio pênis como fetiche substituto do seio materno. Consequentemente, a angústia em questão não é relativa à castração fálica. Desta forma, segundo a teoria de Kahn, não há problema em colocar a mulher como perversa, já que a atuação do pênis é mais restrita do que na

concepção de Freud e Lacan, e o seio teria a mesma importância para ambos, seja menino ou menina (FERRAZ, 2004).

Kahn também associa a alienação à perversão. Ele recorre a Marx e Freud para distinguir a pessoa alienada da sociedade da pessoa alienada de si mesma. O perverso, para ele, coloca sempre um objeto impessoal – seja uma fantasia estereotipada, um artifício ou uma imagem pornográfica – entre seu desejo e seu cúmplice, o que implica numa alienação de si mesmo e do objeto do seu desejo. Sendo assim, a alienação pressupõe que a perversão decorre de uma patologia do eu, o que leva Kahn a situar a perversão mais próxima da psicose do que da neurose (FERRAZ, 2004).

Chasseguet-Smirgel (1991) defende que a criação do fetiche está associada à recusa dos poderes genitais do pai. A estrutura perversa é baseada na crença de que o menino não precisa crescer, pois agrada a mãe do jeito que é, ou seja, o lugar do pai já foi tomado.

Entendimentos como de Stoller e Kahn acerca da perversão, dentre outros, podem ser exemplos do que Askofaré (2012) concebe como “tendência de apagamento da perversão” enquanto estrutura clínica em benefício dos estados-limites (também chamados de *borderline*) ou da extensão do campo da psicose. Isto talvez explique a redução da perversão aos traços perversos na neurose, as instalações (disposições³) perversas na psicose ou sua dissolução nas organizações limites. Nossa pesquisa, no entanto, parte de uma leitura das obras de Freud por meio de Lacan, logo, a perversão como estrutura clínica diferente da neurose e da psicose não nos é apresentada como questão, e sua distinção da perversão-polimorfa será delimitada ao longo deste capítulo.

A perversão foi abordada por alguns autores a partir de três eixos, no intuito de dar conta de sua complexidade. Askofaré (2006) dedica o primeiro eixo à sexualidade e ao que ele chama de “vida pulsional”, dos quais os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006) e quase todas as obras referentes à clínica freudiana fazem parte. O segundo eixo gira em torno da incidência do inconsciente, mais precisamente do trabalho do inconsciente na vida sexual do neurótico, por meio das formações de sintomas e fantasias, nas quais as obras *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919/2006) e *O problema econômico do masoquismo* (1924a/2007) se encaixam. Já o último é restringido à estrutura clínica da perversão (distinta da neurose e da psicose), e tem os artigos *Fetichismo* (1927/2007) e *A cisão do Eu no processo de defesa* (1940 [1938]/2007) – além dos textos do primeiro eixo – como representantes. Tais eixos não representam sequências temporais; Freud já os aborda desde 1905.

3 No original: “aménagements pervers” (ASKOFARÉ, 2012, p. 2).

Na proposição de Chasseguet-Smirgel (1991), o primeiro eixo é baseado no axioma encontrado nos *Três ensaios* (1905/2006), “a neurose é o negativo da perversão”, e em artigos subsequentes. O segundo é referente ao Complexo de Édipo, pois ele não é apenas o núcleo das neuroses, mas também o das perversões. Este momento é representado pelas obras *Uma criança é espancada* (1919/2006), *A organização genital infantil* (1923/2006) e *A dissolução do complexo de Édipo* (1924/2006), e o que dele vale salientar é que a perversão herda a carga libidinal que pertencia ao Complexo de Édipo. Já o último eixo foi formulado com o *Fetichismo* (1927/2007), onde a negação/recusa/desmentido (*Verleugnung*) da castração é posto em relevo, associando-se à noção de cisão do eu (1940 [1938]/2007). Queiroz (2004), no livro intitulado *A clínica da perversão*, também marca três tempos na obra freudiana relativos à noção de perversão. A autora não coloca a concepção de negativo da perversão como um deles, pois indica que isso seria reduzir tal axioma que só ganha complexidade ao longo da teoria. Ela identifica o momento em que Freud abandona a teoria da sedução para a descoberta da fantasia como o primeiro marco, pois assim a realidade psíquica e a função do imaginário são realçadas.

Martinho (2011), em sua tese defendida pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, pensa a perversão por meio dos seguintes eixos: “o instante do olhar”, que reflete o momento em que Freud distingue a perversidade da perversão sexual, baseando-se também nos *Três ensaios* (1905/2006); “o tempo para compreender”, marcado por um momento de virada no pensamento analítico no que se refere à neurose e à perversão, utilizando *Uma criança é espancada* (1919/2006) como fonte; e, finalmente, “o momento de concluir”, que demonstra um novo desenvolvimento metapsicológico na obra freudiana com o texto *Fetichismo* (1927/2007), distinguindo a estrutura perversa das demais estruturas clínicas.

Apesar de trabalharem à sua maneira e realçarem diferentes aspectos, é notório que os três tempos delimitados por cada um desses autores são similares, e isso não é por acaso. De fato, Freud, ao declarar a vigência de uma sexualidade infantil com uma estrutura perverso-polimorfa, inaugura uma nova forma de pensar o ser humano, extraindo-o de um ciclo instintivo e de uma lógica naturalista do desejo, não restringindo mais a sexualidade humana ao aspecto reprodutivo. A fantasia e a vivência edípica são aspectos de suma importância ao estudar qualquer estrutura clínica, pois é pelo posicionamento do sujeito na fantasia e por sua travessia no Édipo que o situamos como neurótico, psicótico ou perverso. Não obstante, o texto sobre o fetichismo instaura um marco para o entendimento da perversão ao denotar um mecanismo exclusivo do fetichista.

Todavia, não trabalharemos a perversão por meio destas três viradas na obra freudiana, já bem dissecadas por outros autores. Buscaremos trazer à tona outras características que julgamos primordiais e que constatamos perpassar toda a obra de Freud no que concerne às perversões. Portanto, a princípio retrataremos sucintamente o campo do sexual e da perversão anterior a Freud, distinguiremos perversão de perversidade e explicitaremos, por meio da psicanálise e especialmente com os *Três ensaios* (1905/2006), a disposição perverso-polimorfa da sexualidade humana. Posteriormente, no tópico intitulado “estruturando a perversão”, pontuaremos os aspectos que consideramos cruciais para a configuração da perversão estrutural, tais como a fixação e a exclusividade - características cautelosamente elucidadas por Freud desde 1905 -, a regressão, as fantasias de espancamento (indissociáveis à vivência edípica) e o mecanismo indicado por Lacan como referente à estrutura perversa, *Verleugnung*. Em seguida, trabalharemos as formas em que se apresenta a perversão: fetichismo, sadismo, masoquismo, voyeurismo e exibicionismo. É a partir desta trajetória que consideramos concebível adentrar na questão referente à perversão e à mulher.

1.1 Perversão: um dos nomes da sexualidade

Anteriormente a Freud e, então, à psicanálise, Pinel, em 1809, propôs a expressão “mania sem delírio”, descrevendo a perversão como uma “loucura moral”. As obras médicas posteriores demonstraram, pouco a pouco, que a perversão correspondia a uma verdadeira doença psíquica. Entretanto, médicos como Esquirol perturbavam o pensamento então disseminado com teorias de vanguarda que atrelavam a perversão a uma monomania instintiva ou impulsiva. Porém, a partir de 1880, a corrente organicista ganha força com Magnan e alguns expoentes médicos alemães, que consideram a perversão um problema de funcionamento hierarquizado do sistema nervoso central, na tentativa de legitimar a intervenção médica nestes casos. Krafft-Ebing, no seu rico tratado das perversões chamado *Psychopathia sexualis* (1886), apesar de compartilhar as mesmas convicções neurológicas da época, propõe uma classificação elaborada das perversões em relação a um funcionamento considerado normal, isto é, delimita as perversões sexuais às satisfações eróticas cujo objetivo não visava a preservação da espécie. Freud tomou emprestado esta noção de perversão - como um desvio de uma função normal, especialmente no tocante à esfera sexual - e a enriqueceu ao articulá-la a conceitos de sua própria criação: a pulsão, a sexualidade infantil, o sintoma, a

fantasia, o desmentido da castração e a clivagem. Bonnet (2001) complementa afirmando que a teoria constitucionalista e organicista das perversões ficou rapidamente insustentável do ponto de vista científico, só fazendo sentido no contexto jurídico do momento para livrar os perversos de condenações muito severas.

A primeira aparição do termo perversão em Freud remonta a 1888 (2006, p. 88), em uma carta a Fliess. Ali, Freud pontua que “em numerosos casos, a histeria é, por certo, simplesmente sintoma de profunda degeneração do sistema nervoso, que se manifesta em perversão moral permanente”. Posteriormente, em *Um caso de cura pelo hipnotismo* (1892-1893/2006, p. 164-165), ao relatar o caso de uma mãe que se viu impedida de amamentar o seu filho por dificuldades neuróticas, Freud afirma que “em contraste com a *fraqueza* da vontade mostrada na neurastenia, temos uma *perversão* da vontade; e, em contraste com a resignada irresolução mostrada no primeiro caso, aqui encontramos surpresa e exasperação ante uma dissensão que é incompreensível para a paciente”. Seu interesse sobre a perversão é crescente, como percebemos nos seus questionamentos endereçados a Fliess⁴, onde ele acredita, num primeiro tempo, que ela é uma das consequências de experiências sexuais prematuras, afirmando ainda que por trás de toda histérica haveria um pai perverso.

Freud ainda não havia elaborado sua teoria da fantasia, mas, a partir da carta 69 (21 de setembro de 1897/2006), percebemos algumas indagações a respeito da sua constatação prévia sobre a etiologia das neuroses, abrindo um caminho que possibilitou, mais tarde, elucubrações a respeito da fantasia. Nesta carta, Freud não mais acredita que todos os casos de neurose seriam resultantes de experiências sedutoras promovidas por um pai perverso, pois, se assim fosse, a perversão seria acentuadamente mais frequente do que a histeria. Mesmo ainda associando a perversão à zoofilia e a qualificando com um caráter animal⁵, ele pôde revelar a histeria como negativo da perversão⁶ e atribuir à perversão o que posteriormente definiria como a fixação da pulsão.

Finalmente, Freud (1905 [1901]/2006) se afasta de vez da conotação de bestialidade e degeneração que a perversão assumia, e ainda afirma que todos nós uma vez ou outra transgredimos os estreitos limites da normalidade. Desta forma, chegamos aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006), canônico texto freudiano sobre pulsão e sexualidade, cujo primeiro ensaio é destinado a uma análise das aberrações, errâncias sexuais.

⁴Freud trata de alguma forma sobre a perversão em nove extratos de documentos dirigidos a Fliess: cartas 21, 52, 55, 57, 69, 75, 125 e os rascunhos K e N.

⁵ Carta 55 - 11 de janeiro de 1897/2006.

⁶ Carta 57 - 24 de janeiro de 1897/2006.

O tema deste primeiro ensaio é fundamental para percebermos como a psicanálise e, mais precisamente, os *Três ensaios*, são um divisor de águas no entendimento da sexualidade. Para a sexologia da época, o sexual era reduzido aos órgãos genitais, ao gozo no ato sexual e à função reprodutora, e o que escapava disso - a homossexualidade (“desvio quanto ao objeto sexual”), o prazer anal, a masturbação, as delongas nos atos preparatórios do processo sexual etc. (“desvio quanto ao alvo sexual”) - era entendido como aberração sexual. Assim, tudo que constituísse mero prazer, longe da finalidade estipulada, era considerado aberrante, desviante e, portanto, perverso.

É natural que os médicos, que inicialmente estudaram as perversões em exemplos bem marcados e em condições especiais, tenham-se inclinado a adjudicar-lhes o caráter de um sinal de degeneração ou doença, tal como havia ocorrido com a inversão. Não obstante, é ainda mais fácil descartar tal opinião no presente caso. *A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade.* Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão.

Ainda assim, em muitas dessas perversões a qualidade do novo alvo sexual é de tal ordem que requer uma apreciação especial. Algumas delas afastam-se tanto do normal em seu conteúdo que não podemos deixar de declará-las “patológicas”, sobretudo nos casos em que a pulsão sexual realiza obras assombrosas (lamber excrementos, abusar de cadáveres) na superação das resistências (vergonha, asco, horror ou dor). *Nem mesmo nesses casos, porém, pode-se ter uma expectativa certa de que em seus autores se revelem regularmente pessoas com outras anormalidades graves ou doentes mentais. Tampouco nesses casos pode-se passar por cima do fato de que pessoas cuja conduta é normal em outros aspectos colocam-se como doentes apenas no campo da vida sexual, sob o domínio da mais irrefreável de todas as pulsões.* Por outro lado, a anormalidade manifesta nas outras relações da vida costuma mostrar invariavelmente um fundo de conduta sexual anormal (FREUD, 1905/2006, p. 152, grifo nosso).

Iwan Bloch (1902-1903), a quem Freud (1916-1917[1915-1917]/2006) deu os devidos méritos quanto à sua contribuição ao estudo das perversões, já corrigia a opinião de que todas as perversões são “sinais de degeneração”, mostrando que tais aberrações do fim sexual, tais afrouxamentos do nexos com o objeto sexual, ocorreram desde tempos imemoriais em todas as épocas conhecidas entre todos os povos, os mais primitivos e os mais civilizados, e, em algumas ocasiões, foram tolerados e difusamente reconhecidos.

Ao introduzir o conceito de pulsão, Freud rebate o saber reducionista e biologizante de sua época, demonstrando que a sexualidade vai além do sexo e da reprodução da espécie, ideia essa calcada no humano como um ser instintivo. Por pulsão podemos entender, a

princípio, “o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente”, sendo, portanto, um dos conceitos da delimitação entre o somático e o psíquico. “A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica” (FREUD, 1905/2006, p. 159).

A grande distinção entre pulsão e instinto, à parte da fonte (“endossomática”, as bordas orificiais do corpo) e da pressão constante (“estimulação que flui continuamente”), é feita na ideia de objetivo e objeto. O objeto do instinto é um parceiro, adulto no período fértil, e o objetivo é a reprodução. A pulsão tem sempre como objetivo a satisfação, porém ela é sempre parcial, e o objeto é a via pela qual a pulsão atinge seu objetivo. Se o instinto tem um objeto, na pulsão ele é o que há de mais variável. Como não há um objeto primordial, a pulsão se satisfaz por objetos substitutivos.

Sendo um ser pulsional e não funcional, qualquer objeto pode ser alçado à categoria de objeto de desejo, e nossa satisfação não está mais a serviço da reprodução. A partir de então, desvio, transgressão e aberração são os nomes da sexualidade humana, uma sexualidade perversa - que foge à regra da perpetuação da espécie, indo além da sexologia da época - que se apresenta sob várias formas: a perversão-polimorfa.

A perversão-polimorfa, como ressaltou Askofaré (2006), é um regime de gozo. Freud (1905/2006), ao descrever as fases da organização pré-genital infantil, identifica os rudimentos e etapas preliminares da organização das pulsões parciais e como elas se configuram numa espécie de regime sexual. Isso significa que, inicialmente, a criança só dispõe das pulsões sexuais parciais como modos de acesso ao gozo. Se antes acreditavam que a sexualidade só se despertava na adolescência, Freud desvela a sexualidade infantil e remete à adolescência o despertar da função reprodutiva (pois já se atingiu a fase genital), que, para seus fins, faz uso dos componentes físicos e mentais já presentes anteriormente. Apesar de a predisposição perverso-polimorfa ter sido estabelecida a partir da observação em crianças, ela não é tanto atrelada à idade e, sim, à pulsão. Cabe ressaltar que a qualidade perverso-polimorfa da pulsão na criança é essencial para a formação de um sujeito, além de instrumentalizar a relação com outras crianças e com o mundo, formando, assim, laços sociais. Mas Freud também se refere, contudo, à polimorfia perversa como uma predisposição a todas as perversões, como um traço universal e original do ser humano. Logo, a vida sexual dos neuróticos começa como a dos perversos, ou seja, toda uma parte da sua infância é ocupada por uma atividade sexual perversa, que ocasionalmente se estende para além da maturidade. No entanto, em razão de causas internas, produz-se uma reversão devido ao

recalcamento, e a partir disso a neurose toma o lugar da perversão, sem extinguir as antigas pulsões.

Boa parte da oposição contra estas minhas teses se esclarece pelo fato de que a sexualidade, da qual derivo os sintomas psiconeuróticos, é considerada coincidente com a pulsão sexual normal. Só que a psicanálise ensina ainda mais. Ela mostra que de modo algum os sintomas surgem apenas à custa da chamada pulsão sexual normal (pelo menos não de maneira exclusiva ou predominante), mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de *perversas* (no sentido mais lato) se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósitos da fantasia e em ações. Portanto, os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade *anormal*; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão (FREUD, 1905/2006, p.157).

A neurose é entendida como negativo das perversões “porque nas neuroses os impulsos pervertidos, após terem sido reprimidos, manifestam-se a partir da parte inconsciente da mente - porque as neuroses contêm as mesmas tendências, ainda que em estado de ‘repressão’, das perversões positivas” (FREUD, 1908a/2006, p. 176-177). Neste período Freud adentrava no terreno das fantasias, e ainda se via às voltas com as delimitações de inconsciente e consciente, neurose e perversão. No mesmo ano, Freud formula suas primeiras relações entre a perversão e a fantasia, afirmando que o “conteúdo das fantasias inconscientes do histérico corresponde em sua totalidade às situações nas quais os perversos obtêm conscientemente satisfação”⁷ (FREUD, 1908b/2006, p. 151). Essa concepção exige ser tratada cautelosamente, pois dela muitas vezes se conclui, precipitadamente, que o neurótico recalca no inconsciente as fantasias que o perverso conscientemente coloca em ato. É esse tipo de entendimento que leva os neuróticos a idealizarem o perverso, supondo que ele é que sabe gozar.

Lembremos que tanto na neurose quanto na perversão há a ação do Nome-do-Pai, há recalque originário e há instauração da fantasia inconsciente fundamental. Lacan (1957-1958/1999, p. 349) aponta que “há tanta *Verdrängung* numa perversão quanto num sintoma”, orientando-nos que não podemos reduzir o perverso àquele que realiza as fantasias neuróticas, pois na perversão há similaridades com a estrutura de recalque própria da neurose.

Desde 1915, Freud já sublinhava uma distinção entre o retorno do recalcado na neurose e na perversão. Ele afirma que cada retorno do recalcado pode ter seu destino de forma altamente individual, particular e, neste contexto, os objetos preferidos de um homem provêm das mesmas percepções e experiências vividas que seus objetos mais execrados; só se

⁷ Essa concepção é repetida no já citado *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908a/2006) e em *Cinco lições de psicanálise* (1910[1909]/2006).

diferenciam por pequenas modificações. Remete-se, então, à origem do fetiche, onde “o representante pulsional original tenha sido decomposto em duas partes, uma das quais sucumbiu ao recalque, enquanto o resto, exatamente por causa dessa estreita conexão sofreu o destino da idealização” (FREUD, 1915b/2004, p.180).

Com essa afirmação, Freud ratifica sua ideia apresentada em 1909, de que o fetiche é reservado à categoria de fenômeno enigmático. Pontua que o fetichista não sofre de reminiscência, mas do recalque de uma pulsão: recalca-se um fragmento enquanto o outro é idealizado e fetichizado. Exemplifica seu ponto com o caso de um homem, psiquicamente impotente, cujo interesse pelas mulheres era voltado para as suas vestimentas. Todavia, este interesse surgiu a partir do recalque da sua pulsão de olhar, e esta, por sua vez, foi oriunda do fato de ter sido um espectador constante, *voyeur*, do desnudamento da sua mãe. “Ele adora aquilo que anteriormente o impedia de ver: ele tornou-se fetichista de vestimenta por recalque do prazer de olhar” (FREUD, 1909/1992, p.378). O interesse deste paciente pelas roupas ecoava em outros elementos: era dedicado à filosofia e importava-se muito com os nomes das coisas. “Desviou seu interesse das coisas pelas palavras, que, de certa forma, vestem as ideias” (FREUD, 1909/1992, p. 377).

Este tipo de recalque já era observável antes de se configurar a explicação do fetichismo. Freud recorre a uma época anterior à Idade Média, quando a Virgem Maria tornava-se a idealização da mãe enquanto se recalava a sensualidade e se rebaixava a mulher.

Em termos lacanianos, tanto a perversão quanto a neurose estão inscritas no simbólico. O próprio Lacan mostra-se prudente ao nos precaver que não devemos reduzir esta questão entendendo que o perverso põe em ato aquilo que o neurótico fantasia. Segundo ele, temos que situar em que nível da estruturação subjetiva se passa o fenômeno, e pontua que “Freud marca claramente que o problema da constituição de toda a perversão deve ser abordado a partir do Édipo, através dos avatares, da aventura, da revolução do Édipo” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 122). Incontestavelmente, a vivência edípica é determinante para a organização psíquica do sujeito enquanto neurótico, psicótico ou perverso, entretanto, apostamos na relevância de outros aspectos para a instauração da perversão estrutural, como veremos a seguir.

1.2 Estruturando a perversão

1.2.1 Fixação e exclusividade

Todo sujeito é marcado por experiências infantis e se mantém ligado a modos de gozo que o influenciam e promovem repetições de experiências passadas a fim de obter satisfação, como também ocasionam a resistência do sujeito em livrar-se deles.

Lacan (1961-1962/2003) recorre a um objeto topológico, o toro, para explicar a repetição, a busca de satisfação. Ele não tem forma: é o próprio caminho das voltas da demanda que funda um vazio no centro. É um pedido que se renova tentando resgatar o impossível e que circunda o vazio da falta do objeto da demanda. Até quando o toro se fecha e volta ao primeiro ponto, aquele não é mais o primeiro ponto. A repetição nunca repete a mesma coisa; é a ideia do +1. Há uma marca e a repetição busca um caminho para reencontrar esta marca e reviver a experiência de satisfação. Mas, toda vez que a “reencontra” (na verdade, ela nunca é encontrada), é esta marca +1. A experiência original está perdida: a repetição está sempre além ou aquém daquilo que procurou.

Esta marca que suscita a repetição abalizando os modos de gozo do sujeito remete-se à fixação da libido na teoria freudiana (1905) e à compulsão à repetição (1920). Inicialmente a noção de fixação define-se pela persistência por alguma atividade ou por algum objeto. Essa concepção é ampliada com o desenvolvimento da teoria das fases da libido, sobretudo as fases pré-genitais. A fixação incidiria sobre toda uma estrutura da atividade característica de uma dada fase.

Até 1920, momento da virada para o segundo dualismo pulsional, Freud elaborara uma teoria em que a dicotomia prazer/desprazer, reguladas pelo Princípio de Prazer e de Realidade, rege o funcionamento do aparelho psíquico. Aqui predominava o ponto de vista econômico: o aumento e o acúmulo da quantidade de excitação provocam despreazer, assim como sua diminuição promove o prazer. No entanto, desde 1905 algumas questões vinham preocupando Freud: o sadismo, o masoquismo e o sentimento de culpa. Deveria haver alguma coisa que induziria o sujeito a repetir de modo compulsivo experiências que escapam às leis do Princípio do Prazer. As observações das brincadeiras infantis, dos sonhos dos neuróticos de guerra e de determinados aspectos transferenciais levaram-no a supor que existiria algo vinculado à compulsão de repetição, que sobrepuja o Princípio de Prazer, vai *além* deste,

fazendo com que o sujeito seja arrastado por uma espécie de força demoníaca – a pulsão de morte.

A experiência de satisfação e a busca por sua repetição são atreladas à ideia de fixação. Foi nos primórdios da psicanálise, quando Freud apontava para a universalidade perversa da sexualidade humana, que tratou dos pontos de fixação libidinal. No próprio *Três ensaios* (1905/2006), entretanto, ele curiosamente também já atentava para um outro aspecto da perversão que a diferenciava dessa estrutura perversa-polimorfa da sexualidade. Nas suas *considerações gerais sobre as perversões*, mais precisamente ao relatar sobre as suas variações e doenças, adverte:

Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão.

[...]

Na maioria dos casos podemos encontrar o caráter patológico da perversão, não no conteúdo do novo alvo sexual, mas em sua relação com a normalidade. Quando a perversão não se apresenta *ao lado* do alvo e do objeto sexuais normais, nos casos em que a situação é propícia a promovê-la e há circunstâncias desfavoráveis impedindo a normalidade, mas antes suplanta e substitui o normal em todas as circunstâncias, ou seja, quando há nela as características de *exclusividade* e *fixação*, então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico (FREUD, 1905/2006, p. 152-153).

Exclusividade e fixação⁸ são, portanto, duas características do “caráter patológico da perversão”. É nítido que Freud, através destas qualidades denominadas “patológicas”, percebe um excesso, algo além do campo da universalidade das perversões. O fetiche é, enquanto perversão-polimorfa, uma transgressão anatômica na qual uma parte do corpo se torna alvo sexual; na sua vertente “patológica” ele *se fixa*, indo além da condição mencionada, desprendendo-se de determinada pessoa e tornando-se o único objeto sexual. O conceito de sadismo oscila desde uma atitude meramente ativa ou mesmo violenta para com o objeto sexual até uma satisfação *exclusivamente* condicionada pela sujeição e maus-tratos a ele infligidos. “Num sentido estrito, somente este último caso extremo merece o nome de perversão” (FREUD, 1905/2006, p. 150). Freud ressalta que a análise clínica dos “casos

8 Também presentes em textos posteriores: *Cinco lições de psicanálise* (1910[1909]/2006), *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910a/2006), *A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose* (1913b/2006) - salvo quando Freud corresponde a perversão à paranóia idiopática - e, sobretudo, na *Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos*, *Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, *Conferência XXII – algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia* e *Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas* (1916-1917 [1915-1917]/2006).

extremos de perversão masoquista” mostra a colaboração de uma ampla série de fatores, como o complexo de castração e a consciência de culpa, no exagero e *fixação* da atitude sexual passiva originária. Já a escopofilia é considerada perversão quando restringe-se *exclusivamente* à genitália, liga-se à superação do asco (o *voyeur* - espectador das funções excretórias), ou quando suplanta o alvo sexual normal, em vez de ser preparatório a ele.

Ao tratar do fetichismo, sadismo, masoquismo e voyeurismo, a exclusividade e a fixação também delimitam o que é um simples componente da sexualidade humana da maneira pela qual o sujeito habita o mundo. “São essas as condições gerais para que meras variações da pulsão sexual se transformem em aberrações patológicas” (FREUD, 1905/2006, p.146). “Aberrações patológicas” são diferentes das aberrações sexuais - o primeiro dos seus três ensaios -, a sexualidade perverso-polimorfa.

A partir de 1911, no texto *Sobre a psicanálise* - publicado somente em 1913(2006) -, Freud afasta-se gradativamente da diferenciação que fazia entre neurose e perversão através da lógica “de que o que está inconsciente em uma manifesta-se conscientemente na outra”, acentuando novamente o caráter de fixação existente nas perversões e demonstrando a disposição que nós, seres da linguagem, temos a elas. Somos perversos antes de tudo. Esse caráter de fixação e exclusividade é retomado no texto *À guisa de introdução sobre o narcisismo* (1914/2004) para explicitar quando o narcisismo passa a ter o sentido de uma perversão, ou seja, quando o corpo enquanto objeto passa a absorver toda a vida sexual da pessoa⁹.

O ano de 1917 é bastante dedicado ao assunto das perversões, pois Freud publica algumas conferências¹⁰ relacionadas ao tema, direta ou indiretamente. Aqui, afirma assertivamente que “a essência das perversões não está na extensão do objetivo sexual, nem na substituição dos genitais, e, mesmo, nem sempre na escolha diferente do objeto, mas sim unicamente na exclusividade com a qual se efetuam esses desvios” (FREUD, (1916-1917[1915-1917]/2006, p. 325-326), tornando-se inquestionável o papel preponderante da fixação e da exclusividade na perversão estrutural.

Portanto, é perceptível que desde 1905 Freud distinguia a perversão-polimorfa, inerente ao humano enquanto ser de linguagem, de uma outra perversão, que diz respeito a monotonia da satisfação de um desejo pela via do gozo fálico, utilizando apenas um único

9 Posteriormente, Freud repetiu esta elaboração na *Conferência XXVI - A teoria da libido e o Narcisismo* (1916-1917[1915-1917]/2006) e em *Dois verbetes de enciclopédia* (1923[1922]/2006).

10 *Conferência XX - A vida sexual dos seres humanos*, *Conferência XXI - O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* e *Conferência XXII - Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão - etiologia* (1916-1917[1915-1917]/2006).

objeto de satisfação. Alberti (2005, p. 347) elucida que “no lugar, então, da liberdade do sujeito de se exercer sexualmente em toda a sua plenitude, o sujeito perverso se limita ao gozo de uma maneira só”.

É importante atentar que a fixação não é um fenômeno restrito à perversão. O processo do recalque – desde *O inconsciente* (1915a/2006) fracionado em recalque orgânico, recalque originário, recalque secundário e retorno do recalcado (sintoma) - era dividido em três fases: fixação, recalque propriamente dito e retorno do recalcado. A fixação, hoje aglomerada ao recalque originário, se dá quando uma determinada representação da pulsão não segue o curso da evolução libidinal e sofre uma inibição ou uma parada em seu desenvolvimento, permanecendo paralisada em um estágio infantil e comportando-se como uma corrente que pertence ao sistema inconsciente. Desta maneira, ela precede e condiciona o recalque propriamente dito.

As condições da fixação são de dois tipos, segundo Freud: ela é oriunda da história de vida do sujeito e é favorecida por fatores constitucionais. A fixação prepara as posições sobre as quais será operada a regressão e constitui uma predisposição tanto para o desenvolvimento posterior das neuroses quanto das perversões¹¹.

1.2.2 Regressão

A importância deste tópico recai no fato de que desde 1895 Freud já pensava sobre a perversão, ao articulá-la com o conceito de regressão.

Em *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/2006), há um apêndice que Freud dedica exclusivamente ao conceito da regressão. Ela surge pela primeira vez relacionada com um exame das perversões no caso clínico de Dora (1905[1901]/2006), mas sem qualquer referência explícita à “regressão”, sugerindo apenas que algum incidente fortuito na vida posterior inibe o desenvolvimento normal da sexualidade.

Esta espécie de regressão foi identificada por Freud nos *Três Ensaio*s (1905/2006) exercendo um papel não apenas nas perversões, mas também nas neuroses e na escolha normal de objeto na puberdade.

11 Freud conclui esse entendimento em *Dois verbetes de enciclopédia* (1923[1922]/2006, p.262).

A sexualidade normal dos adultos surge da sexualidade infantil através de uma série de desenvolvimentos, combinações, divisões e repressões que dificilmente se completam com perfeição ideal, deixando consequentemente em seu rastro predisposições a uma regressão da função, sob a forma de doença (FREUD, 1913d/2006, p. 183).

A importância do conceito de regressão foi ressaltada com a hipótese dos pontos de fixação e das organizações pré-genitais (oral, anal e fálica) no desenvolvimento da libido. Atentemos para os dois tipos de mecanismos diferentes na regressão: ela pode se tratar tanto de um retorno a um objeto libidinal anterior, particularmente característico da histeria, como de um retorno da própria libido a modos de funcionamento anteriores - ou seja, um objetivo sexual anterior¹² - comumente associado à neurose obsessiva.

É através da neurose obsessiva que Freud (1923/2006, p. 55) aborda a regressão da libido da fase genital para a anal-sádica, relacionando-a à defusão pulsional. A essência de uma regressão libidinal residiria na defusão da pulsão de morte da pulsão de vida, enquanto que o avanço de uma fase para outra estaria condicionada “a um acréscimo de componentes eróticos”.

Percebemos que a regressão está intimamente ligada à fixação, e ambas não são exclusivos da perversão. Na sua *Conferência XXIII – os caminhos da formação dos sintomas* (1916-1917[1915-1917]/2006), Freud relembra que o sintoma neurótico é resultado de um conflito relacionado à satisfação libidinal: a libido insatisfeita, que foi repelida pela realidade¹³, deve procurar outras vias para satisfazer-se. Se a realidade persistir intolerante, ainda que a libido esteja pronta a assumir um outro objeto em lugar daquele que lhe foi recusado, então a mesma libido, finalmente, será compelida a tomar o caminho da regressão e a tentar satisfazer-se em uma das organizações que já havia deixado para trás ou em um dos objetos que havia anteriormente abandonado. A libido é induzida a tomar o caminho da regressão pela fixação ocorrida nesses pontos do seu desenvolvimento.

“O caminho que leva à perversão se destaca nitidamente daquele que leva à neurose. Se essas regressões não suscitam objeção por parte do ego, não surgirá neurose alguma; e a libido chegará a alguma satisfação real, embora não mais uma satisfação normal” (FREUD, 1916-1917[1915-1917]/2006, p. 362). Desta forma, uma regressão da libido, sem recalque, não produziria uma neurose, mas uma perversão. Constatamos mais uma vez que, por mais

12 Essa distinção aparece também na *Conferência XXII - Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão - etiologia* (1916-1917[1915-1917]/2006).

13 Em 1917 ainda prevalecia a Primeira Tópica do aparelho psíquico, subdividido em consciente, pré-consciente e inconsciente. O texto *O eu e o id* (1923/2007) marca a virada para a Segunda Tópica (id, ego e superego), apresentando o ego como instância recalcante.

que Freud ainda não tenha revelado um mecanismo para a perversão, ele claramente a diferencia clinicamente da neurose.

Uma regressão da libido, sem repressão, jamais produziria uma neurose, mas levaria a uma perversão. Assim, os senhores podem ver que a repressão é o processo mais característico das neuroses e é de todos os mecanismos o mais característico. Talvez, mais adiante, venha a ter a oportunidade de dizer-lhes o que sabemos a respeito do mecanismo das perversões, e verão que, também no caso destas, as coisas não são tão simples como nós preferíamos imaginar (FREUD, 1916-1917[1915-1917]/2006, p. 347-348).

Freud (1933[1932]/2006) vai além e atribui à perversão as fixações do início da infância - acessadas mediante regressão - e também à influência de experiências e desenvolvimentos posteriores, mas questiona-se qual a parcela de contribuição de cada uma. Tais experiências e desenvolvimentos posteriores aos quais Freud se refere dizem respeito à vivência edípica, precisamente à inveja fálica. Freud, nesta conferência sobre feminilidade, elege-a como um dos caminhos possíveis para a mulher (juntamente à inibição sexual e ao complexo de masculinidade). Ao identificar a inveja fálica como o impulsionador do momento pré-edípico para o edípico nas meninas, isto é, como propulsor da mudança objetal da mãe para o pai, Freud relata que alguns analistas mostraram uma tendência a minimizar a importância dessa primeira instalação da inveja do pênis na fase fálica. Opinam que aquilo que encontramos dessa atitude em mulheres, é, principalmente, uma estrutura secundária surgida por ocasião de conflitos posteriores, mediante a regressão a esse impulso infantil inicial. E, para ele, no caso da inveja fálica, o fator infantil é preponderante à influência de experiências posteriores.

Prosseguindo com a questão edípica - que será abordada nos nossos próximos tópicos - em um momento dos seus *Três ensaios*, Freud (1905/2006, p. 184), ao falar do complexo de castração, assinala que “as formações substitutivas desse pênis perdido das mulheres desempenham um grande papel na forma assumida pelas diversas perversões”. É impressionante observar que, mais de duas décadas anteriores ao texto sobre o fetichismo (1927/2007), no qual Freud conceitua o fetiche como a crença na mãe fálica, ele já articulava a posição perversa como uma formação substitutiva da castração feminina. Partindo do princípio de que a dimensão substitutiva representa algo que não está presente, podemos traçar clinicamente que, enquanto na neurose o sintoma é entendido como uma formação substitutiva de um desejo recalcado, na perversão o fetiche substituiria “o pênis perdido das mulheres”.

Esses indícios, juntamente com sua constante comparação¹⁴ entre “normalidade”, neurose e perversão, ressaltam como Freud já pareava clinicamente os tipos diferentes de estrutura.

1.2.3 Fantasias de espancamento e a importância do Édipo

Numa carta à Ferenczi, Freud (1919/2006) anunciou que escrevia um texto sobre o masoquismo, que mais tarde foi nomeado como *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo das perversões sexuais*. A maior parte do artigo consiste num detalhamento clínico sobre esse tipo particular de perversão e na ampliação do entendimento sobre as perversões em geral - como indica o subtítulo -, sendo um complemento dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006).

Freud notou que as fantasias de espancamento de crianças eram extremamente comuns em casos de neurose. Elas são divididas em três fases e vieram substituir, por uma série de transformações, outras fantasias que tiveram um papel compreensível num momento de evolução do sujeito.

Antes de adentrar nas fases dessa fantasia, Freud revela a relação delas com a fixação, cuja importância para a compreensão da perversão já foi tratada¹⁵.

Uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação auto-erótica, só pode, à luz do nosso conhecimento atual, ser considerada como um traço primário de perversão. Um dos componentes da função sexual desenvolveu-se, ao que parece, à frente do resto, tornou-se prematuramente independente, sofreu uma fixação, sendo por isso afastadas dos processos posteriores de desenvolvimento, e, dessa forma, dá evidência de uma constituição peculiar e anormal no indivíduo. Sabemos que uma perversão infantil desse tipo não persiste necessariamente por toda a vida; mais tarde pode ser submetida à repressão, substituída por uma formação reativa ou transformada por meio da sublimação. (É possível que a sublimação nasça de algum processo especial que seria detido pela repressão.) Se esses processos, contudo, não ocorrem, a perversão persiste até a maturidade; e sempre que encontramos uma aberração sexual em adultos — perversão, fetichismo, inversão — temos motivos para esperar que a investigação anamnésica revele um evento como o que sugeri, que conduza a uma fixação na infância (FREUD, 1919/2006, p. 197-198).

14 *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006), *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1906 [1905]/2006), *Sobre a psicanálise* (1913[1911]/2006), *A disposição à neurose obsessiva* (1913b/2006), *Conferência XX - a vida sexual dos seres humanos* (1916-1917[1915-1917]/2006).

15 Cf. p. 23.

Ao contrário dos outros textos freudianos relativos à perversão, este se baseia em exemplos de mulheres, e não de homens. No entanto, os casos masculinos são descritos como autênticos masoquistas, no sentido de serem perversos sexuais.

As fantasias de espancamento são referentes a um período primitivo que remete ao envolvimento da criança “nas agitações do seu complexo parental” (FREUD, 1919/2006, p. 202).

Nesta época Freud está em vias de publicar seus principais artigos sobre o Complexo de Édipo¹⁶. As fantasias infantis de bater numa criança são atreladas à vivência edípica. Sabemos que a primeira escolha de objeto amoroso feita pela criança é a mãe; é ela a primeira a seduzi-la e despertar as suas inúmeras sensações sexuais corporais. Aliás, um dos motivos pelos quais o bebê se vincula à mãe é devido ao *desamparo original* ou *desamparo infantil*, situação com a qual se depara todo recém-nascido, o que lhe faz um ser extremamente dependente do outro.

A mãe é um objeto intenso e exclusivamente amado, sua atenção é constantemente exigida e é inconcebível para a criança a possibilidade de vir a compartilhá-la. No entanto, seus desejos não equivalem à realidade, sua mãe não responde mais prontamente às suas demandas, e logo a criança se depara com as suas ausências e com a presença de um outro com o qual tem que dividi-la. Entra em cena o terceiro componente desta tríade edipiana¹⁷, o pai, para quem os sentimentos hostis são dirigidos. Estes sentimentos são contraditórios porque a criança também ama esta figura que hostiliza. No entanto, esta atitude ambivalente não é somente referente ao pai; a criança se desaponta com a mãe por esta não lhe propiciar uma satisfação completa, logo o amor a ela também cede lugar a uma atitude hostil.

Todavia, no caso do homem, esta escolha perdura até ser substituída por alguém que se assemelhe com a mãe, ou derive dela. Já as meninas renunciam a esta primeira escolha em prol de um objeto de um outro sexo. Essa mudança corresponde à mudança no seu próprio sexo. Enquanto o menino, na forma positiva, se identifica com o pai e ao mesmo tempo também se comporta como uma menina mostrando uma hostilidade ciumenta em relação à mãe - ou seja, sua escolha de objeto não se alterou - o caso da menina é mais complicado. Ela, também na forma positiva, é hostil à mãe porque ela possui o pai e ao mesmo tempo se

¹⁶ *A organização genital infantil* (1923/2006), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924/2006), *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2006).

¹⁷ Para Lacan, o pai entra como quarto componente, pois inicialmente a relação edipiana se dá entre bebê-mãe-falo.

identifica e compete com ela; além disso, tem medo de perder o amor da mãe, que foi sempre tão acolhedora. Portanto, observa-se uma mudança de seu objeto de amor: passa da mãe para o pai. A menina tem que passar primeiro pela forma negativa para depois poder se situar na positiva. Entre a forma positiva e a forma negativa verifica-se toda uma série de casos mistos em que essas duas formas coexistem numa relação dialética.

A questão apresentada por Freud tanto no texto *Feminilidade* (1933[1932]/2006) quanto em *Sexualidade Feminina* (1931/2006) é referente ao por que a menina, outrora vinculada à mãe numa fase pré-edípica, afasta-se dela e passa a vincular-se ao pai. Diferentes teorias são especuladas para responder a esta pergunta, como o desapontamento por sua mãe não lhe ter amamentado o suficiente; por nunca ter atendido as suas expectativas de amor; por tê-la submetido a dividir seu amor com outros; por ter despertado sua atividade sexual e depois proibi-la; e também culpa sua mãe por ela não lhe ter dado um pênis apropriado, ou seja, a responsabiliza por tê-la trazido ao mundo como mulher. Freud ainda especula que talvez esta ligação com a mãe esteja simplesmente fadada a perecer, justamente por ter sido a primeira e tão intensa. Todavia, todos estes fatores, exceto um – tê-la feito “incompleta” –, estão presentes também no desenvolvimento do menino, mas nem por isso ele se afasta do objeto materno. Logo, o complexo de castração é o principal motivo que leva a menina a se desvincular de sua mãe.

A fantasia de castração promove algumas consequências psíquicas, como culpabilizar a mãe por tê-la feito castrada. Esta constatação faz com que a menina se sinta desfavorável, lesada, ferida em seu narcisismo, impotente perante ao menino que, por sua vez, julga ter o *falo*, “tal é a importância que o menino dá a um órgão tão rico em sensações e do qual apreende obscuramente a significação, que ele se ama justamente enquanto menino” (SAFOUAN, 1977, p.14). Estes sentimentos culminam na *inveja fálica*, pois, considerando-se a colocação freudiana que admite no sentido anatômico que os homens possuam um órgão sexual e as mulheres possuam dois, para ambos os sexos só existe uma única espécie de órgão sexual: o falo. Em 1923, Freud (2006) redefine o conceito de castração fundamentando-se na passagem da primazia do pênis para a primazia do falo.

Na supremacia fálica, onde ter ou não ter é a questão, a posição do menino perante a castração é de acreditar que tem o falo e angustia-se com a possibilidade de perdê-lo; por outro lado, a menina acredita tê-lo perdido e deseja reavê-lo. Independente do gênero, a sexualidade humana confronta-se necessariamente com a castração, com a perda. O complexo de castração está intimamente associado com a configuração edípica e a interdição relacionada à ela, simbolicamente representado pela lei do pai, como Freud indica em *Totem e*

Tabu (1913c/2006). Essa interdição separa a criança do seu objeto enfatizando que o desejo está implicitamente relacionado com a falta.

No momento em que o pai é investido como objeto de amor, a menina é tomada por sentimentos ambivalentes em relação à mãe: se por um lado ela a hostiliza mais intensamente, visto que esta se torna a rival que recebe tudo o que ela, a menina, deseja do pai, por outro lado ela também se inspira no ideal feminino incorporado pela mãe. Assim, realiza-se o primeiro movimento de identificação da filha com o desejo da mãe: o de ser a mulher do homem amado e ter um filho dele. Enquanto que a posição masculina é aquela de *ter* o falo, a feminina é de *ser* o falo para o outro.

É nesse “complexo parental” que se dá a fantasia de espancamento, entretanto, ela não está ligada na relação da menina com a mãe. Há outras crianças à volta, de quem não gosta por inúmeros motivos, mas principalmente porque o amor dos pais tem que ser compartilhado com elas. Rapidamente entende-se que ser espancado significa uma privação de amor, abalando sua onipotência imaginária. A ideia de o pai bater numa criança odiada é agradável, independente de a cena realmente acontecer. Logo, a primeira fase nas meninas é formulada a partir do enunciado “o pai bate na criança que eu odeio”; esta fantasia não é masoquista - não é ela quem apanha -, mas tem componentes sádicos, pois, por mais que não seja a criança que fantasia quem bate, ela tem um imenso prazer com tal ato. Esta fantasia é, por sua vez, consciente e representa bem a época do amor incestuoso, já que se configura da seguinte maneira: “o pai ama só a mim, não a outra criança, pois nessa ele bate”.

Esses amores incestuosos são suscetíveis ao recalque. Podem sucumbir a ele devido à descoberta de algum evento externo que leva à desilusão - como o desprezo inesperado, o indesejado nascimento de um novo irmão - ou por condições internas alheias a tais eventos, talvez simplesmente porque o desejo permaneceu por muito tempo insatisfeito.

O mais provável é que esse amor passe porque o seu período acabou, as crianças ingressaram numa nova fase de desenvolvimento, “na qual são compelidas a recapitular, a partir da história da humanidade, a repressão de uma escolha objetal incestuosa, tal como, numa etapa anterior, foram obrigadas a efetuar uma escolha objetal dessa mesma natureza” (FREUD, 1919/2006, p.204). Na nova fase, o desejo incestuoso é recalcado, inconsciente, o que não impede de surgir um sentimento de culpa. A saída edipiana da criança, marcada pela interdição do amor pelos pais, possibilita ao sujeito investir em outros objetos, mas deixa como resto um sentimento de culpa pelo desejo do qual abriu mão. Para Freud, da primeira para a segunda fase, algum componente da pulsão sexual poderia ter se fixado justamente no objeto que seria interditado.

Se na primeira fase o pai batia em outra criança porque só ama a ela, na segunda o sentimento de culpa não pode infringir um castigo mais severo do que invertendo esse triunfo: “não, ele não ama você, pois está batendo em você”. Ser espancada pelo pai representa o amor incestuoso da menina transfigurado em sentimento de culpa e uma regressão da própria organização genital (“meu pai me ama”) para um nível anterior (“estou sendo espancada pelo meu pai”). Do substituto regressivo da relação genital proibida deriva a excitação libidinal que encontra escoamento em atos masturbatórios, fixando-se justamente no objeto que seria interditado. “Aqui temos, pela primeira vez, a essência do masoquismo” (FREUD, 1919/2006, p. 205). É a fase mais importante.

Martinho (2008, p. 88) afirma que quando o pai bate, ele expressa seu amor na linguagem do gozo; “o sujeito ocupa o lugar de objeto causa de desejo do Outro. ‘O pai me bate’ corresponde para Lacan à fantasia fundamental”. Esse objeto causa de desejo do Outro é denominado *objeto a* por Lacan, um objeto perdido – na verdade, inexistente e que pode ser representado por todo e qualquer objeto – que o sujeito busca reencontrar. *Objeto a* é um cavo, um vazio, em torno do qual a pulsão faz seu circuito; é a libra de carne, um resto impossível de ser reintegrado às bordas do corpo, que denuncia a falta estrutural e assim serve de suporte ao desejo e à fantasia ($\$ \diamond a$). A maneira pela qual o sujeito entra no mundo da linguagem “depende de como ele se fixa em determinado polo da estrutura da fantasia e de como ele elide o outro polo. As diferentes fixações - ou a sua falta - respondem pelas diferentes estruturas: neurótica, perversa ou psicótica” (COUTINHO JORGE, 2010, p.104).

A terceira fase, “uma criança é espancada”, é portadora de uma intensa excitação sexual, meio para a satisfação masturbatória. Ela tem similaridades com a primeira, já que a criança que fantasia é quase um espectador, e a pessoa que bate, uma autoridade substituta do pai (um professor, geralmente). É também uma fantasia consciente e com conteúdos, a princípio, sádicos. É importante frisar que a satisfação que deriva dela assumiu a catexia libidinal da porção recalçada e, ao mesmo tempo, o sentimento de culpa que está ligado ao conteúdo daquela porção. Essa fase geralmente é atribuída à influência das impressões escolares ou de cenas de livros: todas as crianças não especificadas, que estão sendo espancadas pelo professor, afinal de contas, nada mais são do que substitutos da própria criança.

Tanto nas fantasias das meninas analisadas quanto nas dos meninos, as crianças que estão sendo espancadas são quase invariavelmente meninos. Para Freud, quando elas se afastam do amor incestuoso pelo pai, com o seu significado genital, abandonam com

facilidade o papel feminino. Põem em atividade o seu “complexo de masculinidade”¹⁸ e, a partir de então, querem apenas ser meninos. Por esse motivo, os bodes expiatórios que as representam são também meninos, o que nos leva a pensar num conteúdo masoquista desta fantasia, pois as meninas se identificam com os meninos que apanham. O espancamento original é substituído por castigos e humilhações.

Lacan (1956-1957/1995) acrescenta que, no terceiro tempo, o sujeito é reduzido ao seu ponto mais extremo. Na primeira etapa, há uma relação intersubjetiva: existe o agente da punição, aquele que se submete a ela e o sujeito. A segunda etapa é dual, recíproca e exclui qualquer dimensão além da relação do sujeito com o agente espancador. Chegando, então, à terceira, a fantasia terminal é marcada por uma dessubjetivação radical.

Existe aí como que uma redução simbólica, que eliminou progressivamente toda a estrutura subjetiva da situação para deixar subsistir apenas um resíduo inteiramente dessubjetivado e, afinal de contas, enigmático, porque conserva toda a carga – mas a carga não revelada, inconstituída, não assumida pelo sujeito – daquilo que é, no nível do Outro, a estrutura articulada em que o sujeito está engajado. No nível da fantasia perversa, todos os elementos estão lá, mas tudo o que é significação está perdido, a saber, a relação intersubjetiva, esvaziados de seu sujeito. Temos aí uma espécie de objetivação dos significantes da situação. O que é indicado aqui no sentido de uma relação estruturante fundamental da história do sujeito no nível da perversão é ao mesmo tempo mantido, contido, mas o é sob a forma de um puro signo (LACAN, 1956-1957/1995, p. 120-121).

No caso dos meninos, não há o primeiro tempo “meu pai bate numa criança que eu odeio” como nas meninas, mas talvez um estudo mais aprofundado, como alerta o próprio Freud, pudesse ter revelado tal fantasia. No segundo tempo, “meu pai me bate” é transfigurado em “estou sendo espancado pela minha mãe” e, por meio da regressão, o espancamento deve ser interpretado como “sou amado pelo meu pai”. A fantasia de espancamento é passiva desde o começo e deriva de uma atitude feminina em relação ao pai. Mais tarde, em 1924, Freud publica um texto dedicado ao masoquismo, no qual intitula um dos três masoquismos¹⁹ identificados como “masoquismo feminino”, que contou apenas com exemplificações de casos de homens.

Esta fantasia masculina corresponde ao Édipo, tal como ocorre nas meninas, e também é inconsciente, só se tornando consciente por meio da alteração do sexo de quem bate. A mãe

18 Para Freud (1933[1932]/2006), a menina, ao descobrir-se castrada, tem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual; outra leva ao complexo de masculinidade; e a última conduziria aos primeiros passos no sentido de uma feminilidade normal (que inclui como ponto culminante a maternidade), onde sentimentos como a inveja, o ciúme e a vergonha lhe são comumente atribuídos. A vaidade e a necessidade de ser amada também são formas de compensar a ausência do pênis.

19 Masoquismo erógeno, feminino e moral. Eles serão abordados no tópico dedicado aos pares de opostos.

como autora do espancamento marca o terceiro tempo para os meninos, e o alvo também são meninos.

Estes três tempos da fantasia vêm ilustrar que a sexualidade infantil - que tem o Complexo de Édipo como peça essencial do seu conteúdo - é a principal força pulsional da formação de sintoma, e que a perversão surge primeiro sobre o terreno deste Complexo, no que se refere ao amor incestuoso de objeto. A perversão infantil pode se tornar a base para a construção de uma perversão que “persista por toda a vida, uma perversão que consuma toda a vida sexual do sujeito. Por outro lado, a perversão pode ser interrompida e permanecer ao fundo de um desenvolvimento sexual normal, do qual, no entanto, continua a retirar uma determinada quantidade de energia” (FREUD, 1919/2006, p.207-208). Ou seja, a disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil não desemboca necessariamente numa perversão, mas, através desta obra freudiana de 1919, a perversão passa a se inscrever como cicatriz do Édipo (MARTINHO, 2008).

É curioso ressaltar que Freud, ao enumerar nesse texto os tipos de masoquistas²⁰, adverte que os perversos que conseguem obter satisfação raramente procuram análise. Freud aponta já no primeiro parágrafo da sua obra de 1927 que seus pacientes fetichistas não o procuraram devido aos fetiches, pois eles não o sentem como sintoma de uma enfermidade; pelo contrário, julgam que o fetiche lhes facilita a vida erótica. Mas não é raro que nesses casos o fetiche apareça durante o percurso da análise.

A clínica da perversão é controversa. Uns dizem que o perverso não procura análise. Queiroz (2004, p. 29) afirma que a perversão não provoca incômodos, e sim gozos. “Por que alguém procuraria se desvencilhar dos gozos? Não é isso que todo neurótico deseja?... Saber sobre o gozo? O perverso sabe sobre o gozo, portanto não tem razões de buscar uma análise”. Porém, a autora enfatiza que este tipo de pensamento é conceber a análise dentro dos padrões clássicos, pensando a demanda do analisante sempre pelo viés do neurótico. Ela então propõe três outras hipóteses pelas quais o perverso procura análise: a) sua demanda pode se apresentar de forma desmentida, afinal, esse é o seu mecanismo; b) ela pode fazer gancho num sintoma neurótico; c) ou ainda a demanda vem por meio de uma queixa externa, já que a perversão geralmente provoca incômodo nos outros e não no próprio sujeito. Mas, se normalmente se associa a demanda de análise a sofrimento, qual seria a pertinência do tratamento analítico para o perverso se teoricamente ele não padece de sofrimento ou o

20 São eles: os que têm satisfação sexual somente com a masturbação acompanhada de fantasias masoquistas, os que conjugam masoquismo e atividade genital por meio de construções de cenas masoquistas, e os que têm suas atividades masoquistas perturbadas por ideias masoquistas intensas (FREUD, 1919/2006, p. 211-212).

mesmo fica transmutado em gozo? Colocando o desmentido, revelam-se a dificuldade de colocar limite ao gozo e a perturbação na relação com o Outro como as questões fundamentais no perverso. Aceitando, então, a ideia de que o perverso procura análise, como seria esta clínica? Alberti (2005) afirma que para a psicanálise, a única maneira de tratar o perverso é inscrevê-lo no discurso do psicanalista, colocando-o no lugar de sujeito.

1.2.4 Verleugnung e estrutura perversa

Na dissertação de mestrado defendida em 2012 pela autora da presente tese, realizou-se uma longa pesquisa em Freud do termo *Verleugnung*, eleito por Lacan como o mecanismo do perverso perante a castração, distinguindo clinicamente do neurótico e do psicótico. Exporemos os pontos principais para dar continuidade a esta pesquisa.

Freud empregou alguns termos no sentido de “negação” psíquica ao longo de sua obra, dentre eles, *Verleugnung*, *Verneinung*, *Verdrängung* e *Verwerfung* também não nos são estranhos, visto que os dois últimos ficaram conhecidos como mecanismos de defesa relativos à neurose e à psicose, respectivamente. Já a *Verneinung*, substantivo cujo verbo é *verneinen*, tem como significado “dizer não”. Para melhor exemplificar seu uso na obra freudiana, pode-se remeter ao texto *A negação* (1925), no original *Die Verneinung*.

O diagnóstico diferencial estrutural é feito por meio de três modos de negação do Édipo - negação da castração do Outro - correspondentes às três estruturas clínicas. No caso do neurótico, nega-se o material, que se conserva, porém, no inconsciente, onde ele se manifesta através do recalque (*Verdrängung*). Hanns (1996) nos indica que o verbo *verdrängen* genericamente significa “empurrar de lado”, “desalojar”, ou seja, o elemento é desalojado e permanece próximo ao sujeito, pressionado pelo retorno. Na psicose, seu modo de negação - a forclusão, rejeição (*Verwerfung*) - não deixa traço ou vestígio; a resolução é mais definitiva, pois o sujeito se livra do material, descartando-o. Já o perverso nega (*Verleugnung*) o material conservando-o no fetiche. O termo *verleugnen* pode ser traduzido por “negação”, “rejeição”, “recusa” ou ainda “repúdio”. É um tipo específico de negação, que se aproxima de “renegar” e “desmentir”. Neste caso, que é objeto de nosso interesse, o elemento permanece diante do sujeito e exige dele um esforço para negar a sua presença. Hanns (1996, p. 304) afirma que uma das conotações deste termo em alemão é a ideia de “negar a presença-existência”, de “dizer que não está lá”. É como se o sujeito soubesse da

existência daquilo que ele recusa, porém persiste em negar a sua presença. Com isso, percebe-se que a *Verleugnung* é uma contradição: é um movimento no qual saber e negar este saber coexistem. Isso é bem salientado no texto de Freud *Fetichismo* (1927/2007), onde ele deixa explícito que o fetichista tem um saber sobre a castração, o que não o impede de gozar como se não soubesse. Há um compromisso intermediário entre desmentir e reconhecer a castração.

Verleugnung tem múltiplas traduções e todas elas podem ser encontradas na edição brasileira das obras completas de Freud, referindo-se à perversão ou não. Sendo assim, os diferentes usos de *Verleugnung* na obra freudiana, e também as suas diversas traduções (“negação”, “renegação”, “rejeição”, “recusa”, “repúdio”, “rechaçar” e “desmentido”), apontaram para a necessidade de se fazer um levantamento nos textos de Freud de tais termos (e seus derivados), a fim de identificar os usos dessas palavras e sua relação com a perversão. Esse rastreamento foi realizado a partir do cruzamento da edição brasileira das obras completas de Freud (Imago) e da tradução para o espanhol da Amorrortu Editores, onde o mecanismo de defesa perverso perante o horror da castração foi traduzido apenas por um termo, *desmentida*, como nos demonstra Hanns (1996).

Inicialmente, o termo é cunhado nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/2006) como um mecanismo de defesa que auxilia a neurose e voltado a não tomar conhecimento das representações externas cujo conteúdo pode se rebater com conteúdos internos recalçados²¹.

Portanto, uma lembrança patogênica é reconhecível, entre outras coisas, pelo fato de o paciente a descrever como sem importância e, não obstante, só enunciá-la sob resistência. Também existem casos em que o paciente tenta *renegá-la*²² mesmo após seu retorno. “Agora me ocorreu uma coisa, mas é óbvio que foi o senhor que a pôs em minha cabeça.” Ou então: “Sei o que o senhor espera que eu responda. É claro que acredito que pensei nisto ou naquilo.” Um método particularmente hábil de *recusa* está em dizer: “Agora me ocorreu uma coisa, é verdade, mas é como se eu a tivesse provocado de propósito. Não parece de modo algum ser um pensamento reproduzido.” Em todos esses casos, permaneço inabalavelmente firme. Evito entrar em qualquer uma dessas distinções, mas explico ao paciente que elas são apenas formas de sua resistência e pretextos por ela levantados contra a reprodução dessa lembrança em particular, que devemos reconhecer apesar de tudo isso (FREUD, 1893-1895/2006, p. 178).

Em *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898/2006), Freud emprega o termo para, de certa forma, se defender ao falar do desenvolvimento da sua teoria sobre as neuroses.

21 Em *Interpretação dos sonhos* (1900/2006), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901/2006), *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-1917 [1915-17]/2006), *Um estudo autobiográfico* (1925 [1924]/2006), *Futuro de uma ilusão* (1927/2006), *Verleugnung* foi empregada no mesmo sentido deste apresentado.

22 Grifei em itálico as palavras negação, renegação, rejeição, recusa, repúdio e desmentido em citações para melhor identificar os seus usos na obra de Freud.

Sua pretensão não é *negar*, ao contrário, ressalta que a importância etiológica do fator sexual para as neuroses é melhor apreciada se o seu desenvolvimento é acompanhado. Em *Duas mentiras contadas por crianças* (1913a/2006), ele prossegue com a questão teórica, afirmando que podem até *negar* que haja qualquer organização pré-genital da vida sexual, sustentando que a vida sexual coincide com a função genital e reprodutora e começa com ela, mas isso estaria fora da psicanálise. Poderíamos pensar, quando Freud utiliza o termo *Verleugnung* para falar de sua própria teoria, ele estaria realmente dando cabo ao termo, usando-o como desmentido, a negação de um saber que, no fundo, se sabe? O mesmo acontece em *A história do movimento psicanalítico* (1914/2006), quando Freud relata que Breuer e Chrobak (e provavelmente Charcot) *negaram* o conhecimento que tinham lhe passado a respeito da etiologia sexual das neuroses. Já nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-1917 [1915-1917]/2006) é relatado o fato de muitos *negarem* a sexualidade infantil e ainda perseguirem aquilo que negam, ou seja, a manifestação da mesma. Novamente ao escrever sobre o movimento psicanalítico, Freud demarca que alguns reconhecem as pulsões do ego, mas *negam* as sexuais.

Também tratado como um mecanismo de auxílio para o recalque neurótico, *Verleugnung* passa a ser usada como negação da diferença sexual²³ a partir dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006). Na sua teoria geral das neuroses retratada nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-1917[1915-1917]/2006), um adendo importante é acrescentado, pois aqui o autor reforça que, inicialmente, a criança tenta *negar* a diferença sexual, e ainda pontua que as perversões *negam* o objetivo da reprodução. Sete anos depois, a *rejeição* da castração por parte da criança é reafirmada tanto em *O problema econômico do masoquismo* (1924a/2007) quanto em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2006). Nessa obra, Freud vai além ao comentar uma das três saídas possíveis da mulher relativas ao Complexo de Édipo, o complexo de masculinidade:

Aqui, aquilo que foi denominado de complexo de masculinidade das mulheres se ramifica. Pode colocar grandes dificuldades no caminho de seu desenvolvimento regular no sentido da feminilidade, se não puder ser superado suficientemente cedo. A esperança de algum dia obter um pênis, apesar de tudo, e assim tornar-se semelhante a um homem, pode persistir até uma idade incrivelmente tardia e

23 Como em *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909/2006), *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910a/2006), *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910b/2006), *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-1917 [1915-1917]/2006), *Breves escritos* (1931-1936/2006) e *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]/2006) também. Em *O tabu da virgindade* (1918 [1917]/2006), o único uso do termo citado é para comentar a finalidade encontrada nas fantasias infantis de *negar* as relações sexuais dos pais e de transformar a mãe em uma virgem ilese.

transformar-se em motivo para ações estranhas e doutra maneira inexplicáveis. Ou, ainda, pode estabelecer-se um processo que eu gostaria de chamar de ‘*rejeição*’, processo que, na vida mental das crianças, não parece incomum nem muito perigoso, mas em um adulto significaria o começo de uma psicose. Assim, uma menina pode recusar o fato de ser castrada, enrijecer-se na convicção de que *realmente* possui um pênis e subsequentemente ser compelida a comportar-se como se fosse homem (FREUD, 1925/2006, p.281-282).

A conotação para *Verleugnung* passa então a abranger uma defesa da psicose²⁴, como havia apresentado em *A perda da realidade na neurose e psicose* (1924b/2007). Em *Os sonhos no folclore (Freud e Oppenheim)* (1957 [1911]/2006, p. 237), ele relata que os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável — seja no todo ou em parte. No entanto, “o tipo mais extremo deste afastamento da realidade é apresentado por certos casos de psicose alucinatória que procuram *negar* o evento específico que ocasionou o desencadeamento de sua insanidade”. Mas, na verdade, todo neurótico faz o mesmo com algum fragmento da realidade.

Tratando do mito da origem da civilização em seu *Totem e Tabu* (1913c/2006), Freud fala do momento em que os filhos não eram mais os responsáveis pelo pai deposto, pelo seu sacrifício; era o próprio Deus que o exigia e regulamentava. “Esta é a fase em que encontramos mitos apresentando o próprio deus matando o animal que lhe é consagrado e que, na realidade, é ele próprio. Temos aqui a *negação* mais extrema do grande crime que constituiu o começo da sociedade e do sentimento de culpa” (FREUD, 1913c/2006, p.153). Podemos observar uma continuidade desse pensamento dezessete anos depois no antológico *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]/2006), quando o autor ressalta que estamos dispostos a *repudiar* o fato de que o ser humano não é uma criatura gentil que deseja ser amada e que, no máximo, pode se defender quando atacada, pelo contrário, temos uma poderosa quota de agressividade.

Em 1914, uma importante constatação é feita durante a elaboração da teoria do narcisismo primário e secundário. Freud afirma que os pais se veem compelidos a atribuir à criança “todas as perfeições – ainda que uma avaliação sóbria não desse motivo para tal - e tendem a encobrir e esquecer todos os defeitos dela. Essa atitude se relaciona com a *negação* da sexualidade infantil” (FREUD, 1914/2004, p. 110). No estudo genealógico feito no seu livro *O conceito de renegação em Freud* (1991), André Bourguignon afirma que o termo *Verleugnung* apareceu pela primeira vez em Freud na obra *À guisa de introdução ao*

24 Também explicitado em *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1916 [1915]/2006), *Construções em análise* (1937/2006).

narcisismo (1914). No entanto, como pode ser visto até agora, não foi isso que nosso rastreamento apontou.

Freud também se dedicou a tratar a negação sob a ótica da morte²⁵, sob a qual se afirma que a guerra está fadada a varrer o tratamento convencional da morte; ela não mais seria *negada*, pois seríamos forçados a acreditar nela. Ainda, ao remontar aos tempos mais antigos, Freud coloca a *negação* da morte como algo convencional e cultural, e afirma que nenhum outro povo da Antiguidade fez tanto como os egípcios para *negar* a morte²⁶.

Em 1917 e 1918²⁷, no caminho para a mudança da primeira para a segunda concepção do aparelho psíquico, Freud emprega a *Verleugnung* ainda como um mecanismo de defesa que auxilia a neurose, mas não só voltado a refutar as representações externas que perturbariam os conteúdos internos recalcados. Freud fala de uma estrutura interna, da *rejeição* do ego quanto aos impulsos inconscientes, mantendo-os recalcados. Essas forças libidinais tão impulsivamente *rejeitadas* têm papel predominante na formação das neuroses.

No *Fetichismo* (1927/2007), o tratamento em torno do vocábulo *Verleugnung* já é delineado de outra forma, e podemos compreender esta nova abordagem a partir do percurso que já traçamos. Já na nota do editor, é demonstrado que, por muitos anos, Freud utilizou o conceito de *rejeição* especialmente para falar da reação da criança perante a observação da diferença anatômica entre os sexos, no entanto, “no presente artigo, baseando-se em observações clínicas recentes, apresenta razões para supor-se que essa ‘*rejeição*’ necessariamente acarreta uma divisão no ego do indivíduo” (FREUD, 1927/2006, p. 152-153). A ideia, repetida muitas vezes ao longo de tal artigo, é que no caso do fetichismo, houve uma ação muito enérgica para manter a *rejeição* da distinção sexual e preservar a percepção antes de se deparar com a castração. Depois que a criança fez sua observação da mulher, ela não conservou inalteradamente a sua crença na mulher fálica: ela a reteve, mas também abandonou. “Em casos bastante sutis, tanto a *rejeição* quanto a afirmação da castração encontram caminho na construção do próprio fetiche” (FREUD, 1927/2006, p. 159). Em *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]/2006), Freud ratifica que a *negação* perversa da percepção da ausência de pênis na mulher não significa, no entanto, que o pênis na mulher foi visto.

25 *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915b/2006) e *Moisés e o monoteísmo* (1939[1934-38]/2006).

26 “[...] o insaciável apetite dos egípcios por corporificar seus deuses em argila, pedra e metal (a que nossos museus tanto devem hoje) [...]” (FREUD, 1939[1934-1938]/2006, p.31).

27 Em *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-1917 [1915-1917]/2006), *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917/2006), *História de uma neurose infantil* (1918 [1914]/2006).

Outro texto de extrema importância onde a questão da percepção da ausência do pênis na mulher retornará é *A divisão do Eu no processo de defesa* (1940 [1938]/2007, p. 291). Nele é pontuada “a noção do ato de ‘rejeição’ (*Verleugnung*) e a noção de que esse ato resulta numa ‘divisão’ (*splitting*) do ego”; “o ego deve então decidir reconhecer o perigo real, ceder-lhe passagem e renunciar à satisfação pulsional, ou *rejeitar* a realidade e convencer-se de que não há razão para medo, de maneira a poder conservar a satisfação” (FREUD, 1940 [1938]/2007, p. 293).

É interessante ressaltar que, ainda no texto *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]/2006), Freud faz uso do vocábulo *Verleugnung* ao tratar da negação da percepção, mas utiliza outro termo, rejeição (e aqui não está como tradução de *Verleugnung*), ao se referir a uma exigência pulsional. Reproduzimos: “seja o que for que o ego faça em seus esforços de defesa, procure ele *negar* uma parte do mundo externo real ou busque *rejeitar* uma exigência instintiva oriunda do mundo interno, o seu sucesso nunca é completo e irrestrito” (FREUD, 1940 [1938]/2006 p. 218).

Freud colocou a divisão do ego como resíduo da operação fetichista. A diferença estrutural e topográfica indica a importância em manter a distinção que responde aos vários modos com que a neurose, a psicose e a perversão lidam com a realidade. Mieli (1994) acredita que, implicitamente, Freud sugere que a negação fetichista não envolve a divisão entre ego e id, mas uma divisão do próprio ego na sua relação com a realidade. Relendo as colocações freudianas sobre *Verleugnung* após o texto sobre o fetichismo (1927) - onde o desmentido é identificado como o mecanismo perverso - percebemos de fato que ele é sempre empregado em relação ao “mundo externo”, e não ao id.

Bourguignon (1991), em *O conceito de renegação em Freud*, relaciona percepção, alucinação negativa, renegação e escotomização. Os distúrbios de origem psíquica da percepção participam do conjunto de mecanismos de defesa que se contrapõem ao desprazer e à angústia. O autor enumera quatro possibilidades diante de uma realidade insuportável: a ilusão, que se configura em modificar a percepção a partir dos próprios desejos ou temores; a alucinação negativa, onde o eu mantém a percepção inconsciente; a renegação no sentido estrito do termo, ou seja, reconhecer e recusar ao mesmo tempo a realidade; e a alucinação positiva, que se refere a perceber o que não existe.

Escotomização e alucinação negativa não se diferenciam, segundo Bourguignon (1991). Pichon (1947) foi quem utilizou de início o termo escotomização, inserindo-o na psicolinguística e relacionando-o com a noção de forclusão. Para ele, escotomizar equivale

àquilo que escapa à percepção dos nossos sentidos e de nosso intelecto, e isso se configura na ideia de forclusão.

Nas correspondências entre Freud e Laforgue (1977) o termo escotomização é bastante discutido. Em 10 de junho de 1925 (*apud* BOURGUIGNON, 1991, p. 53) Laforgue coloca que a noção de escotomização é importante para discutir esquizofrenia. “Acreditamos poder ligar o desconhecimento da realidade à escotomização, que corresponde ao desejo infantil, e portanto não recalcado, de não reconhecer o mundo externo, e sim de colocar no lugar dele o próprio eu”. Freud não aceita muito bem este termo, mas também não o rejeita. Relaciona-o à histeria (1925) e ao fetichismo (1927), para depois se corrigir. Freud (1927/2007) demonstra que o termo escotomização parece indevido ao se tratar da perversão, já que há a ideia da percepção ter sido completamente eliminada. Ao contrário, a percepção da castração persiste e efetua-se uma ação enérgica para manter a sua renegação.

Isaacs (1948) colabora com a discussão entre escotomização e renegação ao relacionar a primeira com a percepção, e a segunda com a crença, sendo que ambas se referem ao desconhecimento da realidade.

Bourguignon (1991) compara a renegação e a alucinação negativa através de quatro fases, e é somente na quarta que as duas se distinguem. A primeira diz respeito à “posição prévia”, isto é, qualquer processo relacionado à percepção considera a posição prévia do sujeito quando se produz a percepção. Para haver renegação, por exemplo, a crença da existência de apenas um órgão sexual é uma condição. Na segunda etapa sobrevém uma estimulação externa insuportável e, em seguida, a percepção externa é suspensa. Na última fase, a diferenciação da alucinação negativa da renegação se dá pela existência ou não da clivagem do eu. “De fato, se na alucinação negativa, na maioria das vezes, o eu adota uma atitude unívoca de não-reconhecimento de percepção, na renegação ele se cliva, parte reconhecendo a realidade, enquanto outra parte a renega” (BOURGUIGNON, 1991, p. 63-64).

Desta forma, ficam esclarecidos, a nosso ver, os diferentes momentos de utilização da *Verleugnung* até alçar a categoria de um mecanismo perverso, o que só ratifica o posicionamento de Lacan quanto a uma estrutura perversa. Posto isso, observamos que a negação da castração própria da estrutura perversa é mais abstrusa que aquelas referentes à neurose e à psicose, visto que ela desmente a castração, mas também admite um saber sobre ela.

A perversão como estrutura clínica só se constitui através de uma “tomada de posição” frente à castração, onde ela também atua como uma defesa: o sujeito perverso busca o não

encontro com a castração, com o que falta. O *desmentido* (*Verleugnung*) é o mecanismo utilizado pelos perversos perante o horror da castração, onde a percepção da castração materna é negada. Esse processo, no entanto, não é raro na vida psíquica da criança, mas, se preservado, é que retorna sob a forma de fantasia na mulher fálica. “A perversão é a estrutura do sujeito para quem a referência da castração, isto é, o fato de a mulher se distinguir por não ter o falo, é tamponada, mascarada, preenchida pela operação misteriosa do objeto *a*” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 283). A base e o princípio da estrutura perversa tratam de evitar a hiância radical, na ordem do significante, representada pela castração, provendo o Outro, como assexuado, sem furo, de alguma coisa que substitua a falta fálica. A perversão é a restituição do *objeto a* no campo do A (Outro); o S(A) fornece a chave da perversão.

Identificamos que desde 1905 Freud configurava a perversão como a monotonia da satisfação de um desejo pela via do gozo fállico, através de um único objeto de satisfação, atribuindo assim a fixação, a exclusividade e a regressão da libido como pré-requisitos da perversão estrutural. Em 1927, conclui-se que a perversão é a crença no falo materno, o desmentido da castração, a recusa de reconhecer que falta alguma coisa ao Outro, por mais que no fundo o sujeito saiba perfeitamente que falta alguma coisa ao Outro. Mieli (1994) reconhece a importância não só do mecanismo fetichista para a estrutura perversa, mas também a regressão e a fixação da libido enquanto resultado do confronto com a castração na configuração edípica. Desta forma, negar a castração por meio do desmentido - acarretando uma divisão do ego quanto a reconhecer ou não a mãe fálica - conduziria a uma regressão libidinal pela qual o sujeito se fixa a uma única forma de satisfação, por meio de um objeto exclusivo.

Portanto, é a partir do simbólico que se pode fazer o diagnóstico diferencial estrutural por meio dos três modos de negação do Édipo – negação da castração do Outro – correspondentes às três estruturas clínicas. No caso da perversão, o que se nega é conservado no fetiche.

1.3 Os tipos de perversão

1.3.1 Fetichismo

Como pesquisado na dissertação de mestrado da presente autora (FURTADO DE MENDONÇA, 2012), o termo “perversão” tinha desde o século XV o sentido de inversão em sua conotação religiosa e moral. No momento em que esse termo engloba a inversão no sentido genital, configurando uma psicopatologia, o fetichismo é cunhado pelos sexólogos, como aconteceu em uma comunicação entre Charcot e Magnan no ano de 1882. Mais tarde, Binet assinalaria as perversões sexuais, reconhecendo o fetichismo entre elas e ratificando sua entrada na sexologia (ASSOUN, 1994).

Binet, psicólogo experimental francês, em *Le fetichisme dans l'amour* (1887), identificou a origem do fetichismo na observação ou num acontecimento que ocorrera numa fase de excitação sexual e, posteriormente, a associação entre a impressão e a excitação manifestava-se novamente. Segundo Assoun (1994), é graças a Binet que o fetichismo assume a conotação sexual que conhecemos e abre caminho para o uso freudiano. Binet coloca o amor normal como uma sinfonia composta de sons de todas as classes, resultando nas excitações mais diversas. Já o fetichista não conhece mais que um timbre de um instrumento único; está constituído por uma excitação determinada. Vale ressaltar que Binet reconhece a perversão no amor normal, diferenciando o “pequeno fetichismo” – que age de forma invisível nas causas da atração sexual - do “grande fetichismo” - patológico, pois domina claramente o interesse sexual. Essa diferenciação do maior e menor fetiche “é útil na medida em que explicita se o fetiche tornou-se independente ou não” (FREUD, 1909/1992, p. 375).

Krafft-Ebing (1886) foi quem publicou a primeira descrição e definição sistemática das patologias sexuais em psiquiatria. Contrário à teoria da associação de Binet, ele demonstra que a patologia sexual fazia parte de uma constituição psicopática transmitida. Defendia que o fetichismo era adquirido, mas haveria uma predisposição psicopática geral que criava uma suscetibilidade à doença. A sua definição de fetichismo é a relação constituída entre uma parte do corpo da mulher ou alguma particularidade de sua vestimenta e a sua volúpia, considerando a passagem do normal ao patológico muito fluida. A anormalidade ocorreria quando a impressão parcial de um indivíduo combina em si mesma todos os interesses sexuais. Para este autor, o fetichismo remete a uma experiência vivenciada durante a infância,

que é frequentemente esquecida, cujo efeito, porém, perdura. Nem sempre o fetichista tem conhecimento de seu fetiche, mas em todos os casos, sem o fetiche, não há potência sexual.

O fetichismo para Krafft-Ebing remetia a um entusiasmo e amor por certas partes do corpo do sexo oposto comparáveis ao respeito que se tem em cultos religiosos por relíquias e objetos sagrados, por exemplo. De fato, a relação do fetiche com o sagrado e a religião é pertinente.

Assoun (1994) demonstra que a palavra fetiche vem do português “feitiço”, originado do latim *facticius*, que significa artificial, magia, sortilégio, bruxaria. Já o termo “feitar” significa feitura, execução. Sendo assim, à mesma família pertencem feiticeiro, mágico, fada, feiticista e fetichismo. Ou seja, passa-se a ideia de algo fabricado, falso, que se presta ao manejo mágico.

A origem do termo remonta ao século XVI com as populações da costa ocidental africana. Elas tinham como objeto de adoração algumas divindades que os europeus chamavam de fetiches, termo cunhado pelos comerciantes senegaleses a partir da palavra portuguesa “feitiço”. Charles de Brosses cria formalmente o neologismo em *A adoração aos deuses fetiches* (1756), referindo-se ao culto dos objetos fetiches e que, por isso, chama de fetichismo.

Solicito que me permitam servir-me habitualmente dessa expressão, ainda que ela propriamente se refira à adoração dos negros africanos, para falar de qualquer outra nação em que os objetos de culto sejam animais ou seres inanimados divinizados; incluindo falar, ocasionalmente, de certos povos para os quais tais objetos não sejam deuses propriamente ditos, mas coisas dotadas de virtude divina, como oráculos, amuletos e talismãs: já que todas essas formas de pensar tem a mesma fonte, e é um acessório de uma religião geral difundida pelos cantos da terra [...]” (DE BROSSES, 1756 *apud* ASSOUN, 1994, p.14, tradução nossa)²⁸.

Pode-se dizer, então, que a palavra fetichismo é uma criação acadêmica. De Brosses leu seu manifesto em plenárias, e estava consciente de sua inovação ao pedir que o permitissem usar dessa forma a palavra fetiche, adicionando a desinência “-ismo” para elevá-la à classificação de religião geral, generalizando o que era específico da crença africana nos deuses fetiches a qualquer outro culto.

28 O texto no original é: « Je demande que l'on me permette de me servir habituellement de cette expression, et quoique dans sa signification propre elle se rapporte en particulier à la croyance des Nègres de l'Afrique, j'avertis d'avance que je compte également en faire usage en parlant de toute autre nation quelconque chez qui les objets du culte sont des animaux ou des êtres inanimés que l'on divinise; même en parlant quelquefois de certains peuples pour qui les objets de cette espèce sont moins des Dieux proprement dits, que des choses douées d'une vertu divine, des oracles, des amulettes, et des talismans préservatifs: car il est assez constant que toutes ces façons de penser n'ont au fond que la même source et que celle-ci n'est que l'accessoire d'une Religion générale répandue fort au loin sur toute la terre [...] ».

Por outro lado, o fetichismo caracteriza uma forma singular de religião, a religião pagã, com a qual se compara por modalidades de crenças e rituais correspondentes. Exemplificando, De Brosses compara o culto a pedras arredondadas, tronco de árvores e outros fetiches no povo de Manila (Filipinas) aos cultos dos povos africanos por um lado, e aos gregos por outro, referindo-se ao culto aos “betilos”, que são pedras divinizadas, fazendo ainda um paralelo com a pedra de Jacó, Betel, citada na Bíblia (Gênesis 28, 18-19). Chega-se, assim, à conclusão de que existem cultos semelhantes entre as antigas civilizações e também entre os selvagens modernos (do novo mundo).

Explorando ainda mais o termo fetichismo, podemos entendê-lo, inicialmente, da seguinte forma, segundo o culto aos deuses fetiches: trata-se do culto a objetos diversos, como árvores, montanhas, mar, um pedaço de madeira, a cauda de um leão, uma telha, uma concha, sal, um peixe, uma planta, uma flor, um animal, etc. Esses materiais são elevados ao *status* de sagrado e se organiza um culto específico e respeitoso, com votos e sacrifícios, de maneira que cada povo tem o seu fetiche maior, geral, mas cada indivíduo também tem o seu, que lhe é próprio, individual. E finalmente, o fetichismo organiza um sistema de restrições, ao mesmo tempo em que confere proteção, como é a função dos talismãs.

Diferentemente da idolatria, entende-se por fetichismo uma aglutinação entre o representante e o representado, o objeto e a divindade, com uma dimensão de onipresença. Já na idolatria, o objeto tem a função de representação, assumindo sua dimensão de ausência.

De Brosses explica a prática fetichista antropologicamente e filosoficamente, pela mobilidade afetiva (medo) e motivação cognitiva (ignorância e curiosidade infantil) do homem, de forma que a irregularidade aparente da natureza e algum acontecimento monstruoso e nocivo são aquilo que gera entorpecimento no homem. Assim, o temor da mobilidade, a percepção anômala natural do perigo e um modo de pensar mágico projetivo são necessários e suficientes para caracterizar o hábito fetichista. Portanto, o culto aos deuses fetiches é uma arma para negar a realidade diretamente observável. A partir desse entendimento, é possível assimilar o estudo de Charles de Brosses e o conceito de Freud a respeito do fetichismo, isto é, a negação da castração materna. Ainda, é interessante relacionar essa noção de temor primitivo e o fetichismo com a noção de angústia na psicanálise, a qual o fetiche vem neutralizar.

Karl Marx (1867/1988) aborda o fetichismo utilizando uma nova ótica que nos ajuda a pensar sobre o uso psicanalítico do termo. Influenciado por leituras antropológicas, especialmente por De Brosses, Marx renova o conceito de fetichismo através da análise do desenvolvimento da produção capitalista, como se vê em um dos subtítulos do livro 1 de *O*

Capital: “o fetichismo da mercadoria e o seu segredo”. O caráter fetiche da mercadoria se dá no momento em que a matéria bruta da coisa (valor de uso - como um objeto mesa) passa para o sistema de intercâmbio (valor de troca - como a mercadoria mesa), e se envolve de características que não são delas (visíveis e inapreensíveis), servindo aos caprichos do capitalismo. E este é o segredo de toda produção capitalista, cujo motor é a mercadoria.

Essa fetichização da mercadoria seria, então, uma relação social entre homens que se reveste de uma capa, parecendo ser ainda relação entre coisas. O fetichismo aqui representa a ruptura entre a utilidade e o valor, fazendo com que as mercadorias, como os fetiches, pareçam possuir sua própria energia. Abre-se então o espaço para se pensar na forma fetichizante do capital, na ganância e nos mecanismos de interesse e da renda a ela associados. A moeda seria a fetichização do metal precioso. Aproximando-se da psicanálise, o objeto fetiche não possui também uma energia própria, que perpassa o imaginário do sujeito perverso, elevando um objeto aparentemente “comum” a um outro estatuto?

Lacan (1968-1969/2008), ao associar o mais-de-gozar com a mais-valia de Marx, releva pontos fundamentais para a compreensão da perversão. Se a mais-valia consiste no fato de o trabalhador renunciar ao gozo para gerar o lucro do capitalista, o mais-de-gozar é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso; é um “lucro” do sujeito com a perda devido à entrada na linguagem.

Aliás, não precisamos apostar no além para saber o que ele vale, ali onde o mais-de-gozar se desvela nuamente. Isso tem nome - chama-se perversão. E é para isso mesmo que para toda mulher santa há um filho perverso. Não há nenhuma necessidade do além para que, de um ao outro, consume-se a transmissão de um jogo essencial do discurso (LACAN, 1968-1969/2008, p. 23).

Assoun (1994) afirma que em 1908, Karl Kraus testemunha a mudança irreversível do termo fetichista, passando de uma religião primitiva para uma perversão moderna. A mudança ocorrida na transição do século XIX para o XX traduziu a necessidade de uma evolução semântica. A “coisa”, ou seja, o uso desviado de um objeto qualquer com uma meta sexual existia há muito tempo, no entanto, o surgimento da “palavra” inaugurou uma nova era do fetichismo.

Freud, numa exposição oral na sessão de 24 de fevereiro de 1909 da Sociedade Psicanalítica de Viena chamada *Sobre a gênese do fetichismo*, propõe-se a falar sobre o fetichismo sem se basear em muitos casos. Ele demonstra um interesse particular em relatar os fetichismos de pé ou de sapato. Krafft-Ebing relaciona este fetichismo a uma natureza

masoquista, “no sentido em que o sujeito atribui esta significação simbólica ao pé ou ao sapato da mulher por quem ele está pronto a se submeter” (FREUD, 1909/1992, p. 376).

Todas as mulheres, segundo Freud (1909/1992), são fetichistas de vestimentas, o que explicaria a suscetibilidade delas às exigências e vicissitudes da moda. Há um recalçamento da pulsão, só que na sua forma passiva: deixar-se olhar.

Freud desvela outro fetiche no paciente fetichista de vestimenta, apresentado anteriormente²⁹. Ele também apresentava uma grande satisfação em cavucar entre seus dedos dos pés, de onde saíam fortes odores. Para muitas pessoas, certos cheiros podem ser fontes de prazer e, para outras, são insuportáveis. O prazer que ele sentia com o cheiro dos pés é reprimido, enquanto que o pé sem cheiro é idealizado: o prazer pulsional desapareceu, mas o objeto tornou-se um fetiche. A repressão tem um papel primordial na constituição do fetiche, pois não se tratava mais de pés sujos ou mal-cheirosos, mas pés idealizados.

Também somos apresentados a um fetichista de mãos de mulheres. A juventude deste homem é tomada por masturbações. Aos vinte e um anos, passa a ter horror a masturbações e, a partir de um recalçamento parcial e de um deslocamento, passa a fetichizar as mãos de mulheres.

Por meio da observação desses casos, somada à colaboração de Krafft-Ebing, consideram-se como fatores para a manifestação fetichista a repressão da pulsão, o recalçamento parcial e a idealização de um fragmento do complexo recalçado. Neste tipo de recalçamento, o fragmento idealizado pode estar ligado diretamente ao complexo ou ser o oposto dele, ou ainda não ter relação particular com a pulsão. O enigma do fetichismo, contudo, só seria solucionado com a apresentação de mais casos em que esta perversão remetesse a moções infantis.

Freud inicia seu texto sobre o fetichismo (1927/2006) praticamente no mesmo ponto onde encerrou sua conferência: ponderando sobre a clínica. Se em 1909 ele conclui que o fetichismo só deixará de ser um enigma com a observação de mais casos, em 1927 ele aponta, já no primeiro parágrafo, que seus pacientes fetichistas não o procuraram devido aos fetiches, pois eles não o sentem como sintoma de uma enfermidade; pelo contrário, julgam que o fetiche lhes facilita a vida erótica. Não é raro, porém, que nesses casos o fetiche apareça durante o percurso da análise.

Freud então não relata mais exemplos de fetichistas clássicos (que cultuam pé ou vestimenta, por exemplo), como ocorreu na sua conferência de 1909 em Viena, mas um curioso caso sobre um jovem inglês criado na Alemanha cujo fetiche era “um brilho sobre o

²⁹ Cf. p. 22.

nariz” (*Glanz auf der Nase*). Ao reconhecer que o fetiche é originado na primeira infância, ele deve ser lido, neste caso, na língua materna (*glance*), onde se percebe que o fetiche em questão era, na realidade, uma “olhada de relance dirigida ao nariz”. O “brilho” foi incluído circunstancialmente na formação do fetiche. Portanto, como se percebe, a determinação simbólica do fetiche pode ser apreendida através de sua estrutura de linguagem. Quinet (2007) afirma, através deste exemplo freudiano, que a constituição de todo fetiche demonstra o objeto pulsional em questão; neste caso, o olhar.

A importância deste texto, que se tornou um marco no estudo das perversões, é o esclarecimento do fetiche por Freud como substituto do pênis da mãe, carregando todo o interesse que antes era dirigido ao seu predecessor e atuando não só como triunfo sobre a ameaça de castração, mas também como uma proteção contra a mesma. Esse substituto, justamente por tamponar a falta e proteger o sujeito contra a castração, é o símbolo maior da sua existência. Há um compromisso intermediário perante o conflito entre a percepção indesejada da realidade e a força de seu contradesejo de recusar (*Verleugnung*) a castração, persistindo a crença na mãe fálica: o eu se divide permitindo desmentir a realidade e buscar a satisfação pulsional, ao mesmo tempo em que reconhece o perigo real e renuncia a satisfação pulsional. O triunfo sobre a castração é alcançado por um preço alto, uma cisão no eu que nunca se cura.

É evidente que o objeto fetiche tem como função a proteção contra a angústia de castração, e o mesmo acontece, por exemplo, com o objeto fóbico. É pensando no esquema do fetiche a partir da tríade edipiana mãe-falo-criança³⁰ - no qual a mãe busca na relação com seu filho a completude a partir do falo (objeto imaginário) e a criança, sem a interdição paterna, identifica-se com a mãe - que Lacan pontua que a fobia é de outra ordem; é uma maneira demarcadora de suportar o horror, “um apelo por socorro, o apelo a um elemento simbólico singular” (LACAN, 1956-1957/1995, p.57) para que o desejo não desapareça. O objeto fetiche, por sua vez, é uma condição do desejo.

Essa relação entre o objeto fóbico e objeto fetiche pode ser notada na relação entre o caso do pequeno Hans, de Freud (1909b/2006), e do pequeno Árpád, de Ferenczi (1913). Hans recusava-se a ir à rua por fobia de cavalos. Tinha grande receio de ser mordido por um cavalo e apreende-se que isso seria o castigo por um desejo de que o cavalo caísse, ou seja, morresse. Seu conflito entre o ódio pelo pai - seu maior rival em relação à mãe - e admiração e afeição pelo mesmo é deslocado para seu substituto, que carrega toda a ambivalência de sentimentos de seu predecessor. Hans admirava e temia os cavalos. Freud (1913c/2006)

30 Explicado adiante, na página 52.

identifica características de totemismo nesses casos de fobias em crianças, só que invertidas para o *negativo*.

Árpád, aos dois anos e meio, durante suas férias de verão, tentou urinar em um galinheiro quando uma galinha deu uma bicada na direção do seu pênis. No ano seguinte, na mesma casa de veraneio, ele se transformou em uma galinha: interessava-se somente pelo galinheiro, tinha brinquedos de galinhas e cacarejava ao invés de falar. Aos cinco anos tinha recobrado a fala, mas seu interesse por galinhas e tudo que girava em torno deste tema permanecia. Seu ódio e amor pelas galinhas eram superlativos. Seu jogo predileto era matar galinhas e depois dançava excitadamente em volta dos corpos. Esse comportamento era seguido por um intenso carinho pelo animal morto, limpando-o e beijando-o. Identificava seu pai ao galo, e dizia que ele mesmo tornar-se-ia um, depois de deixar de ser frango e galinha. Gostava de comer “*fricassée* de mãe” - alusão à *fricassée* de frango – e, reproduzindo a vida de um galo no galinheiro, afirmava que se casaria com a vizinha, com a irmã dela, suas primas e com a cozinheira. Muda de ideia quanto à cozinheira, e diz que se casará com a mãe no lugar dela. “A perversão galinácea do pequeno Árpád” relaciona-se a um caso de *totemismo positivo*. O sistema totêmico, cujos tabus recaem sobre não matar o totem e não ter relações sexuais, dialogam com os crimes de Édipo, e por isso que o totemismo “é um produto das relações em jogo no Complexo de Édipo” (FREUD, 1913c/2006, p. 137).

Desperta-nos curiosidade a relação que Freud faz entre o totemismo negativo e positivo com a sua máxima “a neurose é o negativo da perversão” – perversão “positiva”³¹. O animal que para Hans remonta a angústia subjacente ao seu desejo, em Árpád tampona a angústia e condiciona seu desejo.

A ambivalência de Árpád em relação às galinhas lembra a afirmação freudiana de que, por mais que o fetiche sirva para designar uma gama de casos relativos à perversão, a ternura e a hostilidade no seu tratamento “mesclam-se nos mais diferentes casos de fetichismo em proporções desiguais” (FREUD, 1927/2007, p. 165). Logo, alguns casos são mais evidentes e mais fáceis de serem identificados.

Se desde os *Três ensaios* (1905/2006) Freud já apontava os elementos constituintes de uma estrutura perversa, é no já citado texto *Fetichismo* (1927/2007) em que se afirma que o fetiche é o substituto do pênis materno. A perversão fetichista é uma tentativa de abolir a diferença, o desejo do Outro. Mais tarde, Freud (1940[1938]/2004, p. 204, tradução nossa)³²

31 Cf. p. 21.

32 Para ver a frase na língua original, ver nota de rodapé na página 11.

reassegura sua posição, adicionando elementos que interessam a nossa pesquisa: “em casos de fetichismo [...] o paciente (masculino quase sempre) não reconhece a falta de pênis na mulher [...]. Por isso desmente a percepção sensorial genuína que o mostrou a falta de pênis nos genitais femininos, e se atém a convicção contrária”. Todas as citações freudianas que vimos até então não afirmam a inexistência da perversão nas mulheres; uma ainda a coloca na categoria de fetichista de vestimenta.

Lacan (1956-1957/1995, p. 154) indica que, neste artigo freudiano de 1927, o fetiche é símbolo de alguma coisa, “mas que ficaremos sem dúvida alguma decepcionados com que ele nos vai dizer”, já que essa alguma coisa é, mais uma vez, o pênis. Todavia, acentua Lacan, não se trata do pênis real, é o pênis na medida em que a mulher não o tem. Melhor dizendo, não se trata em absoluto de um falo real na medida em que, como real, ele exista ou não, mas de um falo simbólico, unicamente na medida em que ele está ou não está ali, pois é assim que se instaura a diferença simbólica entre os sexos. Em outras palavras, a menina não possui o falo real, no entanto, no plano simbólico, ela o tem, e é isso que permite entendermos a ideia da castração de Freud. É sempre válido lembrar que o falo está além de toda relação entre o homem e a mulher. Ele prossegue pontuando que é sempre o menino que é fetichista e nunca a menina. E complementa: “o fetichismo é excessivamente raro na mulher, no sentido próprio e individualizado em que ele se encarna num objeto que podemos considerar como respondendo, de uma maneira simbólica, ao falo como ausente” (LACAN, 1956-1957/1995, p.156-157). Posteriormente, no seu sexto seminário, Lacan (1958-1959/1994, p. 472, tradução nossa) articula perversão à mulher da seguinte maneira: “Há uma similaridade da fórmula subjetiva inconsciente na mulher com aquela do perverso [...]. Se há menos perversões em mulheres do que em homens, é que elas satisfazem, em geral, suas relações perversas nas relações com seus filhos”³³.

Lacan já atentava à perversão existente nas mães nas suas relações com seus filhos quando articulou o esquema do fetichismo (1956-1957/1995, p. 84).

33 O texto no original é: “Il existe une similitude subjective de sa formule inconsciente, avec celle du pervers. [...] s’il y a moins de perversions chez les femmes que chez les hommes, c’est qu’elles satisfont, em general, leurs rapports pervers dans leurs rapports avec leurs enfants”.

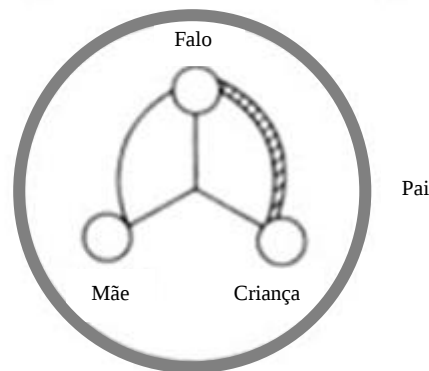


Gráfico 1 - Esquema do feticismo

Nele, Lacan explica que a mulher castrada, enquanto mãe, busca na relação com seu filho uma completude a partir do falo, objeto imaginário. Sem a interdição paterna, a criança, a partir de um deslocamento imaginário, fará a escolha fálica, identificando-se com a mãe. A responsabilidade por este funcionamento decai na falha da metáfora paterna. Mais à frente, ele coloca que

em todo o período pré-edipiano em que as perversões se originam, trata-se de um jogo que prossegue, um jogo de passa-anel ou ainda *bonneteau*, até mesmo nosso jogo de par ou ímpar, onde o falo é fundamental como significante, fundamental neste imaginário da mãe a que se trata de unir, já que o eu da criança repousa sobre a onipotência da mãe. Trata-se de ver onde ele está e onde não está. Ele nunca está realmente ali onde não está. Toda a classificação das perversões deve se fundar nesse ponto. Qualquer que seja o valor das contribuições sobre a identificação com a mãe e a identificação com o objeto etc., o essencial é a relação ao falo (LACAN, 1956-1957/1995, p.197).

Notamos que algumas vezes Lacan se refere ao falo imaginário, e outras ao falo simbólico. Por mais que Freud tenha postulado sobre “a primazia do falo”, foi Lacan quem o elevou à categoria de conceito analítico, reservando o vocábulo pênis apenas ao órgão anatômico do homem. O falo simbólico remete ao desejo sexual, um desejo insatisfeito como o desejo incestuoso ao qual todos nós tivemos que renunciar. Sabemos que a mãe coloca seu filho no lugar de falo imaginário, através de uma operação simbólica, e o filho identifica-se com este lugar que o desejo materno aponta. Colocando de forma objetiva, é uma relação imaginária consolidada, onde a mãe acredita ter o falo e seu filho acredita ser o falo que a completa. É a lei paterna, simbólica, responsável por cortar este vínculo. Logo, poderia-se colocar o falo, enquanto imaginário, como o “objeto” visado pela castração e, enquanto simbólico, ele é o “corte” que efetua a castração. O falo simbólico é o significante da falta, a falta a qual estamos todos referidos a partir do momento que somos sujeitos barrados. A

castração, por sua vez, é o denominador comum desta questão, e por isso é tão difícil falar dela.

No entanto, no *Seminário - livro 16* (1968-1969/2008) Lacan, ao abordar o complexo de castração através da formulação *não tenho a título de símbolo o pênis*, demonstra que não é o pênis que qualifica alguém com o significante de virilidade. Essa constatação está em sintonia com sua afirmação de que o falo é um significante que não tem significado (LACAN, 1972-1973/2008) que se suporta pelo gozo fálico; ele não é uma fantasia, nem um objeto, tampouco o órgão que ele simboliza: o falo é um significante que só pode desempenhar seu papel enquanto velado, isto é, “como signo, ele mesmo, da latência com que é cunhado tudo o que é significável, a partir do momento em que é alçado (*aufgehoben*) à função de significante” (LACAN, 1958/1998, p.699).

Aproximando-se, então, à perversão, o falo é o símbolo único, privilegiado e preciso do objeto fetiche. Poderíamos dizer que o fetichista busca uma saída imaginária através de um símbolo para negar a falta no Outro - castração simbólica - embora saiba perfeitamente que falta alguma coisa ao Outro. Visto isso, como inserimos as mulheres na perversão fetichista? Elas não teriam como desmentir a falta no Outro?

A noção de falta de objeto, ponto central na teoria psicanalítica, auxilia-nos a pensar nessa dimensão real, simbólica e imaginária do falo. As três formas da falta de objeto são identificadas por Lacan (1956-1957/1995) como privação, castração e frustração.

A privação tem uma dimensão real, é uma falta real, um furo, agenciado por um pai imaginário cujo objeto é simbólico. Não há ausência de algo no real. “A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. É na medida em que definimos pela lei o que deveria estar ali que um objeto falta no lugar que é seu” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 38). A frustração é um dano imaginário, “ela diz respeito a algo que é desejado e não obtido, mas que é desejado sem nenhuma referência a qualquer possibilidade de satisfação nem de aquisição” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 36). Se a frustração é uma categoria imaginária da falta do objeto, o objeto que falta neste caso é um objeto real. A noção de frustração é considerada um conjunto de impressões reais vividas pelo sujeito num período de desenvolvimento pré-édipico (não implica que seja exterior ao Édipo, pelo contrário, é sua base e fundamento) em que sua relação com o objeto real está centrada na imago primordial do seio materno, formando-se as primeiras fixações, impressões e traumas, cujo agente é a mãe.

A castração, o último termo de referência da falta do objeto, é coordenada à lei primordial, subjacente à interdição do incesto e à estrutura edipiana. Ela diz respeito a uma dívida simbólica, com um agente real - o pai - mas se trata de um objeto imaginário, o falo.

Ora, entendemos desde Freud que a vivência edipiana e a ameaça de castração, estruturantes para o sujeito, não são traduzidas ao corte dos genitais para aqueles que dormem com suas mães. Por ser justamente um objeto imaginário que nos questionamos o que é o falo e o que o diferencia do pênis. É interessante perceber que há um caráter imaginário da falta na frustração e no fato da castração ser uma falta imaginária do objeto.

Relacionando a falta de objeto na privação, na frustração e na castração com a vivência edípica da mulher, entendemos que sua castração, aquilo que ela perdeu e quer reaver, não é uma falta real, pois não há ausência no real. Sua frustração, podemos assim dizer, relaciona-se à falta simbólica, na medida em que é através da lei que ela não tem algo que deveria ter: o falo, objeto imaginário. Desta forma, a questão é por que uma mulher não pode negar sua castração simbólica imaginando algum outro objeto, que não o pênis, por exemplo, como fálico? Se ela consegue fazer de seu filho o falo, por que não outro objeto? Com essas vertentes da falta de objeto - privação, frustração e castração - percebemos que o *objeto a* participa simultaneamente dos registros do real, simbólico e imaginário.

Coutinho Jorge (2003) esclarece que não temos acesso ao *objeto a* somente enquanto falta, mas enquanto palavra (simbólico) e imagem (imaginário). Essas seriam faces do *objeto a* constituídas através da articulação do sujeito numa fantasia.

Quando o sujeito tem seu desejo acionado, na fantasia, em relação ao objeto, ele se liga a esse objeto através de uma palavra ou de alguma imagem. Mas aquilo que está na base dessa palavra e dessa imagem é uma falta de palavra, assim como também uma falta de imagem, que é *das Ding* (COUTINHO JORGE, 2003, p. 34).

É com a entrada no mundo da linguagem, configurando um afunilamento do gozo ilimitado e uma redução do gradiente mortífero, que certos objetos assumem valores extraordinários para o sujeito. O sujeito barrado numa relação de desejo com o objeto faltoso pode agregar a qualquer elemento um espantoso valor imaginário, configurando, assim, um fetiche. Seria como dar à pulsão seu objeto primordial ou restituir o *objeto a* no campo do Outro, garantindo ao sujeito gozos sem fim. Não poderia uma mulher injetar um valor imaginário de tal ordem num objeto e assim configurá-lo como fetiche?

Freud (1927/2007) aproximou a instauração do fetiche aos casos de amnésia traumática pelo fato de o fetiche ser mantido através da última impressão anterior à traumática. Uma mulher não poderia cristalizar o fetiche em qualquer coisa – sapato, peça íntima etc. – antes da percepção traumática da ausência fálica no outro?

Pois bem, até agora tratou-se apenas da perversão fetichista. Os “pares de opostos” sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo são mais facilmente associados à pulsão do que o fetichismo. No entanto, “tudo leva a crer que o fetichismo parece aliar de modo sutil a pulsão de vida à pulsão de morte, introduzindo no campo do gozo fálico, sexual, uma porção de gozo ilimitado da pulsão de morte” (COUTINHO JORGE, 2010, p.166). Sabe-se que o objeto sexual mantém uma ligação com o objeto incestuoso primordial. Mas, no caso do fetichismo, tal ligação adquire um valor particular onde a sexualidade retira a sua força do empuxo mortífero da pulsão. O retorno ao inanimado - metáfora utilizada para explicar a vocação inerente à pulsão de retornar a um estado anterior de quietude, referente ao mais além do princípio de prazer - se traduz aqui, segundo Coutinho Jorge (2010), em retorno ao objeto primordial. É nesse sentido que a perversão fetichista é muitas vezes transfigurada de forma intensa em necrofilia, isto é, uma paixão sensual pelo objeto enquanto morto, separado do corpo vivo, como nos casos de fetiche por sapato, cabelo, peça íntima etc. Ainda, pode-se observar na paixão fetichista uma poderosa negação (*Verleugnung*) da morte, ao vir a afirmar nela algo inerente à vida, algo que desperte a paixão sensual.

Já as perversões caracterizadas pelos “pares de opostos” revelam igualmente uma vigorosa conexão entre as pulsões sexuais e as de morte. Nelas, o gozo parcial, sexual, fálico, é arrebatado pela pulsão de morte, seja de forma mais ou menos intensa.

Em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915a/2004), Freud sugere uma diferenciação entre neurose e perversão através da economia e dos destinos pulsionais, sublinhando o caráter excessivo de certas pulsões como, por exemplo, certas operações da pulsão sexual que superam as resistências (lamber excrementos, abusar de cadáveres) e no caso da transformação em seu contrário (masiquismo-sadismo, voyeurismo-exibicionismo etc.). Este último também se refere a um dos destinos da pulsão que diz respeito às soluções perversas, assim como o retorno sobre a própria pessoa. O recalamento e a sublimação são mais associados às soluções neuróticas. Posteriormente, em *O eu e o id* (1923/2007), na parte IV denominada *os dois tipos de pulsão*, Freud aproxima o sadismo à pulsão de morte. Isso é feito a partir da proposta de um fusionamento da pulsão sexual e da pulsão de morte e, conseqüentemente, da possibilidade de ocorrer em maior ou menor grau uma defusão de pulsões: “o exemplo clássico de uma fusão perfeitamente adequada à meta é a existência de componentes sádicos incorporados à pulsão sexual. O modelo típico de uma defusão, ainda que parcial, é oferecido pelo sadismo autonomizado e transformado em perversão” (FREUD, 1923/2007, p.50).

1.3.2 Pares de opostos

Desde 1905 entendemos que pulsão e perversão não são sinônimos, mas a perversão expõe o mecanismo pulsional que, na neurose, aparece codificado. Quinet (1989, p. 87) pontua que, através da perversão, Freud depreende a gramática pulsional e Lacan, seu circuito. Ambos utilizam para seus estudos “a fenomenologia do *voyeur* e do exibicionista que testemunham a satisfação da pulsão: *Schaulust* - o gosto da vista, a alegria de ver, o prazer de mirar, o gozo do olhar: o espetáculo”.

Ainda nos *Três ensaios* (1905/2006), Freud enumera três condições para *Schaulust* tornar-se perversão: quando o gozo de olhar limita-se aos genitais, quando o sujeito desconhece o nojo e o asco e quando se desvia do “ato normal” (coito). Ainda afirma que os exibicionistas mostram seus genitais para que façam o mesmo com eles, demonstrando o circuito da pulsão. No seu ato de exibição, o perverso oferece ao olhar não seu órgão enquanto real, mas a posição do sujeito enquanto falo. O perverso joga com o significante fálico, valorizando-o e utilizando-o como tapeação: tapeia-se o Outro sobre sua castração, desmentindo-a.

A intenção do exibicionista é fazer aparecer o olhar no campo do Outro, e não apenas provocar qualquer pudor, susto ou medo na sua testemunha. Ele zela pelo gozo do Outro. “É no nível desse campo, campo do Outro como desertado pelo gozo, que o ato exibicionista se coloca, para ali fazer surgir o olhar. É nisso que vemos que ele não é simétrico ao que acontece com o *voyeur*” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 246).

Já o desejo do *voyeur* é suportado pela suposição de que algo na vítima se presta ao espetáculo; um espetáculo roubado, porque o *voyeur* é sempre um indiscreto. De início, é importante que a vítima não saiba que está sendo olhada para, quando perceber a situação, retornar o olhar ao *voyeur*, pegando-o em flagrante, arrematando o circuito pulsional e propiciando gozo ao perverso. Para o *voyeur*, a importância paira em interrogar no Outro o que não se pode ver: o olhar está relacionado ao desejo ao Outro.

Esse circuito, designado como atividade e passividade em Freud, revela a posição de objeto do perverso na fantasia, a tentativa de unilateralizar a castração, forçando a divisão do Outro e provocando nele choque, surpresa, desejo, nojo, etc., por isso que o não-consentimento da vítima é fundamental. O neurótico, por outro lado, no seu ato perverso, está como sujeito dividido e não como objeto, pois se ele é pego em flagrante não é para causar divisão na vítima, mas para ser punido pelo sentimento de culpa pela sua transgressão.

Enquanto o olhar está relacionado ao desejo ao Outro - é o que se espera do Outro -, a voz se refere ao desejo do Outro, ao que se recebe do Outro. É a partir da compreensão do que acontece com a função do *objeto a* efetivada pela voz como suporte da articulação significativa que é possível conceber a função do supereu. Se o sádico tenta completar o Outro roubando-lhe a sua fala e impondo-lhe sua voz, o masoquista faz da voz do Outro “aquilo a que dará a garantia de responder como um cão” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 249); há um gozo na reposição da função da voz no Outro.

A perversão sádica é primeiramente colocada como uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos infligidos ao objeto sexual (FREUD, 1905/2006) e, posteriormente, será acrescentado que “não é a dor em si que é fruída, mas a excitação sexual concomitante” (FREUD, 1915a/2004, p.154). Nos *Três ensaios* (1905/2006) e em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915a/2004), o sadismo é entendido enquanto fenômeno primário, e o masoquismo como continuação do sadismo que se volta para a própria pessoa. A reformulação se inicia em *Além do Princípio de Prazer* (1920a/2006), mas seu desenvolvimento mais completo será feito em *O problema econômico do masoquismo* (1924a/2007).

No seu texto metapsicológico sobre as pulsões, elas são descritas de acordo com as suas principais características. Algumas já foram apresentadas em 1905, como a sua fonte, seu objetivo e o seu objeto. A fonte é o corpo; é dele que se origina o estímulo representado psiquicamente pela pulsão. Seu objetivo é a satisfação, mas ela nunca é alcançada completamente, já que o sujeito está submetido às leis que particularizam o ser falante devido à sua passagem pela castração. O objeto é variável, pois não há o objeto primordial e sim objetos substitutivos, e é através deles que a pulsão alcança seu objetivo. Relembrando o que tratamos no primeiro capítulo³⁴, quando há uma *fixação* (*Fixierung*) da pulsão ao objeto, sua mobilidade fica comprometida, o que nos lembra o caso do perverso, cuja satisfação da pulsão ocorre de uma só maneira. O quarto componente da pulsão, talvez o mais importante, foi somente apresentado em 1915, que é a sua manifestação como força constante e irremovível.

Os destinos da pulsão, fora a satisfação direta e o juízo de condenação³⁵, são o recalque, a sublimação, a transformação em seu conteúdo e o redirecionamento contra a própria pessoa - os dois últimos são especialmente interessantes ao tema da perversão, e por isso daremos maior foco a estes. Por um lado, a transformação em seu conteúdo se desmancha

³⁴Cf. p. 23.

³⁵ *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (FREUD, 1909b/2006).

em dois processos: redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade - exemplificado pelos pares de opostos sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo - e inversão do conteúdo (amor/ódio). Por outro lado, o redirecionamento contra a própria pessoa reafirma a proposta de 1905, segundo a qual o masiquismo seria nada mais que o sadismo voltado para o próprio eu. A principal característica deste destino da pulsão é a troca de objeto sem a alteração do objetivo, da meta.

A pulsão pode transformar-se em seu contrário sem se redirecionar contra a própria pessoa. Isso é explicado através das etapas que transformam o sadismo em masiquismo. A primeira etapa é o sadismo, o exercício de poder contra outra pessoa. Então, há a identificação com aquele que foi tomado como objeto. O redirecionamento altera a meta pulsional ativa em passiva. Se não formos adiante, aqui temos a explicação para a auto-punição: há uma passividade da pulsão, mas não perante outra pessoa. Prosseguindo, a última etapa seria quando outra pessoa é procurada para assumir o papel de sujeito.

Em 1920, Freud relembra que havia reconhecido um componente sádico na pulsão sexual. Ao tornar-se independente, tal componente dominaria a totalidade do empenho sexual da pessoa, configurando-se numa perversão. Esse mesmo sadismo também poderia emergir como pulsão parcial predominante em uma das organizações psíquicas pré-genitais. Entretanto, se Eros busca conservar a vida e uma pulsão sádica prejudica o objeto, Freud, então, conjectura o sadismo como a pulsão de morte que a libido narcísica afastou do eu, de maneira que esta pulsão só consegue se manifestar no objeto. Destarte, a pulsão de morte, agora na forma sádica, passa a servir à pulsão sexual. O masiquismo, entendido como redirecionamento do sadismo contra o próprio eu, é repensado, abrindo a possibilidade de existência de um masiquismo original que emana do eu.

Com a vigência do segundo dualismo pulsional, abre-se a possibilidade de um *masiquismo original*. Freud, ao falar em pulsão de morte, prefere se expressar no plural, acentuando, assim, a diversidade de expressões dessa pulsão. E uma dessas expressões seria a destrutividade que caracteriza o sadismo e o masiquismo. Dominado pela pulsão de vida, essa destrutividade seria lançada para fora do organismo, senão ela permaneceria no interior do mesmo e, como um resíduo, constituiria o masiquismo original.

Sob o prisma do Princípio de Prazer e de Realidade, a existência de uma vertente masiquista na vida pulsional se mostra um fenômeno bastante enigmático ao ser relacionado com o modelo homeostático do aparelho psíquico. Se a tendência do aparelho psíquico visa à obtenção de prazer, ou seja, a diminuição de excitação e quantum de energia (entendido como desprazer), como entender um fenômeno que almeja a dor e o desprazer? Esse impasse

econômico aponta para o fato de o masoquismo primário, também conhecido como erógeno, pertencer a outra ordem, para além do princípio do prazer: a pulsão de morte.

Além do regime econômico pulsional, há uma natureza qualitativa. Tem-se “uma pequena, mas interessante sequência de relações: o princípio de *Nirvana* expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de *prazer* representa a sua transformação em reivindicação da libido; e o princípio de *realidade*, a influência do mundo exterior” (FREUD, 1924a/2007, p.106). Nenhum dos três princípios destitui o outro de poder, e o princípio de prazer não é apenas o guardião da vida psíquica, mas da vida como um todo.

Em 1924 o masoquismo é apresentado sob três formas: masoquismo moral, articulado à norma de comportamento e ao sentimento de culpa inconsciente; o masoquismo feminino, no qual as fantasias masoquistas colocam o indivíduo numa posição caracteristicamente feminina de castração como também apontam para o infantil, o primitivo da vida psíquica; e o masoquismo erógeno - pertencente também às outras duas formas - é o prazer-derivado-dador, apresentando-se como uma condição imposta à excitação sexual. Ele pode ser justificado constitucionalmente e biologicamente, mas Freud mesmo afirma que esse é um ponto ainda obscuro para a psicanálise.

O conceito de supereu trouxe algumas contribuições para o estudo do masoquismo. Sabemos da sua condição de herdeiro do Complexo de Édipo, surgindo a partir da introjeção das características essenciais parentais, tais como a severidade, a tendência a controlar e a punir. Sendo assim, o supereu é o sadismo redirecionado e assumido pelo eu. Em seguida, Freud distingue o que seria um prolongamento inconsciente da moral e o masoquismo moral. Enquanto no primeiro a ênfase recai no sadismo exacerbado do supereu, ao qual o eu se submete, no segundo destaca-se o masoquismo do eu, que anseia ser castigado pelo supereu. O denominador comum de ambas as situações é uma relação entre o supereu e o eu e uma necessidade que só pode ser satisfeita através da punição e do sofrimento. Porém, tendências masoquistas não são suficientes para configurarem uma estrutura.

No seu seminário sobre a angústia, Lacan (1962-1963/2005) coloca o masoquista como o perverso “nascido de sua verdade”. Essa afirmação refere-se ao que tinha proferido anteriormente, no mesmo seminário, sobre o perverso não saber a serviço de que gozo exerce sua atividade, pois não é a serviço do seu próprio gozo. Entretanto, o masoquista sabe que quem goza é o Outro.

O que escapa ao masoquista, e o que o coloca na mesma situação de todos os perversos, é que ele acredita, com certeza, que o que procura é o gozo do Outro, e, justamente por acreditar nisso, não é isso que ele busca. O que lhe escapa, embora

seja uma verdade sensível, jogada por aí em toda parte, ao alcance de todos, porém nunca vista em seu verdadeiro nível de função, o que ele busca é a angústia do Outro (LACAN, 1962-1963/2005, p. 168).

A angústia, divisão do Outro, é essencial para o gozo do masoquista, como podemos perceber através da história de Leopold Ritter Von Sacher-Masoch, inspiração para o termo masoquismo. Este escritor e jornalista austríaco relata no romance *A Vênus das peles* (1870) a trajetória de Severino, um homem que gozava da condição de escravo em relação à sua mulher, Wanda.

O livro começa com um diálogo entre Vênus e o narrador. Os dois de frente a uma lareira conversam sobre o amor e sobre a relação homem-mulher.

A senhora sabe disto melhor do que eu: quem não tem meios de submeter o outro à sua lei sentirá em breve sobre a nuca um pé pronto a esmagá-la [...] O homem é aquele que deseja, a mulher o objeto desejado; aí está sua única vantagem, mas como é decisiva. A natureza entregou o homem à mulher graças à paixão e a mulher que não sabe fazer dele seu humilde súdito, seu escravo, sim, seu brinquedo, para finalmente, traí-lo dando risadas, essa é pouco sensata. [...] Quanto mais a mulher se mostra submissa, mais depressa o homem recobra o seu sangue-frio e se torna dominador; mas quanto mais ela é cruel e se mostra infiel, quanto mais o maltrata, quanto mais ela brinca loucamente com ele, menos se enternece, e mais então aguça a volúpia do homem, mais ela é amada e adorada (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.150-151).

Após os diálogos sobre submissão e o poder de sedução feminino, descobrimos que o narrador estava na verdade sonhando. Esse sonho com a Vênus era na verdade um relato para seu amigo Severino; segundo ele, um jovem estranho, reflexivo e minucioso. Na casa de Severino encontrava-se um quadro de uma mulher com um chicote que apoiava seu pé sobre um homem, deitado no chão, que vinha a ser o próprio Severino; esse quadro que dera origem ao sonho. O Narrador, curioso, pergunta a ele seu significado e Severino lhe responde que era uma analogia ao quadro “Vênus no espelho”, de Ticiano, e que seria também uma *Vênus das peles*, devido à pele sobre a qual a dama do quadro se repousa. “[...] e a pele da bela déspota em que Ticiano envolveu seu modelo [...] tornou-se símbolo da tirania e da crueldade que se encontram numa linda mulher” (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.155). Logo descobrimos que Severino trata com tirania sua empregada, chicoteando a bela dama por uma falha nos ovos cozidos. O narrador, incrédulo com a cena, questiona-o sobre sua violência e este lhe responde que já foi muito chicoteado e que hoje está curado. A partir daí começa a leitura de um manuscrito de Severino, “Confissões de um supra-sensual”, que são as páginas de seu diário.

Severino é um jovem romântico e inocente que vive em uma casa afastada da cidade, com uma viúva e a dona da casa. Dentro de sua solidão, ele desfruta de uma adoração por uma estátua de pedra de Vênus. Ele tem medo de descobrirem sua paixão pela estátua e da possibilidade da estátua se tornar real. Um dia, ao se dirigir para mais um encontro com sua amada, ele percebe uma mulher real que se assemelha em quase todos os traços à estátua adorada. Com medo, ele foge da dama e questiona-se sobre o motivo de tal atitude.

Na manhã seguinte, Severino descobre que a Vênus de carne e osso que havia visto no bosque era na verdade a viúva que mora na mesma casa que ele. A viúva chama-se Wanda, uma jovem curiosa e diferente das damas de seu tempo. Para ela o casamento e o amor cristão não devem ser respeitados, ela quer viver sua vida já que “a natureza não conhece a estabilidade nas relações entre homem e mulher”, e diz “amo a quem agrado e faço feliz a quem me ama. Será isso repugnante? [...] Sou jovem, rica e bonita, e tal como sou obedeço somente ao gozo e ao prazer” (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.169-170). Seu finado marido apoiava sua libertinagem, e a fez como ela é: uma grega. Com essa exposição de pensamentos, ela propõe a Severino que ele seja seu escravo, proposta aceita pelo jovem, que acha emocionante ser escravizado por uma bela mulher.

A partir daí os dois começam a passar o tempo juntos e a intimidade entre eles cresce. Ele escreve um poema chamado A Vênus das peles: “Ponha o pé sobre teu escravo,/ Mulher fabulosa, doce e diabólica,/ Estende o teu corpo de mármore/ Entre os mirtos e os agaves” (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.174). Sua paixão é maior pela beleza da amada e por seu jeito dominante. Severino pede a mão de Wanda em casamento; ela a princípio declina o pedido por causa de sua frivolidade. No entanto, diante da insistência de Severino, Wanda diz “- O que faço com o senhor? - O que quiser; o que lhe der vontade” (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.178), dando-lhe uma chance e o ultimato de um ano para que se mostre digno de ser um homem imponente e não submisso.

Severino, cada vez mais obsessivo por Wanda, faz-lhe juras de amor e pede para que ela escolha se ele deve ser seu amor ou seu escravo, “Se não posso gozar plena e inteiramente a felicidade do amor, preciso apurar a taça dos sofrimentos e das torturas, ser maltratado e enganado pela mulher amada, quanto mais cruelmente, melhor. É um verdadeiro prazer!”. Wanda então decide torná-lo seu escravo “Assim sendo, eu escolho. Quero que seja meu escravo, meu brinquedo” (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.182-183).

Desde pequeno, Severino sentia certo medo das mulheres, fugia do sexo oposto, porém já adorava a imagem da Vênus. Um dia, quando seus pais viajavam para a capital, sua tia, que o tratava com maldade, o prende e o açoita com uma vara. Após fazer escorrer seu

sangue, ela o faz ajoelhar e agradecer pelo castigo, beijando suas mãos. A partir deste momento, sua tia lhe parecia a mulher mais atraente do mundo. Severino passou a fantasiar com a Vênus e por vezes com a sua tia. Estava apaixonado pelas cruéis chibatadas que recebeu e nomeia essa paixão de “supra-sensualidade”. A fixação com castigos e sofrimento era também acompanhada pela fixação pelas peles que, se segundo ele, era inata.

Wanda, por amor, decide satisfazer a vontade de Severino. No entanto, ao chicoteá-lo, ela se sente confusa. “Sim, porque sabes que não vai acontecer de verdade, que o meu coração não quer te fazer mal. Este jogo bárbaro me repugna; se eu fosse na realidade a mulher que açoitava seus escravos, tu te espantarias”. Ao mesmo tempo em que ela rejeita a violência contra seu amado, despertam-se nela “instintos perigosos” (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p. 199-200), dos quais se sente envergonhada. Wanda sabiamente entende que, se de fato fosse sádica, Severino não lhe buscaria como par.

Com a chegada de uma amiga de Wanda em sua casa, ela se vê dividida entre morar na cidade com melhores partidos ou continuar com Severino no campo. Sempre com juras de amor e de adoração, Severino diz querer ser o escravo de sua amada e que sem ela não vive. Wanda, por outro lado, gosta desse caráter excêntrico, mas quer estipular algumas regras no relacionamento. Em certa ocasião ela redige um contrato no qual, resumidamente, afirma “Tu és nada e eu sou tudo” (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.212). A relação dos dois torna-se conturbada e o “jogo de amor” continua: Wanda ameaçando abandoná-lo, mas ao mesmo tempo mostrando seu amor por ele, e ele jurando amá-la eternamente, mantendo seu papel de escravo, mas querendo o casamento. Severino chega a comentar que “o lado cômico da minha situação é que posso fugir e não quero, e suporto tudo quando ela me ameaça com a liberdade” (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.219).

Finalmente, Wanda decide mudar-se para a Itália, aonde leva Severino como seu escravo. Na viagem de trem, Severino fica encarregado de fazer as vontades de Wanda e no hotel onde se hospedam, ela o designa a um quarto que mais parecia uma prisão. Ainda assim, ela mantém seu amor por Severino e troca beijos com ele em seu quarto luxuoso. Severino se regozija em seu novo status de serventia, que lhe impõe um novo nome: “Gregório”.

Finalmente Wanda decide alugar uma casa no campo. Ela se incomodava com as pessoas na cidade comentando sobre seu relacionamento com Severino, e busca um lugar distante onde pudesse fazer o que bem entendesse. Na luxuosa casa de campo Severino continua servindo sua ama, até que certo dia ela relembra o contrato que eles haviam acordado para gerir o relacionamento. Neste momento, ela lhe entrega um contrato que o torna de fato seu escravo e também uma carta de suicídio, mostrando a total submissão que

ele lhe deve. Severino assina os dois documentos com temor e prazer; em seguida Wanda chama três criadas negras para amarrarem Severino na pilastra e o açoita com seu chicote; Wanda se delicia com a violência.

A relação entre eles se estabelece desta forma, ama e escravo, crueldade e violentado. Wanda, nos seus jogos perversos com Severino, o deixa sem vê-la durante um mês e, quando aparece, é para fazer ciúmes, flertando com outros. A fixação que Severino tem pelas peles de Wanda se intensifica:

No momento em que a vejo nos travesseiros brancos, com sua cabeleira solta, parece-me uma estranha: uma bela mulher apenas. [...] e coloca negligentemente nos ombros nus a pele escura em que repousava. Nesse instante ela ficou tão bonita e me perturbou tanto que senti o sangue me subir à cabeça [...] (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.247).

Wanda mais uma vez declara seu amor por Severino e afirma que a crueldade que ela exala é somente para satisfazê-lo. Wanda também varia seu caráter, por vezes mostrando-se doce e, instantes depois, cruel. Em um jantar com sua amada, Severino mostra interesse por uma das criadas. Wanda fica possessa de ciúmes e o trancafia em um sótão sem água nem comida durante dias. Envergonhada por sua brutalidade e rudeza, ela o retira do calabouço e declara mais uma vez seu amor, e mais que isso, a necessidade de mantê-lo amando-a.

Certo dia Wanda chama um pintor alemão para lhe fazer companhia. Severino pergunta se ela ama o alemão e, irritada, ela responde que não ama mais a ninguém, nem mesmo a Severino. Mesmo assim, a relação ama-criado continua e um dia, enquanto cumpria ordens de sua Vênus, Severino enxerga no espelho uma imagem que parecia como um quadro “maravilhosamente belo”. Com insistência de Severino, Wanda chama o pintor alemão para eternizar aquele momento. Durante a pintura do quadro, o pintor pede para que Wanda bata em Severino como forma de manter em seu rosto a expressão cruel e irônica que ele queria retratar. No entanto, hipnotizado pela beleza e pelo caráter da mulher, o alemão pede para também ser chicoteado e que se não fosse, não conseguiria pintar. Na conclusão do quadro, o pintor se nega a receber pagamento em dinheiro, alegando que já fora pago, pois estava apaixonado pela Vênus das peles, título do quadro.

Quando Wanda se apaixona por um grego com quem cruza na rua, passa a rejeitar Severino por completo. Ele, arrasado, decide fugir e voltar para sua antiga terra, mas não pode partir por causa do contrato. Logo, joga-se em um rio para tentar se matar, mas ao ver a imagem de Wanda na água, cria forças para se salvar. Wanda recolhe Severino em seus aposentos e diz que, na verdade, o ama e que não quer mais representar o papel cruel, pedindo

que os dois vivam tranquilamente. Na manhã seguinte Wanda acorda e diz que ama Severino loucamente e começa a beijá-lo. Severino não mostra tanta paixão e Wanda decide amarrá-lo e chicoteá-lo para ver seu homem apaixonado. Depois de algumas chicotadas, surge o homem grego no quarto e Wanda o faz chicotear Severino. Ele, então, sente vergonha, desespero e, concomitantemente, um prazer supra-sensual naquela situação. Após o açoito violento, Wanda e o grego fazem as malas e vão embora da cidade; Severino é chamado de volta para sua antiga casa para cuidar do pai doente.

Três anos se passam desde a separação de Wanda e Severino, quando este recebe uma carta de sua Vênus, que diz que encontrou no grego o homem de sua vida e que, desde que Severino virou seu escravo, sabia que eles não poderiam ficar juntos. Ela está viúva novamente e conta que aquela crueldade final antes de partir era uma tentativa de curar Severino. Junto à carta, envia o quadro do pintor alemão. Severino ri lembrando-se daquela época e pensa: “o tratamento foi cruel, mas radical, e o principal é que estou agora curado” (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.300).

Severino conclui a história dizendo que foi burro por não ter chicoteado Wanda e que a mulher só pode ser companheira do homem quando se igualar a ele em formação e trabalho.

No momento, temos apenas uma alternativa: ser o martelo ou a bigorna. Fui burro e me tornei escravo de uma mulher, compreendes? Donde a moral da história: quem se deixa chicotear merece ser chicoteado... Mas como vês, suportei bem os golpes, a rosada bruma supra-sensual da minha imaginação se dissipou e ninguém me fará tomar as monas sagradas de Benarés ou o galo de Platão pela imagem de Deus (SACHER-MASOCH, 1870 in DELEUZE, 1983, p.301).

Ao conhecermos um pouco a história de Sacher-Masoch, percebemos grandes similaridades com seu romance. Ele relembra o episódio em que, como seu personagem, foi chicoteado por sua tia, uma condessa. Desde criança já tinha uma preferência marcante pelo gênero feminino, acompanhada de arrepios misteriosos e volúpia. Aos dez anos, apaixonado pela tia, vai a sua casa visitar seus filhos enquanto a condessa estava ausente. Quando ela chega, pede para que Masoch a ajude a retirar seu casaco de peles e calçar suas pantufas. Descontrolado, o garoto beija os pés da mulher que, espantada, ri e o empurra. Mais tarde naquele dia, as crianças decidem brincar de se esconder e Masoch procura um esconderijo no quarto da tia, atrás de um guarda-roupas cheio de vestidos e casacos.

Em seguida a tia entra no quarto com um amante. Masoch tem medo de ser descoberto e de ser tido como espião. Dominado por uma angústia mortal, fecha os olhos e tapa as orelhas. Pouco depois entra no quarto o marido da tia com dois amigos. Ela surpreende a

todos dando um soco no marido e expulsando-os do quarto, brandindo um chicote na mão. Neste momento o guarda-roupas cai no chão e a tia, furiosa, pensando que Masoch a estava espionando, o joga no chão e o chicoteia. Masoch ressalta que, mesmo com dor, sentia certo prazer naquilo. Pouco depois das chibatadas, o marido volta ao quarto, expulsa Masoch - que fica atrás da porta escutando - joga-se no chão pedindo perdão e sendo chicoteado. Na época ele não entendia a tia, odiava-a e amava-a ao mesmo tempo. Mais velho, descobre a afinidade entre crueldade e volúpia e a relação de amor e ódio que existe entre homens e mulheres.

Masoch também relata um contrato de serventia entre ele e a Sra. Pistor, que o torna escravo submisso da dama. Originalmente, a parte final do contrato continha uma estipulação de seis meses e uma cláusula pregando o esquecimento de tudo que havia acontecido nesse período; essa parte foi riscada mais tarde. Em outro contrato exposto, um pacto de serventia com sua primeira mulher, Wanda, retira todas as vontades dele e estipula que se ele quisesse a liberdade, teria que se matar.

Segundo Deleuze (1983), as principais informações sobre a vida de Masoch vêm de seu secretário e do livro de sua primeira mulher. Os biógrafos julgam muito o livro de Wanda, pois ela apresenta uma imagem inocente de si mesma, não sádica, como eles gostariam de encontrar.

Nas histórias de amor de Masoch, caracterizadas pelo tom erótico e perverso, o autor busca sempre introduzir um terceiro na relação, a quem ele chama de “o Grego”.

Apesar do nome de Masoch ter ganhado uso recorrente (masoquismo), seu destino pessoal é injusto e sua obra caiu no esquecimento. Por outro lado, Sade é muito reconhecido, já que a reflexão clínica sobre o sadismo se beneficia de uma revisão literária de sua obra. Isso se deve ao fato da complementaridade que foi criada, sadomasoquista. As pessoas passaram a entender Masoch como um complemento de Sade, como uma unidade sadomasoquista. Deleuze (1983) defende uma clínica capaz de separar os mecanismos sintomáticos e separar também as originalidades artísticas.

Em geral, são os médicos que dão seus nomes às doenças: eles dissociam sintomas até então reunidos, agrupam sintomas até então dissociados, e assim constituem um quadro clínico original. Sade e Masoch podem não ser clínicos, mas apresentam quadros de sintomas e de signos inigualáveis, além de novas formas de pensar a perversão.

As linguagens desses dois autores tornam suas literaturas mais refinadas do que simples pornografias. Sade desenvolve uma faculdade demonstrativa, retratando a identidade da violência (DELEUZE, 1983). Essa violência possui dois níveis, a pessoal e a impessoal, gostos particulares e uma razão pura do sadismo. Masoch, por sua vez, toma o lugar de vítima

e busca um carrasco. Essa busca é imbuída de persuasão e educação; ele elabora contratos para formar a mulher déspota, enquanto o sádico rasga todo tipo de contrato e pensa em posseção instituída. A contemplação do corpo nu de uma mulher só é possível dentro de condições místicas: existe toda uma ascensão que deve ser feita à base de chicotadas.

Freud (1927/2007) diz que o fetichismo é inicialmente denegação, ou seja, uma negação da falta do falo feminino, e o objeto do fetiche seria o último objeto visto antes de perceber a ausência. Deleuze (1983, p. 35) relata que o fetichismo inicialmente é denegação da falta do pênis, depois, neutralização defensiva. Isto é, o conhecimento da situação real subsiste, mas é de alguma maneira suspenso, neutralizado. Finalmente, há a neutralização protetora, idealizante, pois “a crença num falo feminino se põe por si mesma à prova fazendo valer os direitos do ideal contra o real, se neutraliza ou se suspende no ideal, para melhor anular os ataques que o conhecimento da realidade poderia lhe fazer”.

Portanto, o fetichismo definido pelo processo de denegação e de suspensão³⁶ pertence essencialmente ao masoquismo. Para Deleuze, há uma confusão entre a violência possível para com o fetiche e uma outra violência que preside a escolha e a constituição do fetiche enquanto tal. Para Masoch, não se trata de negar o mundo ou de destruí-lo - como o sádico -, mas de “denegá-lo, suspendê-lo denegando-o, para abrir a si mesmo um ideal ele próprio suspenso no fantasma” (DELEUZE, 1983, p. 37). Os principais fetiches de Masoch e de seus heróis são as peles, os chicotes, os sapatos, etc. Seria por causa da suspensão que vemos uma ausência de obscenidades nos romances de Masoch; o obsceno é suspenso e denegado, e suas descrições se deslocam do objeto para o fetiche, diferentemente do que ocorreria em Sade.

Masoch usa o artifício da arte para eternizar o sujeito, suspendendo um gesto ou uma atitude. O masoquismo põe em prática a experiência de esperar e de suspense. O prazer não é atingido somente a partir da dor ou da humilhação, há uma necessidade de espera, a vivência de uma espera em estado puro. Essa espera se desdobra em dois fluxos, a espera de algo, que tarda, sempre atrasado, e a espera (de suposição, presunção), que somente o próprio masoquista pode trazer.

A entidade sadomasoquista não foi inventada por Freud. Outros autores, como Féré e Krafft-Ebing, já percebiam uma relação entre sofrer e fazer o mal. Há uma espécie de masoquismo nos personagens de Sade e uma espécie de sadismo nos personagens de Masoch (no final de *A Vênus das peles*, Severino se imagina o “martelo” ao invés de ser “bigorna”). O sadismo de Severino permite a si mesmo o que as punições deviam impedir, enquanto o

36 Na tradução escolheu-se a palavra “suspense”.

masoquismo do herói de Sade é uma forma de demonstração de poder³⁷. No entanto, esse reviramento sadomasoquista expressa muito mais uma síndrome (conjunto de sintomas) do que uma verdadeira sintomatologia.

A pseudo-unidade sadomasoquista (enquanto dois indivíduos que se complementam) é uma crença equivocada. O sádico nunca vai aceitar um masoquista e vice-versa. “Distinguimos numa perversão o sujeito (a pessoa) e o elemento (a essência). [...] Cada pessoa de uma perversão só precisa do elemento da mesma perversão, e não de uma pessoa da outra perversão” (DELEUZE, 1983, p. 46).

Deleuze (1983, p. 52) identifica três tipos de mulheres na obra de Sacher-Masoch. O primeiro tipo é a mulher grega, pagã, geradora de desordem. Vive pelo amor, “ama a quem lhe agrada e se dá a quem ela ama”. Busca a independência feminina, a igualdade entre homens e mulheres e acredita na brevidade das relações amorosas. Essa igualdade só acontece quando ela domina o homem. O terceiro tipo é a mulher sádica, que gosta de fazer sofrer. No entanto, ela age compelida por um homem, “o Grego”, aquele que a incita a se comportar sadicamente e com quem ela corre o risco de se tornar vítima. Em *A Vênus*, Wanda passa pela transformação da mulher grega, que não acredita no amor cristão, em uma mulher sádica, influenciada pelo Grego. A cena final, em que coloca o Grego para chicotear Severino, demonstra seu sadismo, pois, se fosse ela quem o chicoteasse - como aconteceu em boa parte da história -, ela se dividiria, enquanto ele gozaria. Quando o Grego o faz, Severino sente vergonha e desespero.

No entanto, estes dois tipos não correspondem ao ideal masoquista. Eles são na verdade os dois extremos entre os quais esse ideal se encontra. Esses dois tipos mostram a insegurança da heroína em se manter no papel que o masoquista lhe propõe, sempre correndo o risco de cair para um dos dois lados imperfeitos.

O segundo tipo de mulher que se situa entre a *hetera* e a sádica é identificado pela “trindade do sonho masoquista: frio-maternal-severo, gélido-sentimental-cruel. Essas determinações bastam para distinguir a mulher carrasco dos seus ‘duplos’, heterista e sádico” (DELEUZE, 1983, p. 56).

Supondo que a imagem do pai é determinante no masoquismo, admite-se que o masoquista se coloca no lugar do pai e quer se apossar da sua potência viril. Em seguida, ele se sente culpado, tem medo da castração como castigo e renuncia a virilidade tomando o lugar da mãe e se oferecendo ao pai. Logo, ele cai numa segunda culpa de ser passivo e substitui o desejo de uma relação amorosa com o pai pelo desejo de ser surrado (que vale pela relação

37 “Fui longe o bastante para merecer ser assim tratado” (DELEUZE, 1983, p. 42).

amorosa). Deleuze ainda diz que a mãe bate (e não o pai) pela necessidade do masoquista afastar uma escolha homossexual, de conservar a mãe como objeto cobiçado e de demonstrar ao pai que ele não quer tomar seu lugar, mas sim a mãe, que é castradora.

Deleuze, no entanto, vai questionar o papel central do pai no masoquismo. Ele vai dizer que para o sádico o pai é de fato inflado e se encontra acima da lei, enquanto a mãe é ativamente negada. No masoquismo, por outro lado, o pai é humilhado e surrado, já que o próprio masoquista toma a imagem do pai. A imagem das três mães (os três tipos de mulheres) serve justamente para “transferir simbolicamente todas as funções paternas para imagens de mulher” (DELEUZE, 1983, p.66). Para ele, o homem, nos contos de Masoch, aparece afeminado e travestido, sempre ao lado da mãe edipiana (sádica), que se mantém íntegra. Se o homem sádico triunfa, é já no fim do masoquismo, depois da “cura”, sem se unir ao seu contrário, o sadismo.

De volta ao pai, Deleuze analisa como o terceiro na relação, o Grego, é introduzido no fantasma masoquista. Nas obras de Masoch, o Terceiro (como o chama) tem duas faces; uma, interior ao fantasma (ou seja, corrobora com a fantasia), afeminada, e outra, no fim do fantasma (depois da cura), viril. O pai, mesmo anulado na ordem simbólica, continua agindo dentro da ordem real ou vivida. Ele cita Lacan ao dizer que aquilo que é abolido simbolicamente reaparece no real sob a forma alucinatória. Logo, no fim de *A Vênus*, o Grego marca a volta agressiva do pai que rompe com a fantasia masoquista; pela volta do pai, as defesas masoquistas são desestruturadas.

Para proteger o mundo simbólico, o masoquista cria o contrato. Através dele, o pai é anulado, dando o poder às três mães, e espancando essa imagem paterna. “É pelo contrato que o masoquista conjura o perigo do pai, e tenta assegurar a adequação da ordem real e vivida temporal com a ordem simbólica, onde o pai é anulado sempre” (DELEUZE, 1983, p. 72).

Deleuze dá importância ao contrato masoquista, que o prende à mulher-carrasco pela palavra. O contrato exprime o consentimento da vítima, mas também a capacidade do masoquista de adestrar a mulher desejada. Quanto melhor a lei estabelecida entre os dois, mais o contrato é cruel, dando o poder simbólico da lei à imagem da mãe. Não existe masoquismo sem contrato.

Deleuze cita Reik para dizer que a punição, no masoquismo, tem como função resolver a angústia e tornar o prazer possível. Deleuze tenta, então, tentar explicar como funciona esse processo tendo como ponto de partida a identificação da lei com a imagem da mãe. A finalidade do contrato é simples: excluir o pai e deslocar para a mãe a aplicação da lei

paterna. O que originalmente era para impedir o incesto, no masoquismo, o permite (relação com a mãe oral – o segundo tipo de mulher explicitado)³⁸.

Deleuze (1983, p. 111) entende o sadismo e o masoquismo em Freud como “uma em relação com a dualidade dos instintos sexuais e dos instintos do ego, outra com a dualidade dos instintos de vida e de morte”. O autor quer questionar as diferenças dessas duas concepções e em qual medida eles implicam um “transformismo” freudiano.

Na primeira interpretação (instintos sexuais x instintos do ego), o masoquismo é apresentado como derivado do sadismo por reviramento. Por angústia ou culpa, a agressividade pode se revirar contra o ego, gerando o masoquismo.

O autor, no entanto, acredita que o masoquismo não é apenas um sadismo voltado contra o ego porque, primeiramente, o reviramento é acompanhado de uma dessexualização da agressividade, enquanto o masoquismo mostra ser justamente uma ressexualização do revirado (prazer sexual na punição). A segunda razão é pela necessidade de uma “erogenidade” masoquista. O prazer sexual não é somente uma satisfação pelo sentimento de culpa; o prazer moral torna possível o prazer físico, mas é necessária uma “erogenidade” do suplício físico. A terceira razão é que, se fosse um simples reviramento contra o ego, a fórmula presente seria “eu me puno” e não “me punam”. Essa terceira razão está ligada com a primeira, no sentido dessa projeção masoquista (necessidade do outro para punir) referir-se à ressexualização.

Na fórmula “sadismo reviramento”, Deleuze afirma que as três determinações (sadismo ressexualizado, ressexualizado sobre novas bases erógenas, sadismo projetado) correspondem ao que, segundo ele, Freud distingue no masoquismo: um aspecto erógeno, um aspecto passivo (projeção e identificação com a mulher) e um aspecto moral de culpabilidade (já pertencente à ressexualização). Segundo Deleuze, Reik diz que o masoquista renunciou exercer seu sadismo, até mesmo de revirá-lo contra si mesmo. Ele neutraliza o sadismo e substitui a ação pelo sonho. Deleuze se pergunta então se essas questões alimentam ou rompem com a ideia de reviramento.

O sádico encontra prazer na dor do outro e o masoquista na sua própria dor. Segundo Nietzsche, se a dor tem um sentido é porque ela dá prazer a alguém. Dessa forma, Deleuze parte da hipótese de que a dor dá prazer àquele que a inflige ou àquele que a sofre. Como o princípio de prazer funciona nessa estrutura perversa? “A dor só é valorizada com relação a formas de repetição que condicionam o seu uso” (DELEUZE, 1983, p. 128).

38 Cf. p. 68.

Deleuze (1983, p. 131), considerando a análise psicanalítica do masoquismo (reviramento do sadismo), tem a impressão de que o sádico é privado do superego, enquanto o masoquista possui um superego muito forte. O ego masoquista “só é esmagado em aparência”. A fraqueza do ego é um artifício do masoquista para levar a mulher carrasco (seu superego) a fazer o que ele quer; o ego é triunfante. No sádico, o contrário acontece: o superego é esmagador e tão forte que o sádico se identifica com ele, “ele é o seu próprio superego, e só encontra o ego no exterior”; seu único ego é no exterior, o de suas vítimas.

Deleuze (1983, p. 136) acredita que “a estrutura do superego pertence inteiramente ao sadismo”, assim como a do ego ao masoquismo, e que o masoquismo sádico não corresponde ao mesmo masoquismo do masoquista, nem o sadismo masoquista ao sadismo do sádico.

Se o termo masoquismo veio de Sacher-Masoch, o sadismo foi inspirado em Donatien Alphonse François, o Marquês de Sade, um grande crítico do Iluminismo. Em sua *Filosofia na alcova* (1795/2008) ele trouxe à tona a violência do erotismo que a cultura sempre tentou encobrir. Sendo a natureza o verdadeiro fundamento daquela época, Sade acreditava que a civilização e as leis morais desumanizavam o homem, impedindo-o de levar a cabo seu próprio lado destrutivo natural. Com que direito deve-se reprimir aquele que só sente prazer infligindo dor aos outros, se tal prazer é ditado pela própria natureza, a qual, em verdade, está acima dos homens?

Não existe nenhuma ação, por mais singular que se possa supor, que seja verdadeiramente criminosa, e nenhuma que possa realmente se chamar virtuosa. Tudo se dá em razão dos nossos costumes e do clima em que vivemos. O que é crime aqui, freqüentemente é virtude cem léguas além [...]. Não há horror que não tenha sido divinizado ou virtude que não tenha sido execrada (SADE, 1795/2008, p.46).

Os crimes, segundo Sade, não deveriam existir para os republicanos a partir de deveres considerados inatos. O primeiro é sobre os deveres impostos pela consciência em relação ao Ser Supremo. Para ele, a partir do momento em que admitimos que os homens não devem seguir regras de um Ser Supremo, todos os delitos religiosos desaparecem, como o sacrilégio e a blasfêmia.

Sade defende a necessidade de um culto que seja compatível com uma República, onde haja uma moral que se dirija aos costumes. Ele acredita que a religião cristã não é digna da Nova França. O paganismo é, a seu ver, mais coerente com a moral humana, onde os deuses empunham paixão e elevação. Mesmo assim, para ele, o ateísmo é a verdadeira liberdade. “O homem livre jamais se curvará aos deuses do cristianismo; jamais seus dogmas,

seus ritos, seus mistérios ou sua moral convirão a um republicano” (SADE, 1795/2008, p. 130).

A religião seria inútil ao homem e não passaria de uma distração para o povo. Se houvessem boas leis, a religião se faz desnecessária. Sade é um empirista que não acredita no inatismo religioso, no fato de que todos os homens já nascem com a propensão de acreditar em Deus. Ele alega que a religião se mantém pelo medo que ela causa nas pessoas e, portanto, é o “berço do despotismo” (SADE, 1795/2008, p.135), logo, uma afronta à República.

O segundo dever refere-se àqueles que os homens devem manter com seus irmãos. Para Sade, desde o início existe uma incoerência em afirmar que devemos amar ao próximo como amamos a nós mesmos, já que são somente nossas próprias ações que dirigem de fato nossas vidas. O necessário é cumprir com os deveres recíprocos para o bom funcionamento da sociedade.

Além disso, o Marquês aponta a incoerência em prescrever leis universais, já que cada indivíduo é único. Seria preciso estabelecer leis brandas para que cada um possa se adequar a elas. Sobre essas leis, a que deveria ser abolida é a pena de morte, pois ela nunca reduziu o crime e é uma afronta à vida. A lei é rígida contra o assassinato, enquanto a natureza permite o perdão.

Sobre o roubo, além de povos das Repúblicas da Grécia permitirem-no, ele poderia manter a igualdade e nos ensinaria a conservar os bens. Afinal, onde está a justiça em permitir que alguns que têm tudo estejam abrigados pela lei de proteção de bens enquanto os que não têm nada estejam jogados à margem da lei? Que pacto social é este que protege somente os possuidores de bens? O pacto de um povo livre deve servir para todos aqueles que compactuam, não somente para alguns, como uma arma dos fortes contra os fracos.

Quanto aos crimes morais (sodomia, incesto, estupro etc.), Sade põe em questão a própria moral do regime déspota que sobrevive pelas guerras - um ato, segundo ele, imoral. Logo, como um regime imoral pode falar de crimes imorais? Aliás, segundo ele, o estado moral do homem é um estado de paz e calma, enquanto o imoral é de movimento perpétuo “que o aproxima da insurreição necessária, na qual o republicano deve manter sempre o governo de que toma parte como membro” (SADE, 1795/2008, p. 145).

Sade também tece considerações sobre o pudor, o qual, para ele, é uma corrupção da civilização, pois povos muito menos degradados pela civilização andam nus sem vergonha. A natureza fez o homem nu, portanto ele deveria permanecer desta forma, sem sucumbir ao coquetismo usado pelas mulheres, as responsáveis por instaurar o pudor, segundo Sade. Do

impudor nasceriam as inclinações da luxúria, e pela luxúria o cidadão poderia atingir as suas paixões: sendo livre, busca-se a luxúria. Crime seria resistir à natureza.

Ainda, o Marquês considera um absurdo as mulheres serem possuídas por um homem só. As mulheres deveriam ser livres para serem usadas por quantos homens quisessem, assim como na natureza. Logo, as casas de prostituição seriam abertas para que todos os homens possam desfrutar desse gozo. O ato da posse só é válido para objetos. As mulheres deveriam ser obrigadas a se prostituir.

Paradoxalmente, Sade defende que as mulheres também teriam que possuir direitos e possibilidade de gozarem de prazeres. Elas usufruiriam de quantos homens quisessem, contanto que elas devolvessem esse gozo com igual empenho. E se alegarem que isso poria crianças sem pais no mundo, Sade nos diz que as crianças são filhas da pátria; a República é a verdadeira família.

O autor utiliza vários exemplos de sociedades de outros tempos e de outros lugares do mundo para justificar seu argumento de que os crimes morais não são crimes.

Finalmente, Sade defende a sodomia. Segundo sua lógica, é uma aberração condenar alguém por ter gostos diferentes dos demais, e que não podemos dizer que existem partes do corpo que são puras enquanto outras são sujas; todo o corpo é de igual valor. Ele afirma que em vários povos as mulheres são desprezadas e que por isso a sodomia entre homens é comum e bem-vista, como, por exemplo, na Grécia antiga. Em Roma, diz ele, havia homens que se prostituíam vestidos de mulheres e mulheres que se prostituíam vestidas de homens. Sade continua argumentando que a sodomia é útil em uma República, pois, assim como diz o grego Jerônimo, estreita os laços entre os homens e, desta forma, eles seriam fortes contra os tiranos, enquanto o laço com mulheres seria “uma fraqueza reservada ao despotismo” (SADE, 1795/2008, p. 159).

O último item é sobre o assassinato, a ofensa mais grave que o homem pode fazer a seu semelhante, “já que lhe retira o único bem que recebeu da natureza, o único cuja perda é irreparável” (SADE, 1795/2008, p. 160). Porém, tece algumas ressalvas, descritas a seguir.

Perante a natureza, a morte não passa de uma mudança de forma. Além do mais, não há distinção entre os indivíduos, ou seja, não se pode eleger que um é mais importante do que outro ou que uma ação é menos válida do que outra. A destruição faz parte da natureza e o homem não pode incriminar este ato.

Em relação à política, o assassinato é uma das grandes armas utilizadas para o engrandecimento de nações. Ainda, a arte de matar e da guerra sempre foi ensinada, logo é uma retroalimentação da própria política.

Já para a sociedade, o assassinato não é prejudicial à massa geral. Sade tenta mostrar que, num governo republicano, o assassinato na verdade é uma forma de seleção dos fortes, corajosos e aptos ao fortalecimento do governo.

O assassinato não deve ser reprimido pelo assassinato. Sua pena são as ações que podem incorrer por vingança dos amigos ou da família da vítima. “Eu vos perdô”, disse Luís XV a Charolais, que matara um homem para se divertir, “mas também àquele que irá matar-vos”. Para o Marquês, todas as bases da lei contra assassinatos se encontram “nessas palavras sublimes” (SADE, 1795/2008, p. 168-169).

Enfim, o assassinato é um horror, mas um horror quase sempre necessário, jamais criminoso; por isso é essencial tolerá-lo num Estado republicano. O universo inteiro, como já mostrei, nos dá exemplos dele; mas, será preciso considerá-lo uma ação feita para ser punida de morte? Os que respondem ao seguinte dilema terão resolvida a questão: o assassinato é ou não um crime? Se não é, para que fazer leis que o punem? E se for, por que bárbara e estúpida inconsequência o punireis com um crime semelhante? (SADE, 1795/2008, p. 169).

Após os deveres impostos pela consciência em relação ao Ser Supremo e os deveres dos homens com seus irmãos, Sade aborda os deveres do homem consigo mesmo. O único delito seria, então, o suicídio. Sade novamente toma como exemplos a Grécia e a Roma antigas, afirmando que o suicídio era tolerável e que é uma imbecilidade fazer desta ação um crime.

O autor conclui que, no novo governo francês, as leis promulgadas devem ter como finalidade “a tranquilidade do cidadão, sua felicidade e o brilho da República” (SADE, 1795/2008, p. 170). Ele engrandece o país e diz que seguindo as novas boas leis, outros países seguirão o modelo, mas que, no entanto, “se, pela honra vã de levar longe vossos princípios, abandonardes o cuidado de vossa própria felicidade, o despotismo, que está apenas adormecido, renascerá (...)” (SADE, 1795/2008, p. 171).

Sucintamente, para Sade gozar é o verdadeiro fundamento ético, estando acima das meras convenções humanas de bem e mal, certo e errado. Ele esquematiza a demolição dos imperativos da lei moral, e preconiza o incesto, o adultério, o roubo, o assassinato e assim por diante. Com isso, expressa um sentimento político anti-revolucionário (a revolução, para ele, instaura leis), e expressa sua preferência por um sistema instituído com poucas ou nenhuma lei (república). “As leis unem as ações; elas as imobilizam, e as moralizam. Puras instituições sem leis seriam por natureza modelos de ações livres, anárquicas, em moto perpétuo, em revolução permanente, em estado de imoralidade constante” (DELEUZE, 1983, p. 86).

Ilustrando todo seu manifesto escrito em *A filosofia na alcova* (1795/2008), temos outra obra sadiana, *Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem* (2013)³⁹. Sade escreveu esta obra durante trinta e sete dias em 1785 enquanto estava preso na Bastilha. Por recear que seu material fosse confiscado, escreveu em letras minúsculas num rolo de papel de doze metros. Quando a Bastilha foi atacada no início da Revolução Francesa, Sade pensou ter perdido seu manuscrito. Após ser encontrado durante a destruição da Bastilha, o texto foi vendido ao Marquês de Villeneuve-Trans, cuja família o conservou durante três gerações. No final do século XIX, ele foi vendido a Iwan Bloch, que o publicou em 1904. Foi apenas na segunda metade do século XX, porém, que o texto tornou-se disponível, sem censura. Pasolini, diretor italiano, filmou essa obra sadiana em 1975, sob o título de *Salò ou 120 dias de Sodoma*, apenas alterando o local onde a história se passava, da França revolucionária à Itália fascista.

A intenção de Sade neste livro é formular um inventário da libertinagem. Sua tentativa é de enquadrar todas as situações libertinas possíveis a ponto de criar um catálogo extremamente detalhado com “a narrativa mais impura já escrita desde que o mundo existe” (SADE, 2013, p. 62). Sade cria uma economia dos corpos, onde tudo que importa é indiferenciação dos sujeitos; sujeitos que ele trata como números, adicionando, subtraindo e combinando das formas mais improváveis para criar novos resultados. O projeto inicial era oferecer seiscentas cenas de “perversão” sexual e de crimes para, ao final, culminar na formação do espírito libertino. O livro seria dividido em quatro partes, cada uma delas com a descrição de cento e cinquenta paixões. Essa tentativa de exatidão toma o livro desde sua primeira página, contudo, ela não se realiza. Sade terminou apenas a introdução e a primeira parte, deixando as últimas três partes em forma de notas. O livro se estrutura intercalando as narrativas das cenas de perversão sexual, contadas por quatro senhoras, cada uma responsável por cento e cinquenta paixões e os acontecimentos no castelo onde os personagens principais realizaram as orgias.

Com a leitura de *A filosofia na alcova* (1795/2008) entendemos que Sade tinha um projeto maior, o de instruir as pessoas com suas ideias republicanas. Suas visões sobre religião e os costumes franceses estão impressas em *Os 120 dias de Sodoma* (2013), tornando o livro não somente um catálogo, mas também um manifesto político.

39 Diferentemente de *A filosofia na alcova*, não se sabe a data precisa da primeira edição de *Os 120 dias de Sodoma*.

O livro se inicia com a contextualização da história no tempo e no espaço. Sade explica ao leitor que, antes da *chambre de justice*⁴⁰, no fim do reinado de Luís XIV, esse rei tentou retomar a fortuna conquistada por todos aqueles que se aproveitaram das guerras e que tiraram proveito do povo menos afortunado. Quatro desses vigaristas - o Duque de Blangis, O Bispo de...⁴¹, o Presidente de Curval e Durcet -, que acumularam fortunas imensas, decidiram pôr em prática orgias de devassidão antes de terem suas posses tomadas.

Para estreitar mais seus laços, fizeram um acordo inicial.

Deste acordo [...] resultou o seguinte: que o Duque, pai de Julie, tomou Constance, filha de Durcet, por esposa; que Durcet, pai de Constance, tomou Adélaïde, filha do Presidente, por esposa; que o Presidente, pai de Adélaïde, tomou Julie, filha mais velha do Duque, por esposa; e que o Bispo, tio e pai de Aline, tomou as três outras por esposa, e cedeu esta a seus amigos, com ressalva dos direitos que continuava a se reservar sobre ela (SADE, 2013, p. 17).

Todos celebraram juntos suas núpcias em orgias incestuosas, tornando a parceria dos quatro amigos ainda mais estável.

Logo, passaram a realizar quatro ceias por semana, extremamente suntuosas, para as quais convidados específicos eram chamados a cear e a participar de orgias. Na primeira ceia da semana era permitida apenas a presença de homens, destinada unicamente aos prazeres da sodomia passiva. A segunda ceia era dedicada a moças finas que eram obrigadas a se entregar aos caprichos anômalos dos quatro amigos. A terceira era reservada às “criaturas mais vis e hediondas que pudessem encontrar” (SADE, 2013, p. 18). “Cem putas compareciam durante seis horas e as cem raramente saíam inteiras” (SADE, 2013, p. 19). A quarta era reservada às donzelas, entre sete e quinze anos, das mais belas aparências. Além dessas quatro, havia uma quinta ceia secreta onde “só eram admitidas quatro moças de boa estirpe, arrancadas da casa dos pais à força de artimanhas e dinheiro” (SADE, 2013, p. 19). Geralmente as mulheres dos libertinos participavam desta ceia, sempre submissas.

Aos dezoito anos, O Duque de Blangis já era dono de uma fortuna imensa. Ele é o estereótipo do homem sem virtudes:

E digo mais: não apenas não venerava nenhuma delas, como abominava todas; era comum ouvi-lo dizer que, para ser verdadeiramente feliz nesse mundo, um homem somente havia de se entregar a todos os vícios, sem nunca se permitir virtude

40 A casa ou câmara de justiça era um tribunal extraordinário que apareceu a partir da Idade Média, e em seguida foi encarregada de perseguir os suspeitos de enriquecimento com a morte de Luís XIV. Disponível em: http://fr.m.wikipedia.org/wiki/Chambre_de_justice Acesso em 29 dez. 2014.

41 É assim que Sade se refere ao Bispo em seu livro.

alguma, pois não se tratava apenas de sempre fazer o mal, como também de nunca fazer o bem (SADE, 2013, p. 20).

Desde cedo ele se coloca acima da religião, não pretendendo restringir suas inclinações para agradar a nenhum deus. Ele acredita ser uma máquina nas mãos da natureza, e devido ao fato desta ter criado suas inclinações malévolas, não há crime que ele cometa que não sirva a um propósito natural. A única justiça é aquilo que gera prazer, e com esse raciocínio o Duque justificava todas suas ações. Ele matou a mãe para ganhar mais da herança do pai já falecido e, em seguida, matou as irmãs para se livrar de testemunhas que pudessem incriminá-lo. Passou a cometer crimes como roubos, estupros e assassinatos, somente pelo prazer. Ele também matou sua esposa, que seu pai lhe havia arranjado, para desposar outra mulher mais rica, amante de seu irmão. Sade o descreve como um homem grande, forte e atraente, que havia se afeiçoado pela sodomia passiva e ativa.

O Bispo, irmão mais novo do Duque, era moralmente igual ao irmão, mas fisicamente inferior em todos os sentidos: era fraco, franzino e pouco másculo. Uma vez, um amigo seu à beira da morte pediu ao Bispo que cuidasse de seus filhos. O Bispo não só tomou a herança destinada aos cuidados dos órfãos para si, como utilizou as crianças como seus brinquedos sexuais. Elas cresceram e depois foram mortas pelo próprio Bispo, depois que este perdeu o interesse nelas.

O Presidente de Curval possuía um físico decadente. Ele bebia e comia exageradamente e por estar tão mergulhado nos vícios e na libertinagem, não conseguia ter outro assunto. Houve um episódio em que o Presidente planejou que incriminassem um pobre homem de sua cidade para poder chantagear sua família e assim usufruir de sua filha. Para causar o maior sofrimento possível para essa família, ele obrigou a mãe a assistir sua filha sendo estuprada por ele. Além disso, no momento em que a violava, o pai da moça estava sendo executado na praça em frente a seu palacete. No final do ato sexual, ele abriu a janela para que as duas pudessem ver o corpo morto do homem inocente. Por ser considerado suspeito por esse caso, o Presidente acabou sendo forçado a se aposentar.

Durcet apresentava uma aparência afeminada e gostava do prazer da sodomia passiva com o Duque.

Constance, esposa do Duque e filha de Durcet, era uma mulher elegante. Foi desde cedo escrava sexual de seu pai e, após o casamento com Duque, teve seu físico muito mais castigado. Adélaïde, esposa de Durcet e filha do Presidente, era mais velha do que Constance. Muito religiosa, contrariava os princípios do pai e de seus amigos ajudando aos pobres. Julie, mulher do Presidente e filha mais velha do Duque, “tem poucas virtudes e até fortes

disposições para a imundice, a bebedeira, a gula e a putaria” (SADE, 2013, p. 65). Aline, irmã menor de Julie, considerada filha do Duque é, no entanto, filha do Bispo com uma das mulheres do Duque. Repudia as infâmias das quais foi vítima, foi criada na ignorância, não sabe ler nem escrever, detesta o Bispo e tem medo do Duque.

Além dos prazeres físicos, os verdadeiros libertinos também se satisfaziam inflamando suas imaginações. Logo, trataram de “encontrar pessoas que pudessem dar conta de todos esses excessos, de analisá-los, ampliá-los, detalhá-los, graduá-los e realçar, mediante isso, o interesse de um relato” (SADE, 2013, p. 36). No final da procura, foram escolhidas quatro senhoras encarregadas de contar as histórias de devassidão e libertinagem dos vigaristas.

A senhora Duclos foi encarregada do relato de cento e cinquenta “paixões simples”. A senhora Champville fora durante muito tempo mulher pública, depois passou a ser alcoviteira. Desde cedo tinha hábitos libidinosos e ficou encarregada de compartilhar esses hábitos com os libertinos. Ela era encarregada de narrar cento e cinquenta paixões de “segunda classe” ou “duplas”. Martaine “passara sua vida numa devassidão sodomita e era tão familiarizada com ela que não sentia absolutamente prazer senão desse modo” (SADE, 2013, p. 38). Ela era encarregada de narrar cento e cinquenta paixões de “terceira classe” ou “criminosas”. Desgrandes, cuja “alma era o receptáculo de todos os vícios e crimes mais inusitados” (SADE, 2013, p. 39). Era uma cafetina fornecedora da alta sociedade, narradora dos maiores horrores e infâmias.

Sobre a localização, os quatro amigos decidiram ficar num pequeno castelo que pertencia a Durcet. Como esse castelo não poderia acomodar muita gente, decidiram levar, além deles, as quatro esposas, seis cozinheiras, quatro narradoras, “oito meninas, oito meninos, oito homens dotados de membros monstruosos para as volúpias da sodomia passiva e quatro criadas” (SADE, 2013, p. 39).

Para as oito meninas, mandaram dezesseis alcoviteiras raptarem, no total, cento e quarenta e quatro meninas de casas honestas, e que tivessem entre doze a quinze anos de idade. Todo o processo foi supervisionado por espiões, e quem não seguisse os critérios estabelecidos para a escolha (rapto, idade, condição familiar e feições perfeitas), seria descartada imediatamente (a menina não ideal era largada em qualquer lugar sem nenhuma ajuda para voltar para casa). A seleção das meninas era feita com minúcia, analisavam todas as partes de seus corpos com cautela e frieza sem se deixarem levar pelo desejo carnal.

Para os meninos, foi estipulado que além das condições de rapto, classe social e físico, o tamanho de seus pênis era importante.

A escolha dos “fodedores” foi simples: queriam quaisquer homens com membros grandes e com certa aparência, a qual foi precisamente detalhada para que os alcoviteiros buscassem corretamente.

Uma vez instalados os objetos e apetrechos para as orgias em todos os cômodos, levavam os sujeitos e as comidas para o castelo. Lá dentro, Durcet mandou cortar a ponte que dava acesso ao castelo de forma que ninguém pudesse entrar nem sair.

Os quatro amigos escreveram um extenso regulamento com as regras a serem seguidas sem erros, durante todos os dias de permanência no castelo. O regulamento tratava de horários, dias e deveres extremamente detalhados, como se eles pensassem em todas as possíveis situações que poderiam se desenrolar. “Durante as orgias de devassidão, a menor risada ou falta de atenção, de respeito ou de submissão constituirá um dos erros mais graves e mais cruelmente castigados” (SADE, 2013, p. 58). “Às onze horas, os amigos irão até o aposento das mocinhas onde será servido o desjejum, composto de chocolate ou torradas com vinho da Espanha, ou outros restauradores apropriados” (SADE, 2013, p. 54).

Além do regulamento, os quatro estabeleceram que as libertinagens mais violentas deveriam ser deixadas para o final, já que eles queriam aproveitar ao máximo dos sujeitos que haviam levado.

No primeiro dia em que as mulheres se acomodaram, o Duque proferiu um sermão no qual afirmava que elas deveriam se comportar com extrema submissão e que nenhuma delas havia poder de opinião a partir daquele momento.

As práticas sexuais organizadas pelos quatro amigos seguem o plano das quatro partes do livro, junto com os tipos de narração das quatro senhoras já apresentadas. Há um aumento gradativo da brutalidade das práticas, porque, como explicado, eles precisavam aproveitar ao máximo os sujeitos levados para o castelo. Logo na primeira parte, das cento e cinquenta paixões simples, as orgias se limitavam a sexo forçado, masturbação, sodomia, castigos corporais leves e outras práticas “simples”: “seus lábios grudaram hermeticamente nos da minha boceta, e, recebendo o sinal combinado, soltei na boca do sujeito o excedente das minhas entranhas, inundando-o com o fluxo de uma urina que ele sorvia com a mesma rapidez com que eu a lançava em sua goela” (SADE, 2013, p. 78).

Na segunda parte, de paixões de segunda classe, as narrações são focadas em incestos, sacrilégios, açoites e ingestão de fezes. Algumas passagens: “ele força um pai a foder sua filha, depois de tê-la deflorado” (SADE, 2013, p. 294). “(...) mas o Duque mais animado que nunca contra Augustine, porque ela o fez esporrar muito, a açoita até o sangue” (SADE, 2013, p. 304).

Nas paixões criminosas, continuam as narrações e práticas das partes anteriores e se adicionam a zoofilia e violência física mais acentuada. “Nessa noite, o Bispo deflora o cu de Colombe e açoita-a até o sangue depois de seu esporro porque ele não consegue suportar que uma moça o faça esporrar” (SADE, 2013, p. 315). “Ele lhe quebra um osso das pernas, com um golpe de barra de ferro, e a enraba a seguir” (SADE, 2013, p. 320). “Ele enraba um cão, ao qual cortam a cabeça enquanto está esporrando” (SADE, 2013, p. 312).

A quarta parte, que contém as paixões assassinas, é o auge da brutalidade. Os quatro amigos começam a amputar, queimar, quebrar membros e matar um a um todos os presentes no castelo, com exceção das narradoras e das cozinheiras, que precisavam continuar providenciando os grandes banquetes. “Curval abriu ele mesmo o ventre de Constance enquanto enrabava Gitão, e arrancou seu fruto, já muito formado e do sexo masculino [...]” (SADE, 2013, p. 356). “Ele quebra todos os membros, arranca a língua, fura os olhos, e deixa viver assim, diminuindo todos os dias a comida” (SADE, 2013, p. 339).

[...] o Duque mais furioso; corta-lhe uma mama, bebe seu sangue, quebra-lhe os dois braços, arranca-lhe os pelos da cona e todos os dentes, e corta-lhe todos os dedos da mão, que cauteriza com fogo. Ele ainda se deita com ela (...), ele a fode na boceta e no cu a noite toda, anunciando-lhe que acabará de matá-la no dia seguinte (SADE, 2013, p. 346).

Perto do tempo estabelecido para deixarem o castelo, os quatro vigaristas decidem escolher, cada um, três sujeitos que eles protegeriam e levariam de volta à França, com a condição de que estes escolhidos ajudassem nos suplícios do resto. Até o momento dessa decisão, dos quarenta e seis presentes no castelo, dez haviam morrido e, desses dez, três das esposas dos organizadores.

Com a escolha dos que iriam sobreviver, contando com os quatro amigos, dezesseis sujeitos voltariam à Paris, enquanto os vinte restantes seriam utilizados nas brincadeiras sádicas. Eles decidiram que matariam um sujeito por dia. Toda essa contabilização foi feita por Sade, que no final do livro faz um inventário das mortes.

Esse posicionamento sadiano em relação à Igreja, ao crime, ao uso do corpo do outro, enfim, ao gozo, foi destrinchado por Lacan em *Kant com Sade* (1966/1998), onde ele aprofunda a relação de Sade com a ética, a moral e a lei, comparando-o com Kant. Ele nos ensina que em Kant a lei impera, mas não sem gozo, enquanto que para Sade é o gozo que rege, mas não sem lei – ou seja, é um tratado da moral às avessas. Ao tratar do campo da ética, Lacan (1959-1960/2008) assimila tópicos tradicionalmente relacionados a este assunto, tais como o Bem, o Belo, a morte, o prazer, a felicidade, etc. No entanto, sua reflexão sobre a noção ética é fundamentada com rigor no pensamento psicanalítico, implicando na dimensão

do desejo. Pode-se afirmar que a ética da psicanálise está centrada no desejo e, portanto, afasta-se dos imperativos do supereu e dos ideais sociais. Ao contrário da moral, ela não está articulada ao Bem supremo: a ética psicanalítica vislumbra o real, enquanto a moral tenta recobrir a impossibilidade do real através de regras e proibições, e é por isso que “a dimensão do bem levanta uma muralha poderosa na via de nosso desejo” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 274).

Freud não se aprofundou na questão ética, mas suas considerações a respeito da alegoria schopenhaueriana dos “porcos-espinhos no frio” e da assertiva de que “o homem é o lobo do homem” em *O mal-estar na civilização* (1930/2006) demonstram as raízes éticas em seu pensamento. Rinaldi (1996) afirma que Freud abre uma via (“lá onde isso estava, o eu [sujeito] deve advir”⁴²) que enfatiza a função fecunda do desejo no direcionamento da ação humana que, como sabemos, está no centro da discussão ética. Por isso a posição lacaniana (1959-1960/2008) distancia a psicanálise do idealismo e de uma ética do Bem Supremo.

Já em *Kant com Sade* (1966/1998), Lacan visa a demonstrar a relação do perverso com a lei a partir de dois textos contemporâneos: *A crítica da razão prática* (1788), de Kant, e *A filosofia na alcova* (1795), de Sade. Martinho (2011) ressalta que apenas oito anos separam as duas obras, publicadas durante a Revolução Francesa (1789-1799), uma época guiada pelas ideias iluministas e pelo descontentamento com o Antigo Regime. Lembremos que, nesta revolução, proclamaram-se os Direitos dos Homens e do Cidadão, a partir dos quais os princípios universais de liberdade, igualdade e fraternidade foram amplamente propagados.

Através da diferenciação entre ética e moral feita no sétimo seminário lacaniano (1959-1960), podemos conjecturar que Kant e Sade estão em lados opostos no que concerne a lei moral. Entretanto, suas obras são compatíveis; Lacan (1966/1998) chega a afirmar que *A filosofia na alcova* (1795/2008) realça a verdade da *Crítica da razão prática* (1788). A ética perpassa ambos os textos, mas se para Kant a lei da natureza é o *bem*, para Sade é o *mal*. A Lei para Kant é razão prática, pura de razão, ou seja, é além de todo afeto que, por sua vez, configura-se como uma patologia para ele (LACAN, 1959-1960/2008). Todavia, a tentativa kantiana de fundamentar uma lei moral como uma prática universal e incondicional da razão é questionável. Freud já recusava uma ética enquanto ordem universal, afastando-se assim da filosofia moral antiga, da filosofia cristã e também da moral kantiana. Por conseguinte, rejeita a suposição da existência de uma capacidade original do homem de distinguir o bem do mal, associando mais os juízos éticos aos desejos de felicidade do que à razão. E, por mais que não

42 O texto no original é: “Wo es war, soll ich warden” (FREUD, 1933 [1932]/2006, p. 84).

seja possível garantir a felicidade, relacionamo-la antes à economia libidinal do que às regras éticas que asseguram o advento do Supremo Bem (RINALDI, 1996).

Sócrates define a lei como dependente de um mais alto princípio, o Bem. Para ele, se os homens soubessem atingir o Bem, a lei não seria necessária. No entanto, ao dizer isso, ele diz também que a lei não se sustenta por si própria. É Kant que derruba essa imagem da lei clássica, argumentando que a lei deve valer por si mesma. Assim, define uma lei sem objeto, uma lei moral, pura, independente de conteúdo e objeto. Desta forma, “ao mesmo tempo em que a lei não pode mais se fundar sobre o bem como um princípio superior, ela não deve mais também ser sancionada pelo Melhor como boa vontade do justo” (DELEUZE, 1983, p.91). A Lei em sua pura forma, “é tal que não sabe o que ela é, e que não se pode saber. Ela age sem ser conhecida. Ela define um domínio de erro onde somos desde já culpados, quer dizer, onde já transgredimos os limites antes de saber o que ela é: como Édipo” (DELEUZE, 1983, p. 91). Kant age contra a ideia determinista de que o homem é apenas o resultado de suas circunstâncias, uma vontade livre sem sentido, aspirando a presença de uma lei moral universal que regula a conduta racional do homem, agindo nele como uma voz interior.

A investigação do bem acarretaria um problema se não fosse a distinção entre *das Wohl* e *das Gute*. Martinho (2011) articula bem essa diferença, relacionando o Princípio do Prazer, a lei do bem e o bem-estar ao *wohl*, enquanto *das Gute* refere-se ao bem que é a lei moral, uma determinação *a priori* do bem. Kant defende uma vontade para além do Princípio do Prazer, pois “nenhum fenômeno pode prevalecer-se de uma relação constante com o prazer. Não se pode enunciar nenhuma lei de tal bem, portanto, que defina como vontade o sujeito que a introduz em sua prática” (LACAN, 1966/1998, p. 777).

Para Kant, não existe liberdade quando somos conduzidos pelo bem-estar, quando a lei está submetida à vontade, apenas quando o sujeito pode autonomamente determinar um objeto à vontade por meio da razão. É na razão que deveríamos encontrar um subsídio para não ceder ao desejo, pois a verdadeira liberdade está no que diz respeito à independência das leis da natureza. Portanto, a solução para o problema de encontrar um objeto próprio à vontade livre, pura, sem a dependência da realização de um prazer, é o conceito de *das Gute*, o que permite relacioná-lo com o conceito de Aristóteles do Bem Supremo, “um ponto de inserção, de vínculo, de convergência, em que uma ordem particular se unifica num conhecimento universal” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 33), havendo a conformação da vontade à lei que proporcionaria um gozo puramente moral.

Sade, por sua vez, também tem aspirações universais que visam à purificação da vontade, desatando-a de qualquer conteúdo empírico e patológico, como o direito de gozar do

corpo do outro. Sua fundamentação jaz justamente nos Direitos dos Homens, como demonstra Lacan (1966/1998, p. 782): “É pelo fato de que nenhum homem pode ser de outro homem propriedade, nem de algum modo seu apanágio, que não se pode disso fazer um pretexto para suspender o direito de todos de usufruírem dele, cada qual a seu gosto”.

Desta maneira, inferimos que Kant e Sade concordam quanto ir além do bem-estar. Por Sade revelar o *objeto a* – voz (enquanto mandato do supereu) – que está oculto em Kant, acaba por ser mais honesto que o filósofo alemão, além de completá-lo. A “voz interior”, a autonomia da vontade, é o que guia, para Kant, as ações humanas: há desejo, e por isso há a lei para limitá-lo, assim o sujeito tem a liberdade e a possibilidade de resistir aos seus desejos. No entanto, Lacan rejeita inteiramente esta posição, pois se a aceitarmos, seremos consoantes com uma teoria do desejo naturalista. “Em Lacan, como em Freud, o desejo está inextricavelmente vinculado à Lei que institui o simbólico, ainda que para o primeiro esta Lei indique, mais do que uma proibição, a presença da impossibilidade” (RINALDI, 1996, p. 69) ou, como profere Lacan (1966/1998, p. 794), “a lei e o desejo recalcado são uma única e mesma coisa”. Logo, percebe-se que o desejo não é naturalista como aponta a concepção kantiana, mas um efeito da palavra no campo da linguagem, do Outro, o que nos permite compreender que a dimensão moral se enraíza no próprio desejo. No caso de Sade, Lacan (1959-1960/2008) referindo-se à tese de São Paulo, qualifica-o como pecador, porque ele se deteve no ponto que ata o desejo e a lei: transgride-se a lei, pois, de alguma forma, se está atrelado a ela.

O perverso está no campo da Lei - da castração do Outro -, e este é, por sua vez, responsável por fundar o desejo. Entretanto, tanto o desejo quanto a Lei formam uma barreira em relação ao gozo. Já o gozo é essencial ao perverso para tapar o furo do Outro, a castração, que ele insiste em desmentir.

Nas suas considerações sobre o desejo, Lacan (1959-1960/2008) afirma que ele não se submete à normatização e não tem um caráter de uma lei universal.

Lacan indica a diferença da ética psicanalítica em relação à reflexão moralista, uma vez que ela parte da universalidade do desejo justamente para enfatizar a sua particularidade – a diferença que o constitui – e não como uma forma de universalização moral, fundada em algum ideal. O que é universal é a diferença, o que coloca a questão ética em novos termos (RINALDI, 1996, p. 68).

O conceito de desejo apresenta uma profunda ligação com *das Ding*, a Coisa freudiana retomada por Lacan (1959-1960/2008). Ela é apresentada como o Outro pré-histórico, real, o “pai morto” de *Totem e Tabu* (1913c/2006), que simboliza a falta primordial que estrutura as

relações humanas. É a face real do *objeto a*, pois, apesar do significante presentificar a sua ausência, ela não tem representação significativa, estando além do universo da linguagem, “como realidade muda que regula a trama significativa e o caminho do sujeito em relação ao mundo do desejo” (RINALDI, 1996, p. 73). A Coisa, que está tanto no centro quanto no exterior do psiquismo, opera no sujeito em relação ao seu caminho desejante e está relacionada à tendência do sujeito em retornar ao objeto primordial, absoluto do desejo que, por sua vez, não existe. Por isso, a tentativa de encontro do sujeito com o objeto é marcada como um reencontro com as coordenadas de prazer da Coisa. Lacan, no seu *O Seminário, livro 9* (1961-1962/2003), relaciona a demanda como repetição de uma busca de satisfação: a ideia do +1.

Se *das Ding* nunca é (re)encontrada, ela é a fonte de todo bem e de todo mal. O sujeito, que não pode suportar um lado nem o outro dessas extremidades que lhe podem trazer a Coisa, mantém-se à distância. Portanto, a dicotomia entre o bem e o mal que está no cerne do moralismo é dissolvida.

A Coisa também está no cerne da ligação de Kant a Sade: a dor. Como explica Lacan (1959-1960/2008, p. 100), ambos partilham da mesma opinião, “pois, para atingir absolutamente *das Ding*, para abrir todas as comportas do desejo, o que Sade nos mostra no horizonte? Essencialmente a dor”. Kant, quando fala da lei moral como princípio de determinação da vontade, indica a partir disso a produção de um sentimento que pode ser chamado de dor.

A dor de outrem e, igualmente, a dor própria do sujeito, pois são, no caso, apenas uma só e mesma coisa. O extremo do prazer, na medida em que consiste em forçar o acesso à Coisa, nós não podemos suportá-lo. É o que constitui o lado derrisório, o lado – para empregar um termo popular – maníaco que salta a nossos olhos nas construções romanceadas de um Sade – a cada instante se manifesta o mal-estar da construção viva, exatamente isso que torna tão difícil, para nossos neuróticos, a confissão de algumas fantasias (LACAN 1959-1960/2008, p. 100).

O campo da Coisa também pode ser abordado através da obra sadiana, onde o Marquês investe nas leis de uma conduta sexual que possibilitaria ao sujeito alcançar o gozo sem obstáculos, o gozo absoluto, afastando qualquer limite imposto pelos homens. Algumas personagens de Sade demonstram esse Ser-supremo-em-maldade, animados de uma vontade de gozo sem barreiras enquanto são instrumentos dela.

Sade, então, busca a submissão de suas vítimas aos seus caprichos e quando estas, por conseguinte, são entregues ao Outro cruel, o sádico alcança o gozo através da fragmentação

desses corpos, o que demonstra o objetivo quase impossível da filosofia do francês. O gozo habita no campo da Coisa, cercado por uma barreira que impossibilita seu acesso ao sujeito. Isso é bem demonstrado através do matema da fantasia sadiana (LACAN, 1966/1998, p.786), que retrata a relação do perverso com a sua vítima.

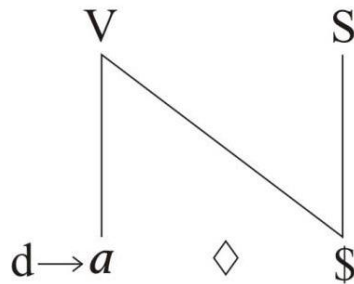


Gráfico 2 - Matema da fantasia sadiana

Movido pelo seu desejo (d), o perverso se coloca na posição de *objeto a* – gozo – servindo-se de instrumento de uma vontade de gozo absoluto (V), dividindo o seu parceiro entre a submissão à voz imperativa e a revolta contra os maus tratos infligidos (\$). “O desejo se apresenta como vontade de gozo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 166). Não interessa ao perverso se seu parceiro consentir completamente com a posição de submissão: ele tem que se dividir, se debater, se angustiar – ser sujeito da falta. A manobra de Sade, segundo André (1995), busca engendrar um sujeito mítico, nunca atingido, um puro sujeito do prazer (S). O sádico põe seu parceiro no lugar do sujeito para o gozo do Outro, obrigando sua vítima a descobrir em si um gozo que ela própria desconhece.

O perverso, desidentificando-se do lugar do sujeito, “é também a castração que se desmente, pois não há sujeito que não sofra o efeito da castração” (ALBERTI, 2005, p. 35). Como Freud nos ensinou nos seus *Três ensaios* (1905/2006), o sadismo e o masoquismo são vertentes de uma mesma perversão, cujas formas ativa e passiva têm proporções variáveis no mesmo indivíduo: um sádico é também sempre um masoquista, embora um jamais busque parceria com o outro. Além do plano das perversões, a atividade e a passividade características deste par de opostos são constitutivas da vida sexual em geral.

Desta forma, Lacan considera *A filosofia na alcova* (1795/2008) um tratado da moral, e não do desejo, assim como a obra kantiana, *Crítica da razão prática* (1788). Ambas estão apoiadas no mesmo radicalismo, mas em extremidades opostas: numa o sujeito é condenado ao seu bem, enquanto na outra, ao seu mal. Kant, por sua vez, acredita que somente uma lei

moral absoluta poderia impedir o homem de ir aos extremos, e Sade clareia que não é uma lei moralizante que barra o sujeito.

A fantasia perversa inverte a ordem da neurótica, pois tudo que o perverso não quer é se colocar como sujeito dividido, da falta; sua busca é por gozos sem fim, resgatando a perda advinda da entrada no mundo da linguagem. Visa a restituir o *objeto a* em A (Outro). Portanto, não se colocando como sujeito, desinstituindo-se deste lugar, fica como *objeto a*. Como mostraremos adiante no terceiro tópico do próximo capítulo através das fórmulas da sexualização de Lacan, é no lado feminino que se aloca o *objeto a*, objeto causa de desejo do homem. Não podemos ser reducionistas e afirmar que, somente por essa similaridade, suporíamos haver mulheres perversas. As fórmulas da sexualização têm outras dimensões além de localizar uma mulher como *objeto a*, no entanto, não podemos ignorar que o lugar ocupado por uma mulher é o mesmo do perverso.

2 FANTASIA

Neste capítulo trabalharemos, de forma geral, a noção de fantasia para a psicanálise e seus desdobramentos. O estudo da fantasia é caro para este trabalho pois, a partir dela, pensaremos no posicionamento inconsciente do sujeito frente à castração e trabalharemos a possibilidade de uma mulher aceder à estrutura perversa.

Para isso, partiremos de Freud e acompanharemos a formulação deste conceito, intercalado com a valiosa contribuição de Lacan. Posteriormente, analisaremos os atos, principalmente a passagem ao ato e o *acting out* para pensarmos sobre o ato perverso, outra modalidade onde a perversão aparece. Por fim, abordaremos a distinção psicanalítica entre feminino e masculino para, assim, articularmos sobre a possibilidade ou não de haver mulheres perversas.

2.1 Breve percurso em Freud e Lacan

Coutinho Jorge (2003) trata os anos de 1907 a 1911 na obra freudiana como “período áureo da fantasia”, demonstrando que a fantasia é tematizada logo após a formulação do conceito de pulsão e antes dos escritos sobre a técnica. Os artigos escritos nesses anos relacionam a fantasia com o sintoma, com a criação literária, com o romance familiar, com as teorias sexuais infantis etc., como veremos adiante. Esse ciclo se encerra em 1911, com *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, um artigo que trata da metapsicologia da fantasia, por mais que não seja incluído no grupo de artigos metapsicológicos freudianos.

Inicialmente, Freud acreditou no “teatro histérico” das cenas de sedução, mas logo identificou aí uma realidade psíquica, um sujeito que faz sintoma, em vez de se ater a uma realidade fática. Freud só pôde ter essa compreensão ao vislumbrar o conceito de fantasia⁴³.

Nas cartas à Fliess, Freud (1950 [1892-1899]/2006) por diversas vezes⁴⁴ refere-se às fantasias como “fachadas psíquicas” - premissa do que mais tarde será chamado de

43 Cf. p. 18 e 21.

44 Rascunho B, L, M, N e cartas 59 e 61.

“lembrança encobridora” - que obstruíam o caminho para as lembranças das cenas de sedução e protegiam, sublimavam e embelezavam os fatos, ao mesmo tempo em que serviam como auto-absolvição. Elas remontam a algo ouvido pelas crianças em tenra idade e compreendido apenas posteriormente.

No trajeto de sua elaboração conceitual, Freud afirma:

As fantasias originam-se de uma combinação inconsciente, e conforme determinadas tendências, de coisas experimentadas e ouvidas. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual emergiram ou poderiam emergir os sintomas. As fantasias são construídas por um processo de amálgama e distorção análogo à decomposição de um corpo químico que está combinado com outro. Pois o primeiro tipo de distorção consiste numa falsificação da memória por um processo de fragmentação, no qual especialmente as relações cronológicas são postas de lado. (As correções cronológicas parecem depender justamente da atividade do sistema da consciência.) Um fragmento da cena visual junta-se, depois, a um fragmento da experiência auditiva e é transformado numa fantasia, enquanto o fragmento restante é ligado a alguma outra coisa. Desse modo, torna-se impossível determinar a conexão original. Em consequência da construção de fantasias como esta (em períodos de excitação), os sintomas mnêmicos cessam. Em vez destes, acham-se presentes ficções inconscientes não sujeitas à defesa. Quando a intensidade dessa fantasia aumenta até um ponto em que forçosamente irromperia na consciência, ela é recalçada e cria-se um sintoma mediante uma força que impele para trás, indo desde a fantasia até as lembranças que a constituíram (FREUD, 1950 [1892-1899]/2006, p. 301).

Já na carta 69, Freud descreve as razões para abandonar sua teoria das neuroses de então. Primeiramente, estava descontente com a quantidade de pacientes que abandonavam a análise - por mais que achasse que os estivesse compreendendo - e com a ausência de êxitos. Ainda, constatou que sua teoria de que as histéricas tinham pais perversos - teoria da sedução - não procedia mais. Além da descoberta comprovada de que não há indicações da realidade no inconsciente “de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto (assim, permanecia aberta a possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema)” (FREUD, (1950 [1892-1899]/2006), p. 310). Finalmente, na psicose “mais profunda”, o inconsciente não supera a resistência do consciente, o que o faz acreditar que o inverso também não aconteça, a ponto de o inconsciente ser completamente domado pela consciência.

Essa reformulação possibilitou Freud⁴⁵ a identificar a paixão pela mãe e o ciúme do pai como um evento universal da infância, afirmando que cada um já foi um Édipo, seja “em germe ou em fantasia”.

45 Carta 71.

Mas é na [esfera da] representação que se consuma inicialmente a escolha do objeto, e a vida sexual do jovem em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não o das fantasias, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se. Nessas fantasias, as inclinações infantis voltam a emergir em todos os seres humanos, agora reforçadas pela premência somática, e entre elas, com frequência uniforme e em primeiro lugar, o impulso sexual da criança em direção aos pais, quase sempre já diferenciado através da atração pelo sexo oposto: a do filho pela mãe e a da filha pelo pai. Contemporaneamente à subjugação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha gerações. Em cada uma das etapas do curso de desenvolvimento por que todos os indivíduos são obrigados a passar, um certo número deles fica retido, de modo que há pessoas que nunca superam a autoridade dos pais e não retiram deles sua ternura, ou só o fazem de maneira muito incompleta (FREUD, 1905/2006, p.213 - 214).

Tanto nos seus escritos sobre os sonhos (1900/2006) quanto na *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901/2006) Freud esboça aquilo que ele tratará claramente em *Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908b/2006): os devaneios ou fantasias conscientes que se tornaram inconscientes. As fantasias podem ser conscientes ou inconscientes; quando são conscientes e sofrem a ação do recalque, transformam-se em inconscientes e podem se expressar através de sintomas. As fantasias podem surgir no consciente e assim permanecer, ou podem surgir no inconsciente e ali ficar.

O caso Dora (1905 [1901]/2006) também influencia para a formulação freudiana de 1908, em que diz que os devaneios eróticos são a fonte e o protótipo das fantasias histéricas, as quais satisfazem os desejos originários de privações e anseios⁴⁶. “Esses devaneios são acalentados carinhosamente pelo sujeito e ocultados como sendo seus bens mais íntimos; ele os guarda só para si, não os partilha com mais ninguém, vivencia-os como algo exclusivamente seu e cujo conteúdo, na maioria das vezes sexual, não pode ser revelado” (COUTINHO JORGE, 2010, p. 48).

Através da investigação psicanalítica, os sintomas histéricos nos levam às fantasias inconscientes ocultas. Essas fantasias possuem uma conexão íntima com a vida sexual do sujeito e à fantasia consciente utilizada para obter satisfação durante o período auto-erótico. Com o abandono da satisfação masturbatória, a fantasia consciente passa a ser inconsciente

46 Por exemplo: “Portanto, não surpreende que nossa histérica de quase dezenove anos soubesse da existência desse tipo de relação sexual (sucção do órgão masculino), criasse uma fantasia inconsciente dessa natureza e a expressasse através da sensação de cócega na garganta e da tosse [...] Ela lembrava muito bem de ter sido, na infância, uma ‘chupadora de dedo’. O pai também se recordava de tê-la feito abandonar esse hábito, que persistira até os quatro ou cinco anos de idade. A própria Dora tinha clara na memória a imagem de uma cena de sua tenra infância em que, sentada num canto do assoalho, ela chupava o polegar esquerdo, enquanto com a mão direita puxava o lóbulo da orelha do irmão, sentado quieto a seu lado. Essa é a forma completa da autogratificação pelo ato de chupar, tal como também me foi descrita por outras pacientes que depois se tornaram anestésicas e histéricas” (FREUD, 1905 [1901]/2006, p. 56).

por meio da operação do recalque e, caso não tenha outro tipo de satisfação, o sujeito sublima sua libido ou produz um sintoma. Logo, o sintoma abole a renúncia do ato masturbatório e restaura a satisfação sexual primária, tornando-se não só uma fonte de sofrimento, como de gozo.

É por isso que Freud (1909[1908]/2006) pontua que os ataques histéricos não passam de fantasias inconscientes traduzidas para a esfera motora. Essas fantasias tem a mesma natureza daquelas observadas nos devaneios e nas interpretações dos sonhos. Um sonho pode substituir um ataque histérico e freqüentemente explicá-lo, pois a mesma fantasia se expressa de formas diversas no sonho e no ataque. Consequentemente, ambos podem ser submetidos à mesma revisão interpretativa, já que tanto as forças que dão origem à distorção, tornando-se incompreensíveis conscientemente, como a finalidade dessa distorção e a técnica nela empregada são as mesmas que inferimos da interpretação dos sonhos.

Como o recalco na histeria consiste numa catexia libidinal e num conteúdo ideativo, este marcado por Freud (1909[1908]/2006) como fantasia, o desencadeamento de ataques histéricos pode ser determinado *associativamente*, quando o conteúdo do complexo é atingido por um acontecimento da vida consciente a ele ligado; *organicamente*, quando por razões somáticas internas resultantes de influências externas eleva-se a catexia libidinal; a serviço do *objetivo primário*, isto é, uma “fuga para a doença”, na qualidade de consolo, quando a realidade torna-se penosa ou temível e o sujeito repete exatamente as condições de uma época anterior em que procurava intencionalmente essa satisfação auto-erótica; a serviço de *objetivos secundários* aos quais a doença se alia para, através do ataque, o paciente atinja um propósito útil para ele.

Na anamnese do paciente, revelam-se as seguintes fases: primeiramente há uma satisfação auto-erótica, sem conteúdo ideativo. Depois, a mesma satisfação, mas em conexão com uma fantasia que leva ao ato de satisfação. Em seguida há uma renúncia ao ato, com a permanência da fantasia. Finalmente, o recalque da fantasia, que então se manifesta através do ataque histérico, ou de uma forma inalterada ou de maneira modificada e adaptada às novas impressões do meio. Além disso, há a possibilidade da fantasia restabelecer o ato de satisfação ao qual se havia abdicado. Portanto, acompanhamos um ciclo característico da atividade sexual infantil, a saber, o recalque, a falha do recalque e o retorno do recalco.

Saindo um pouco do campo da neurose e adentrando no da psicose, em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, Freud (1907/2006) analisa o conto Gradiva, de Wilhelm Jensen, cuja história se passa em Pompéia e trata de um arqueólogo que abdica do seu interesse pela vida a fim de se dedicar aos remanescentes da Antiguidade Clássica e, através

desta experiência, é novamente atraído à vida real. Por meio do personagem Norbert Hanold, Freud rascunha uma distinção entre fantasia e delírio, propiciando, mais tarde, um melhor entendimento a respeito da estrutura neurótica e psicótica. Ele utiliza a expressão “fantasia delirante” para o delírio, e o qualifica como pertencente ao grupo de estados patológicos que não produzem efeito sobre o corpo - distinguindo-o, assim, da histeria de conversão - e caracterizado pelo fato de que nele as “fantasias” ganham primazia, transformando-se em crença e passando a influenciar as ações. Logo, enquanto a fantasia não impede o acesso à realidade, o delírio impede. Freud aprofundará seus estudos sobre o delírio, o papel da realidade e a distinção entre neurose e psicose nos artigos *Neurose e psicose* e *A perda da realidade na neurose e na psicose*, ambos de 1924.

à forclusão do significante Nome-do-Pai, a fantasia não se instaura na psicose e o delírio é sua tentativa de cura, a tentativa de se estruturar através do simbólico. Por isso Lacan utiliza a expressão “força estruturante” no seu seminário sobre as psicoses (1955-1956/1992). Em contrapartida à neurose, é através da operação do recalque originário, operação pelo Nome-do-Pai, que se instaura a fantasia fundamental, “como um escudo protetor ao real do gozo” (COUTINHO JORGE, 2010, p. 207). Se a fantasia “protege” o real do gozo, quando ela não entra em cena, a pulsão de morte opera de forma direta, desenfreada, como ocorre na psicose. O delírio é uma tentativa de suturar a falha da instauração da fantasia inconsciente, resultante do fracasso do recalque originário.

Quando Freud escreve sobre a perda da realidade na neurose e na psicose (1924b/2007), pondera que ambos rompem com a “realidade externa”, no entanto, na neurose há uma relação com o objeto através da fantasia. Fantasia e delírio constituem modos de defesa perante o não-sentido do real, mas só a fantasia – efeito da operação simbólica – preserva a capacidade de dialetização própria do simbólico: o duplo sentido. Na psicose, sem uma operação simbólica contundente, o delírio paranoico apresenta-se inflado de sentido, altamente imaginarizado, enquanto o delírio esquizofrênico é característico pelo não-senso radical.

Tanto na neurose quanto na perversão há a entronização da matriz psíquica, a fantasia e, por conseguinte, o recalque originário. No entanto, o recalque secundário é o mecanismo primordial da neurose e, se por ventura há uma ação recalcante na perversão, esse não é seu mecanismo por excelência. Lacan, ao utilizar a *père-version*⁴⁷, nos indica a dimensão estruturante da perversão.

⁴⁷ Em francês, há uma homofonia que permite compreender esta expressão como “versão do pai” ou “perversão”.

Père-version é uma nova versão da metáfora paterna feita a partir do *objeto a*, apresentada por Lacan em *R.S.I.* (1974-1975): “um pai só tem direito ao respeito e ao amor se põe em jogo seu desejo perverso em relação à sua mulher, quer dizer, se fizer de uma mulher o objeto pequeno *a* que causa seu desejo” (COSTA, 2010, p. 70). A orientação do desejo do pai para a mulher mãe de seus filhos desestabiliza a alienação imaginária em que a criança se identificava ao falo materno, assegurando, assim, a castração materna, a divisão da mãe, “pois, ao apontar a mulher na mãe, o que o pai põe em jogo é o enigma da mulher que a mãe não pode suprir, sendo a mulher um limite na mãe” (COSTA, 2010, p.71).

Entretanto, a mãe quer o falo, quer colocar o filho neste lugar, como nos lembra Lacan (1956-1957/1995) ao afirmar que não há nada mais característico na relação de objeto pré-edipiana do que o nascimento do objeto como fetiche. Adotando o quadro das fórmulas da sexualização de Lacan (1972-1973/2008), que será trabalhado no próximo tópico deste capítulo, a mãe está no lugar do sujeito masculino, do sujeito desejante que busca o objeto do seu gozo (a criança). A mãe não está, necessariamente, completamente situada no lugar do sujeito masculino. Se o lado mulher faz um limite à mãe todo-fálica, ela não está totalmente inscrita na função fálica. Sem este limite, a mãe pode fazer do seu filho objeto da sua perversão.

Se a mulher barra a mãe, a criança não estará necessariamente na posição de preencher completamente a sua falta, pelo contrário, é a falta que faz a mulher, que há na mãe, remeter seu filho ao pai. Consequentemente, a função paterna preserva a criança de ser tudo para a mãe, assim como a mãe, retornando à posição de mulher, passa a desejar outras coisas além do filho. O matema elaborado por Sauret, Nominé e Bruno (1997 *apud* COSTA, 2010, p. 73) ilustra a versão do pai, a *père-version*, responsável por barrar a mãe (certificando a não existência d’A mulher nem da *mãe-toda*) e atrelar os três personagens edipianos:

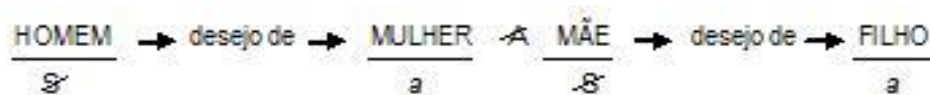


Gráfico 3 - *Père-version*

Se a *père-version*, enquanto uma versão da metáfora paterna, barra a mãe de transformar seu filho em objeto fetiche, na perversão, ela o coloca neste lugar.

Freud (1905/2006), no seu mais amplo trabalho sobre a sexualidade, afirma que a fantasia é ativada pouco antes da puberdade. Em *Escritores criativos e devaneios*

(1908[1907]) esse tema retorna quando se aborda o brincar como a fantasia infantil. Freud compara a criança ao escritor criativo: ambos criam um mundo de fantasia e o levam muito à sério, investem uma grande quantidade de emoção, enquanto mantêm uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. Ambos criam um mundo próprio, reajustando elementos de uma nova forma que lhes agradem.

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de *brincar*, ela agora *fantasia*. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de *devaneios*. Acredito que a maioria das pessoas construa fantasias em algum período de suas vidas. Este é um fato a que, por muito tempo, não se deu atenção, e cuja importância não foi, assim, suficientemente considerada (FREUD, 1908[1907]/2006, p. 136).

O brincar da criança é determinado pelo desejo de ser adulto, sempre imitando aquilo que conhece da vida deles, e ela não tem motivos para ocultar esse desejo. O adulto, que trocou o brincar pelo fantasiar, oculta seus desejos que provocaram as fantasias. Suas forças motivadoras são desejos insatisfeitos, por isso que a fantasia busca uma correção da realidade, satisfazendo-os. Geralmente, Freud afirma, nos homens, as forças motivadoras são relacionadas aos desejos egoístas, ambiciosos e eróticos. Nas mulheres predominam os desejos eróticos. A razão para o ocultamento seria porque uma dama educada só poderia ter um mínimo de desejos eróticos e o homem teria que suprimir o excesso de auto-estima remanescente de sua infância “mimada”.

Se na infância a criança exerce uma atividade imaginativa através da brincadeira, numa fase anterior à puberdade ela passa a se ocupar das relações familiares. Com a imaginação, o sujeito se liberta dos pais que decaíram em sua estima e os substitui por outros, em geral de uma posição social mais elevada. A técnica utilizada no desenvolvimento dessas fantasias - conscientes nesse período - depende da inventividade e do material à disposição da criança. Esse estágio é alcançado numa época em que a criança ainda ignora os determinantes sexuais da procriação.

O segundo momento do romance familiar, quando a criança já conhece os processos sexuais, imagina-se em relações e situações eróticas, cuja motivação é o desejo de colocar a mãe (objeto da mais intensa curiosidade sexual) em situações de secreta infidelidade. São justamente crianças neuróticas que foram castigadas pelos pais por travessuras sexuais, que agora se vingam deles através de tais fantasias.

Freud (1909a/2006, p. 222) nos alerta que a infidelidade e a ingratidão dessas crianças são apenas aparentes. Numa análise cuidadosa desses romances imaginativos, observamos que os substitutos dos pais, as pessoas de melhor situação na fantasia infantil, são imbuídos de qualidades que se originam das recordações reais dos pais mais humildes e verdadeiros; “é a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres [...] Assim volta a manifestar-se nessas fantasias a supervalorização que caracteriza os primeiros anos da criança”.

Freud também atenta para a relação de fantasia e tempo. O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a algum momento no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. A partir disso, retrocede à lembrança de uma experiência anterior, infantil, na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação ligada ao futuro que representa a realização do desejo. “O que se cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (FREUD, 1908[1907]/2006, p. 138). Percebemos, desta forma, o funcionamento inconsciente, onde tempo, espaço e contradição coexistem.

O texto de 1908 já abordado previamente, como o próprio título demonstra, trata da fantasia na formação do sintoma neurótico e sua relação com a bissexualidade. Nele, Freud enumera nove⁴⁸ fórmulas que tentam oferecer uma visão progressiva da natureza dos sintomas histéricos, sendo o último o mais revelador, pois enlaça os sintomas com a bissexualidade. Demonstra-se que dificilmente uma única fantasia jaz por trás de um sintoma, e que, às vezes (ela não se aplica a todos os sintomas de um caso nem a todos os casos), é necessário ter duas fantasias sexuais, uma feminina e outra masculina. Percebemos que Freud está tratando da predisposição bissexual humana, ou seja, a capacidade de investir em qualquer objeto, seja

48 (1) Os sintomas histéricos são símbolos mnêmicos de certas impressões e experiências (traumáticas) operativas. (2) Os sintomas histéricos são substitutos, produzidos por “conversão”, para o retorno associativo dessas experiências traumáticas. (3) Os sintomas histéricos são - como outras estruturas psíquicas - uma expressão da realização de um desejo. (4) Os sintomas histéricos são a realização de uma fantasia inconsciente que serve à realização de um desejo. (5) Os sintomas histéricos estão a serviço da satisfação sexual e representam uma parcela da vida sexual do sujeito (uma parcela que corresponde a um dos constituintes do seu instinto sexual). (6) Os sintomas histéricos correspondem a um retorno a um modo de satisfação sexual que era real na vida infantil e que desde então tem sido reprimido. (7) Os sintomas histéricos surgem como uma conciliação entre dois impulsos afetivos e instintuais opostos, um dos quais tenta expressar um instinto componente ou um inconsciente da constituição sexual, enquanto o outro tenta suprimi-lo. (8) Os sintomas histéricos podem assumir a representação de vários impulsos inconscientes que não são sexuais, mas que possuem sempre uma significação sexual. (9) Os sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina (FREUD, 1908b/2006, p.153-154).

homo ou heterossexual, e sua relação com o sintoma histérico, afinal, ele já aborda a plasticidade do objeto pulsional desde 1905.

Coutinho Jorge (2010) ressalta que Lacan, com o conceito de *objeto a* – objeto esse da pulsão, da fantasia, do desejo e da angústia – substitui a noção de bissexualidade. A bissexualidade freudiana apresentaria uma versão imaginária da diferença sexual, ao ponto que o *objeto a* sugere o real em jogo na diferença sexual.

Até 1911 Freud continua a desvelar a importância da fantasia, principalmente ao analisar os casos de Hans e do Homem dos Ratos, ao tratar da infância de Leonardo da Vinci e ao relatar as suas cinco lições de psicanálise. Com a elaboração do caso Hans e a teoria sexual das crianças (1909/2006), surgem a noção da crença fantasiosa do pênis como órgão universal. Posteriormente, com a ideia de as mulheres possuírem pênis, há a teoria infantil de que as crianças nascem pelo ânus. Outra teoria é a concepção do ato sexual como violento, sádico, imposto pelo mais forte ao mais fraco. A última teorização infantil remete ao casamento, este sendo um meio de prazer visto que já haveria uma ausência de pudor – imposta à criança pela educação – entre o casal.

Com *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911/2006), Freud busca uma sistematização e formalização da teoria, que são tentativas em fazer metapsicologia, privilegiando os aspectos topológicos (lugar psíquico), dinâmico (conflito) e econômico (quantum de energia).

Uma tendência geral de nosso aparelho mental, que pode ser remontada ao princípio econômico de poupar consumo [de energia], parece encontrar expressão na tenacidade com que nos apegamos às fontes de prazer à nossa disposição e na dificuldade com que a elas renunciemos. Com a introdução do princípio de realidade, uma das espécies de atividade de pensamento foi separada; ela foi liberada no teste de realidade e permaneceu subordinada somente ao princípio de prazer. Esta atividade é o *fantasmar*, que começa já nas brincadeiras infantis, e, posteriormente, conservada como *devaneio*, abandona a dependência de objetos reais. (FREUD, 1911/2006, p.240-241).

Com a formulação do Princípio de Realidade como aquele que assegura a existência, “otimiza” o Princípio do Prazer, a fantasia se separa da dependência dos objetos reais. O Princípio do Prazer, que conduz o inconsciente, é a tendência do organismo a liberar a energia acumulada, esta entendida como mal-estar. Com o Princípio de Realidade, que rege a consciência, passamos a conjugar a descarga de energia com as exigências da vida, por isso que por vezes ele otimiza o Princípio do Prazer.

Passado o “ciclo da fantasia”, destacamos o texto *Uma criança é espancada* (1919/2006), trabalhado no capítulo anterior, como a maior contribuição para o estudo da

fantasia – e, de quebra, das perversões – até a mudança do dualismo pulsional, ocorrida em 1920 (2006) com *Além do Princípio do Prazer*.

A rigor, é ao introduzir a pulsão de morte que Freud destaca o estatuto conceitual da pulsão em sua radicalidade. Somente nesse momento ele consegue evidenciar a dimensão de sua teoria das pulsões na íntegra, ainda que esta possa ser surpreendida em cada uma das transformações que ela sofreu.

O que é característico das formulações freudianas acerca da pulsão pré-virada dos anos vinte é a ideia da pulsão inscrita psiquicamente, da pulsão com fiadores psíquicos, da pulsão articulada a fantasias, da pulsão da ordem do sexual. Não há ênfase, apesar de haver apontamentos, da pulsão articulada à falta de objeto, da pulsão avessa aos “semblantes” objetais, da pulsão na sua referência essencial à Coisa, *das Ding*, ao irrepresentável. Podemos dizer ser justamente essa vertente que Freud traz à tona em 1920, situando-a como o polo silencioso, compulsivo, obstinado, renitente, porque remetido ao impossível da Coisa, subjacente aos processos ruidosos da pulsão de vida. Na compulsão à repetição, repetimos em busca do ideal, pois sempre há um rateio, um prazer não-total, logo se repete buscando a satisfação completa, primordial, o gozo mítico que pensamos outrora termos alcançado. Busca-se a morte do desejo, realizar o impossível.

A pulsão de vida pode ser encarada aí, para além de um duelo com a pulsão de morte, como responsável por frear aquilo que era empuxo-ao-gozo – pulsão de morte, empuxo na direção da morte –, passando a ser uma região na qual a pulsão de morte é sexualizada. Nessa região, a fantasia passa a dominar pelo menos um trajeto da pulsão de morte, constituindo-se na pulsão sexual, ou pulsão de vida. Sem fantasia caímos numa descarga imediata automática, o gozo, a pulsão de morte.

Não é de se espantar que o conceito de pulsão de morte tenha causado inquietação e resistência na comunidade psicanalítica. Alguns, como Winnicott, chegam a negar veementemente a pulsão de morte, outros, como Melanie Klein, fizeram uma apreensão da pulsão de morte referindo-a a fantasias infantis agressivas, canibalísticas e assassinas, o que reduz a dimensão original da tese freudiana. Não foi pela trilha da agressividade que Freud chegou a tal conceito, mas pela compulsão à repetição. É desta maneira que ele reconhece no seio da dinâmica psíquica uma pulsação intransigente, imperativa, fixada, obstinada, compulsiva, ávida, que se esforça sem cessar em alcançar uma satisfação completa, ou seja, a repetição de uma experiência primária de satisfação.

Essa característica imperiosa da pulsão, que agora ocupa o centro das atenções, já estava indicada desde cedo na obra de Freud quando ele a definiu como uma força constante

cujo objetivo era a satisfação. Não estaria já indicada nessa força constante a problemática da repetição?

Ao desaguar nessa articulação entre a busca constante por satisfação – uma característica da pulsão desde a primeira teoria pulsional – e a problemática da compulsão à repetição dos anos vinte, a questão que se destaca diz respeito ao estatuto do objeto da pulsão, suposto como capaz de proporcionar a satisfação. Além de ser variável, o objeto da pulsão não está originalmente ligado a ela, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação. Portanto, temos uma vinculação entre a pulsão e a falta de objeto. Podemos pensar na inexistência desde sempre de um objeto adequado, específico. Evidencia-se aí que todo encontro possível com um determinado objeto apto a dar alguma satisfação é simultaneamente um encontro parcial, não-todo, faltoso. Há algo de estruturalmente desconstruído nos nossos encontros funcionando como causa da repetição.

Está aí uma leitura possível do que Freud diz nos *Três ensaios* (1905/2006), de que todo encontro com o objeto é sempre um reencontro. Reencontro com o enigma do objeto, reencontro com a obscuridade do objeto, reencontro com o objeto não-todo. Muito além do objeto faltoso, da falta do objeto, podemos pontuar a falta no objeto que, ao desnudar a verdade da castração, inviabiliza qualquer apelo marcado pela idealização de um objeto pleno, sem furo. Face à impossibilidade de um encontro objetual pleno capaz de assegurar a satisfação completa, a pulsão não cessa de repetir o seu circuito, convocando assim novos começos, novos recursos. É nessa vertente que se pode pensar na articulação da pulsão de morte com a criação, tal como sugere Lacan (1959-1960/2008) no seu seminário sobre ética.

Coutinho Jorge (2006) utiliza o matema da fantasia de Lacan (1966-1967/sem data) - $\$ \diamond a$ - como uma articulação entre o inconsciente e a pulsão, entre o simbólico e o real, entre amor e gozo. A fantasia de completude do neurótico é amorosa, enquanto que a do perverso se dá pelo gozo. Portanto, o neurótico se fixa no polo inconsciente da fantasia e elide o polo do gozo, já o perverso fixa-se no polo pulsional. O neurótico, tendo acesso ao gozo, deixa de se fixar no polo do amor; o perverso acede ao amor deixando-se de se ater ao gozo. Assim, eles terão acesso ao desejo ($\diamond$). É seguindo esta elaboração que o autor coloca que essa balança entre amor e gozo ocorre não só nessas estruturas clínicas, mas também em um mesmo sujeito. O sujeito perverso, para Coutinho Jorge, procura análise devido à solidão, consequente das posições perversas adotadas por ele.

Pensando na clínica com a perversão, se o amor que se dirige ao saber (1972-1973/2008) é essencial para a transferência, como o perverso se colocaria em análise? Se ele está como *objeto a*, do lado da pulsão, do gozo, da tamponação da castração, é difícil ele

aceder à posição de \$, da falta, do amor. Amando, oferecemos o que nos falta; ama-se na posição de sujeito. Se o perverso se coloca como *objeto a*, como amar? Como ter transferência? Como ter análise?

O perverso, fixado no polo do gozo, tem uma relação amorosa precária, o que não o permite fazer laço com o outro enquanto sujeito, só enquanto objeto. Indo além, o gozo fica como uma defesa em relação ao vínculo amoroso, pois este alude a certa castração do gozo. “A abolição da diferença, a abolição do desejo do Outro. Ou seja, a perversão é a abolição daquilo que entra com toda força na intersubjetividade amorosa” (COUTINHO JORGE, 2006, p.34). A teoria de que o perverso se fixa no polo do gozo só nos corrobora a importância da fixação para o entendimento da perversão. Privilegiar uma única maneira para a sua obtenção, ademais, denota a exclusividade como outra característica essencial para nosso estudo.

O estudo da fantasia se mostra primordial para pensar a perversão. O próprio texto freudiano *Uma criança é espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919/2006), estudado no primeiro capítulo do presente trabalho, é tido como um divisor de águas no estudo do tema. A fantasia é estruturante na medida em que dá um suporte ao sujeito frente ao real, instrumentalizando sua relação com o objeto. Com a fantasia, não nos satisfazemos somente por meio de atos, daquilo que acontece na “realidade fática”; através da realidade psíquica – que é, afinal de contas, a que temos acesso – obtemos satisfação, geramos sintomas e culpas. Não é à toa que o caminho de uma análise é chamado de *travessia da fantasia*. É na fantasia que fabricamos e guardamos o que há de mais íntimo e revelador de nós mesmos, de forma que é através dela que nos posicionamos como homem ou mulher, independente do sexo anatômico. Isso já é, de certa forma, suficiente para questionarmos por que uma mulher, anatomicamente falando, não pode ser perversa.

2.2 Os atos

Na lição de 22 de fevereiro de 1967, Lacan (1966-1967/sem data, p. 216) define o ato em quatro tópicos. Primeiramente, adverte que o ato é significativo. Acrescenta que é um significativo que se repete. O ato, ainda, é a instauração do sujeito enquanto tal: “por um ato verdadeiro, o sujeito surge diferente, em razão do corte, sua estrutura é modificada”. Finalmente, aborda o limite imposto ao reconhecimento do ato no sujeito. “Seu *Repräsentanz* na *Vorstellung*, nesse ato, é a *Verleugnung*”, ou seja, quando o sujeito não se reconhece em

seu verdadeiro alcance inaugural. É de se notar que, num ato, o sujeito pode desmentir sua representação.

Os atos, em psicanálise, admitem algumas dimensões. Desde o próprio ato psicanalítico - título, inclusive, de um dos seminários lacanianos -, à passagem ao ato, *acting out* e o ato perverso.

O ato psicanalítico institui o começo: é autêntico e fundador. Dissez (2005) aponta-o como o registro de um desejo responsável por modificações no sujeito que constitui um verdadeiro começo. Lacan (1967-1968) pensa nos efeitos da introdução da psicanálise na subjetividade, ou seja, no ato freudiano com o estabelecimento do inconsciente. A formulação cartesiana “penso, logo sou” indica o ato de estabelecer o inconsciente como ruptura sobre o *cogito*.

No *Seminário, livro 9* (1961-1962/2003), Lacan também contrapõe a questão do sujeito e do sentido através desta célebre frase de Descartes. É pela dúvida que Descartes chega ao “pensar”: se penso, logo sou. Enquanto se questiona o sentido do pensar, ele não pode afirmar nada. Quando tem a certeza do pensar, ele afirma que ele é. O ser é o que vai dar garantia para que ele pense, implicando que seria necessário que o sujeito se preocupe em pensar a todo instante para se assegurar de ser. Entretanto, Descartes nunca questiona o que é o ser. Lacan, por outro lado, postula que quando se está no plano do ser (do sujeito), não se está no plano do sentido (do pensar). O sujeito só aparece a partir da ruptura entre significantes, senão ele se afanisa com o sentido que S_2 dá a S_1 . É preciso que o significante não se cristalice em signos, em sentido; o sujeito só emerge quando esses signos se *significantizam*, permitindo-se associar livremente. Falta sempre um significante que totalize a cadeia e que diga toda a verdade, por isso a verdade é sempre não-toda; há sempre um resto (*objeto a*). O saber é acúmulo de significantes, mas não diz a verdade sobre o real. No seminário 19 (1971-1972/2011), ...*Ou pire*, os três pontos do título refletem o lugar do vazio, o lugar do verbo. O verbo faz função e é daquilo que o cerca que faz argumento. Esvaziando-se o verbo faz-se um argumento: passa do dizer (dire, pire) à um dizer. Qual dizer? *Não há relação sexual*, que se propõe como verdade. No entanto, da verdade só pode meio dizer-se, logo a outra metade diz *pior*.

Lacan (1964/1973) exemplifica a questão do ser e do pensar com “*la bourse ou la vie!*”⁴⁹ Ao escolher a bolsa, perde-se os dois, mas ao escolher a vida, tem-se a vida sem a bolsa, a saber, uma vida desfalcada. A alienação consiste nesta escolha forçada, ela é própria do sujeito e algo será sempre perdido.

⁴⁹ “A bolsa ou a vida”.

Para abordar a alienação propriamente dita, Lacan se utiliza do articulador lógico punção ($\diamond$). O “v” da sua metade inferior, disjunção inclusiva, é o “ou” (*vel*, em latim) constituído da primeira operação essencial onde se funda o sujeito; trata-se de fato da alienação. Isso é melhor explicado através dos círculos de Euler, em cuja reunião há o complemento que comporta que, independentemente da escolha operada, tenha-se por consequência um *nem um, nem outro*. Num dos círculos está o ser, no outro o sentido dado pelo Outro. O sujeito pode se submeter a um dentre os vários significantes que lhe são oferecidos pelo Outro, mas não ser totalmente coberto pelo sentido dado pelo Outro: há sempre uma perda. Joga-se aí uma espécie de luta de vida e morte, entre o ser e o sentido: se o sujeito escolhe o ser, perde o sentido, e se escolhe o sentido, perde o ser, afanizando o sujeito.

Para introduzir o ato analítico, Tolipan (1991) fala das entrevistas preliminares. Esse tempo imprescindível da análise visa à mudança de posição subjetiva e o estabelecimento da transferência. A mudança de posição subjetiva transforma uma demanda qualquer em uma demanda de análise, ligando o sujeito a um sintoma, a uma angústia ou a uma inibição que lhe acomete. “O primeiro ato analítico constitui-se na própria autorização de iniciar-se uma análise” (TOLIPAN, 1991, p.87).

É com o ato analítico que se evita a repetição e cria-se algo novo. Todo ato marca um início, algo que altera o sujeito depois que ocorre, fazendo com que ele não seja mais o mesmo; nesse sentido é que algo se inicia.

O ato analítico tem valor interpretativo e fornece uma abertura para uma nova articulação da cadeia significativa. É nesse sentido que o corte da sessão é um dos importantes atos analíticos. Ele abre a possibilidade de interromper a tendência compulsiva a repetir que caracteriza o sujeito do inconsciente, buscando a aparição do novo. As pontuações, interpretações, perguntas e os cortes configuram, então, o ato analítico.

O ato subverte a relação do sujeito com o saber. Quando os atos são falhos ou sintomáticos, há o surgimento de um significante recalcado desconhecido pelo sujeito. Já no ato analítico, um significante novo se inscreve.

Por conseguinte, interpretar é diferente de compreender, pois quando compreendemos somos incapazes de ouvir o que não é dito. A melhor interpretação se faz de forma enigmática, apontando ao *non-sense*, e não visando a significados e significações.

É preciso ressaltar que ato e ação não são sinônimos. A ação é uma resposta motora, passiva e reativa. O ato está vinculado a certa posição que tem que ser sustentada para poder exercê-lo, ou seja, só pode ser realizado a partir de determinado lugar.

Já a passagem ao ato e o *acting out* são saídas para evitar a angústia. Denotam a existência de uma relação do sujeito com o *objeto a*. Retomando Lacan (1962-1963/2005) no seu seminário sobre a angústia, o que faz barreira à angústia é o sintoma e, quando ele falha, o *acting out* e a passagem ao ato são como a última tentativa de barrá-la.

Entretanto, esses atos são respostas diferentes frente à angústia. O *acting out* é “em essência, a mostração, a mostragem, velada, sem dúvida, mas não velada em si” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 138), ou seja, é endereçada ao Outro, enquanto a passagem ao ato é a saída de cena, quando o sujeito é totalmente apagado, sem se dirigir ao Outro. “O acting-out é uma repetição em ato. É um corretivo ao analista. É qualquer coisa na conduta do sujeito que essencialmente se mostra para um espectador. O acento está na demonstração em direção ao Outro” (TOLIPAN, 1991, p.89-90). Freud (1915[1914]/2006, p. 183) nos explicita bem essa demonstração ao Outro, essa repetição como um corretivo ao analista, no seu texto sobre o amor transferencial, comentando que se o analista corresponde aos avanços da paciente, o tratamento fica comprometido. “Ela teria alcançado sucesso naquilo que todos os pacientes lutam em análise – teria êxito em atuar (*acting out*), em repetir na vida real o que deveria apenas ter lembrado, reproduzido como material psíquico e mantido dentro da esfera dos eventos psíquicos”.

O *acting out* tem algo em comum com o sintoma que também se mostra, só que o sintoma não pede interpretação, é gozo, enquanto esse ato pede uma interpretação ao analista, já que algo lhe está sendo endereçado. Todavia, Coelho dos Santos (2001) ressalta que sua ênfase é demonstrativa, orientada para o Outro, e não requer interpretação, pois já é, em si mesmo, uma interpretação do desejo. Quando há *acting out* é porque faltou análise. E das duas, uma: ou o analista não escutou o sujeito, ou essa foi a maneira que ele conseguiu dizer o que queria.

A passagem ao ato, por sua vez, tem o caráter por vezes trágico e definitivo, como os suicídios, por exemplo. “Na passagem ao ato o sujeito, identificado ao objeto, enquanto função de resto que cai, sai de cena. É o ‘deixar cair’. O sujeito aparece totalmente apagado pela barra que o divide” (TOLIPAN, 1991, p.91). A saída de cena distingue a passagem ao ato do *acting out*, e nesse âmbito o analista nada pode fazer; o sujeito apenas se retira.

Essa breve explanação sobre os atos que constituem a clínica e a teoria psicanalíticas servem de trajeto para nos lançarmos sobre o ato perverso. O autor do ato perverso não é necessariamente um perverso estrutural, e um ato perverso não corresponde à perversão-polimorfa.

No seu seminário sobre a lógica da fantasia, Lacan (1966-1967/sem data) coloca o ato perverso no nível da questão sobre o gozo, enquanto que o ato neurótico tem como finalidade sustentar o efeito do desejo. Se lembrarmos que, perante a castração, o neurótico se reconhece enquanto sujeito da falta e busca no Outro uma complementariedade ($\$ \diamond a$), na perversão o sujeito se coloca como *objeto a* e suplementa o Outro com o gozo ($a \diamond \$$). Com isso demonstramos que a perversão tem uma relação íntima com o gozo.

Quanto ao sujeito perverso, o desejo se dá como uma subversão e suporte de uma lei. Por mais que o perverso seja aquele que busque gozo sem fim, essa satisfação não é sem lei.

Se há uma coisa que hoje sabemos do perverso, é que aquilo que aparece externamente como uma satisfação irrefreada é uma defesa, bem como o exercício de uma lei, na medida em que esta refreia, suspende, detém o sujeito no caminho do gozo. A vontade de gozo no perverso, como em qualquer outro, é uma vontade que fracassa, que depara com seu próprio limite, seu próprio freio, no exercício mesmo do desejo (LACAN, 1962-1963/2005, p. 166).

O campo do gozo não se prende a tripartição das estruturas clínicas. Lacan, ao elaborar seu quadro das fórmulas quânticas da sexualização, propõe formas de gozos possíveis de serem apreendidas dessas fórmulas, tais como o gozo fálico, o gozo feminino, o gozo místico e também o gozo perverso. Brevemente, lembramos que o gozo fálico é relacionado à palavra. Por intermédio do significante barra-se o gozo total, ilimitado, ao mesmo tempo em que propicia outro. Tanto o gozo feminino quanto o gozo místico estão em $S(\bar{A})$ e, ao contrário do gozo fálico, estão no corpo, são inefáveis e indizíveis. No próximo tópico, reservado ao feminino e masculino, exporemos e trabalharemos em cima de tal quadro. Quanto ao gozo perverso, Lacan (1972-1973/2008, p. 82) diz de “pessoas que também não estavam tão mal do lado místico, mas que se situavam mais do lado da função fálica, Angelus Silésius, por exemplo – confundir seu olho contemplativo com o olho com que Deus o olha, isto bem deve, por força, fazer parte do gozo perverso”.

Se a fantasia opera sobre todas as relações do sujeito com o *objeto a* (LACAN, 1966-1967/sem data), Alberti e Martinho (2013) afirmam que no caso de Angelus Silésius o gozo místico se confunde com o perverso, porque o que se interpõe entre o sujeito e Deus é o *objeto a* da fantasia, o olhar de Deus.

Como recorda Valas (2001), Lacan desejou que o campo do gozo fosse chamado de campo lacaniano, por considerar essa a sua contribuição mais importante. Para ele, *Totem e tabu* (1913c/2006) é o mito freudiano do gozo, que veio completar o mito edipiano do desejo e da Lei. Esse mito freudiano do gozo é localizado em Lacan no gozo do Outro, o gozo

originário, mítico, que está na Coisa. Ele só tem seu sentido retroativamente, pela incidência do significante S_1 que barra o seu acesso ao sujeito.

Em uma articulação entre gozo e desejo, podemos alocar o gozo originário no primeiro tempo – um momento de plenitude onde o sujeito e o Outro não estão barrados, é o gozo total – e o desejo no terceiro tempo. Do gozo ao desejo passamos, obrigatoriamente, pela angústia. O que se opera entre o gozo e o desejo é a castração e seu efeito, a angústia.

O *objeto a* é o resto de gozo produzido pela operação significante. Esse gozo mítico é anterior à perda do *objeto a*, que preenchia o sujeito. Ele é para sempre buscado, mas inexistente, por isso, o estado anterior a sua suposta perda é chamado de mítico. Como bem pontuou Tolipan (1991), nada pode suprir todo mal-estar que está presente na experiência subjetiva humana pulsional.

De certa forma, podemos afirmar que, a princípio, esse objeto está presente no gozo, mas não no desejo. Ser desejante é justamente não possuir o objeto. *Objeto a*, também conhecido como objeto causa de desejo, posiciona-se atrás do sujeito, é seu motor. “O desejo é sempre aberto, é o que nos impulsiona a viver, enquanto que o gozo oferece ao sujeito um momento de fechamento” (TOLIPAN, 1991, p.48).

O mito de totem e tabu relaciona o gozo, o desejo e a lei. Quando o Um pai, detentor de todo o gozo, é morto, seus filhos sofrem uma interdição contra o incesto, instaurando-se a lei. Surge aí um paradoxo do gozo, pois a morte do pai primevo não abriu a via para o gozo, pelo contrário, reforçou a interdição ao mesmo.

Neste período, Lacan ainda não está trabalhando com nenhuma diferenciação de gozo. E que o gozo, desde que haja lei, estará submetido à lei do significante, sendo, portanto interditado. Mesmo assim, o gozo sempre vai adiante, pois a transgressão é também um lugar de gozo.

A entrada do significante no real, no gozo infinito, produz, de uma só vez, uma perda e um sujeito. Essa marca significante que “inaugura” o sujeito do inconsciente advém do Outro, e inscreve estruturalmente a castração, a barra no sujeito, assinalando a origem da economia do gozo. Pela via da repetição, o sujeito tenta recuperar uma perda - *objeto a* - para aceder ao gozo ilimitado.

No seminário dedicado aos conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan (1964/1973) desenvolverá as operações necessárias para que haja a constituição do sujeito: a alienação e a separação. Enquanto a alienação é assujeitar-se ao Outro, ao campo da linguagem, a separação é a operação que permite o sujeito aceder ao desejo. No movimento de alienação e separação “ocorre uma extração de objeto que nem é colocada no campo do sujeito, nem no campo do

Outro, mas justamente em uma interseção que aponta para o objeto como aquilo que falta a ambos, possibilitando por esta falta mesma a instalação de um laço com o Outro” (CALAZANS; BASTOS, 2010, p. 249). Em psicanálise, a possibilidade de um discurso – um laço social – é impulsionada pela falta.

Calazans e Bastos (2010) afirmam que na passagem ao ato não há a distinção entre os lugares do sujeito, do objeto, do Outro e da angústia. Quando Lacan (1962-1963/2005) coloca o *objeto a* como função de resto do lado do sujeito na passagem ao ato, sem uma intermediação com o Outro, é precisamente essa falta de distinção que está sendo tratada. No *acting out*, por sua vez, o sujeito não cai junto ao objeto, e mantém o lugar da demanda e da transferência. Transferência essa denominada de “selvagem” por Lacan (1962-1963/2005). Por conseguinte, não há uma destituição do lugar do Outro, mas uma demanda para que ele se mantenha em seu campo.

Algumas questões podem, contudo, ser colocadas a partir da distinção entre a passagem ao ato e o *acting out*. A passagem ao ato, por ser um ato em que o discurso como laço social é deixado de lado, costuma ser ruidosa – como sugere a noção de crimes imotivados. No entanto, conforme indicam alguns autores, ela pode ter como consequências a pacificação do sujeito e, por conseguinte, uma estabilização (CALAZANS; BASTOS, 2010, p.251).

E quando esses crimes imotivados têm como objetivo exhibir-se para o Outro? Se os autores desses crimes buscarem suplementar o Outro com o gozo, dividindo sua vítima? Nesse caso, a vítima seria o público, estarecido, angustiado, com tal ato. Não teríamos aí um ato perverso? O ato perverso não significa necessariamente um ato criminoso, mas certamente alguns crimes representam o ápice de um ato perverso.

A partir do que foi exposto, situaríamos o ato perverso mais próximo do *acting out*. O perverso, por mais que ocupe o lugar de objeto, comprometendo o laço social e a relação transferencial, endereça, responde ao Outro. O ato perverso tem a ver, claro, com a perversão. No entanto, não é só um perverso que comete tal ato. Um sujeito que, num ato, coloca-se como *objeto a* e obtém gozo à custa de outros sujeitos, desempenhou uma atuação perversa.

Susini (2003), em *O autor do crime perverso*, cunha propositalmente a palavra autor pela relação deste tipo de crime com uma peça teatral. Eles fazem parte de um espetáculo e visam, especificamente, à reação do público.

O livro expõe uma diferenciação entre crimes cometidos ao acaso, nos quais o autor tenta esconder seu crime, e crimes perversos, minoria nas estatísticas criminais, que são provocativos, e cujo autor quer transformá-lo em uma obra prima. Este tipo de assassino é o

que provoca grande fascínio do público e da mídia, e seus nomes tornam-se amplamente conhecidos. Devemos atentar que o autor do crime perverso não é, necessariamente, um perverso. Neuróticos e psicóticos podem cometer um ato perverso e também um crime perverso. Por mais que a autora utilize frequentemente o termo “criminoso perverso”, julgamos que a especificidade da perversão, nesses casos, atrela-se aos crimes, e não aos autores deles.

Uma das diferenças entre os crimes comuns e os perversos seria justamente a reação provocada no público. Apesar de causar nojo, espanto e temor, os crimes perversos também ganham grande popularidade, encontrando seu público alvo independente da época em que ocorrem. O livro dá a seus criminosos um ar de artistas, que sabem jogar com o que interessa ao público, apresentando assim uma grande obra.

Susini (2003) cita o termo *serial killer*, o assassino em série. A autora explica que é necessário captar a lógica do ato, aquele que é comum à série, para compreender as ações desse tipo de assassino.

Gilles de Rais, Jack, o Estripador e Landru são citados como exemplos de tais criminosos que tiveram seus nomes perpetuados ao longo da história.

Gilles de Rais demarca, segundo a autora, o nascimento histórico do criminoso perverso. Em 1440, Rais afirma ter matado mais de duzentas crianças por prazer e conta com detalhes suas práticas sexuais e o gozo que sentia ao degolar meninos. Este homem conseguiu fazer com que seu testemunho saísse da sala de julgamento e atingisse o público na rua, criando um espetáculo e passando uma mensagem de que “existe um crime causado pela busca do prazer, existe um crime em que se acrescenta gozo” (SUSINI, 2003, p.17). Esse crime sexual teria sido deixado em segundo plano pela explicação demoníaca típica da idade média.

O conto de Perrault chamado *Barba Azul* (1697) descreve o gozo necrófilo do senhor que degola uma após a outra suas esposas. Como se trata de um conto, contudo, o gozo fetichista do cadáver é somente invocado de forma velada.

Sobre Sade a autora afirma que ele “quer forçar o universo a ouvir que há prazer sexual no crime, que há crime sexual”, sendo o “primeiro autor de crime perverso” (SUSINI, 2003, p.18).

Jack, o Estripador, atuou em 1888 estripando diversas prostitutas, mutilando seus corpos e deixando rastros para que fossem encontrados. Mandou diversas cartas para polícia onde se denominava *The Ripper*, chegando a enviar o rim de uma das vítimas ao chefe de um

comitê de vigilância instaurado por sua causa. Essas cartas foram coladas nas paredes de Londres, causando terror no público e fazendo o espetáculo acontecer.

Já Landru cometeu seus crimes em torno de 1920, e foi o primeiro assassino a ser noticiado em jornais de maior circulação, tendo ficado em evidência durante mais de dois anos.

Susini (2003) compara o crime perverso com uma estrutura de peça de teatro, dividida em quatro atos. O primeiro é o crime em si, realizado debaixo dos panos, mas sempre com tendência a se revelar. O segundo ato é a descoberta do corpo e do crime, que apesar de escondido, parece ter sido colocado para ser encontrado, tirando o autor de seu anonimato. O terceiro ato é o julgamento do autor, quando esse aparece frente a seu público, geralmente na sala de audiência, que já tem um ar teatral. O quarto e último ato é a execução do autor, onde este consegue realizar sua última grande cena. As emoções geradas no espectador pela sua atuação são previstas, parte do seu grande espetáculo, a fim de alcançar seu júbilo, seu gozo.

Essa explanação sobre o espetáculo do crime perverso nos traz à memória Dennis Raider, ou BTK (**b**ind them, **t**orture them, **k**ill them⁵⁰), como preferia ser chamado. Casado há muitos anos e com filhos, atuou durante vinte anos matando famílias no bairro. Frequentemente levava “lembranças” das casas de suas vítimas e deixava amostras de sêmen, pois o crime o excitava. Como buscava reconhecimento pelos assassinatos, colocava cartas em lugares públicos, ligava para a polícia ou até enviava poemas para um jornal se responsabilizando pelos seus atos. Quando foi preso, os carcereiros o proibiram de ver a propagação de seus crimes na televisão da penitenciária. Isso não o impediu de ter a dimensão de seus feitos, pois sabia que, se o proibiam de ver televisão, era porque nela falavam dele.

Também nos lembramos do filme *Seven - os sete crimes capitais* (1995), de David Fincher, cuja trama gira em torno de dois policiais que são encarregados de investigar um *serial killer* (assassino em série) que segue a ordem dos sete pecados capitais. Provocando horror e fascinação na população com sua forma de matar, John Doe, o assassino, entrega-se aos detetives, relatando já possuir os dois corpos que faltavam para completar a sua *obra*, que seriam o da inveja e o da ira, escondidos em lugares que só ele conhecia.

No trajeto aos tais corpos, Doe revela aos detetives que se vê como a Espada de Deus, fazendo com que cada pecado se volte contra o pecador. “Todos nós vemos um pecado capital em cada esquina, em cada lar. Nós toleramos porque é uma coisa comum. Mas, isso acaba no

⁵⁰ “aprisioná-los, torturá-los, matá-los”.

momento em que estou dando o exemplo. Tudo o que estou fazendo vai ser decodificado, estudado e imitado por outros seguidores”.

Chegando ao local indicado, um pacote endereçado a um dos detetives é aberto pelo outro. Este contém a cabeça decepada da mulher grávida do policial a quem o pacote havia sido enviado. Doe então confessa que ele personifica a inveja “por não enxergar o mundo como vocês”. Cabe ao detetive, marido da mulher morta, assumir a ira e matar Doe, e assim sacramentar a *obra* serial baseada nos pecados capitais. Por mais que soubesse que o melhor suplício a ser imposto ao assassino era mantê-lo com vida, o policial, como bom neurótico, divide-se intensamente entre deixá-lo vivo ou levar a cabo a sua ira. Ele termina por matar John Doe.

Esse personagem nos é bem-vindo na ilustração sobre o ato perverso, pois, estruturalmente, talvez o situáramos na estrutura psicótica, mas podemos chamar seus assassinatos em séries de atos perversos.

A prática perversa em uma estrutura psicótica já foi apontada por Maleval (2007). Ele relaciona o caso do Senhor M., descrito por M’Uzan (1972), a uma suplência perversa na psicose ao invés de uma perversão masoquista, como era comumente entendido.

Senhor M. procura análise devido à recomendação de uma radiologista após detectar num exame as sequelas das práticas masoquistas deixadas em seu corpo. Aos vinte e cinco anos, M. se casou com uma prima também qualificada como masoquista. Nos três primeiros anos de casados, mantiveram uma atividade sexual “normal” e práticas masoquistas com terceiros, geralmente dois outros homens. Posteriormente, abandonam as relações sexuais em função das práticas masoquistas. Após oito anos, sua esposa morre de tuberculose, consequente das atividades masoquistas. M., então, deprimiu profundamente. Dez anos depois casa-se com uma prostituta, mas divorcia-se após três anos de matrimônio, pois as atividades ilegais dela poderiam levar a uma perseguição judicial, algo que M. não queria de jeito nenhum. Ainda, ele se sentia ofendido pela falta de moralidade de sua companheira.

Deste casamento só ficou a empregada doméstica que o atendia. Ele a adota como filha e convive com a família da mesma (marido e filhos). Deles, esconde a sua prática, mas aos médicos, exhibe seu corpo e relata sem pudor as suas experiências passadas.

Ele possui tatuagens no corpo inteiro, menos no rosto. A lista impressiona: um pênis tatuado nas coxas, além de frases como “sou uma porca”, “viva o masoquismo”, “não sou varão nem mulher, mas uma porca, uma puta, carne de prazer”, “sou uma merda viva”, “mije e cague na minha boca e engulo tudo com prazer”, “gosto de receber golpes em todo o corpo: golpeiem forte”, “sou uma puta: sirvam-se de mim como uma fêmea, que gozarão”, etc. M.

não tem mais o mamilo direito, pois o queimou e o arrancou com um ferro; colocou chumbo fundido em seu umbigo e cortou a pele para poder colocar alguns ganchos, com os quais permanecia suspenso enquanto um homem o penetrava. Também amputou um dedo do pé direito com uma serra por ordem de um companheiro e enfiou agulhas por todo corpo, algumas até o tórax. O reto foi alargado para ter a aparência de uma vagina. E, durante anos, ingeriu urina e excrementos. Seu pênis era azul, resultado de uma injeção de tinta, e tinha uma agulha imantada, além de ter feito de seu prepúcio uma “almofada de parafina”. M. buscava o sofrimento como catalizador e amplificador da excitação sexual levada ao sem limite, e toda superfície de seu corpo era excitada pela dor, ejaculando quando mais a experimentava. “Tais fenômenos de automutilação são bem conhecidos nos psicóticos, enquanto que a clínica clássica dos perversos, tal como estabelece Krafft-Ebing, apenas oferece alguns poucos exemplos”⁵¹ (MALEVAL, 2007, p. 167, tradução nossa). Um enganchamento do masoquismo à psicose pode levar a um aniquilamento de si.

Como aponta Godoy na apresentação do texto de Maleval (2007), uma prática extrema tal como a do Senhor M. (além de homicídios, auto e heteromutilação, canibalismo, necrofilia etc.) se dá em sujeitos com uma psicose desencadeada, onde essas práticas operam como suplência. Nesta categoria, encontram-se muitos casos de famosos assassinos em série. Para Maleval (2007), quando um psicótico procura análise e não há alucinações nem delírios, frequentemente apresenta uma das seguintes características: tendência a escrever, transtornos psicossomáticos ou uma associação de práticas perversas à estrutura psicótica. Paradoxalmente, uma psicose associada às defesas perversas pode, às vezes, originar condutas mais perigosas para a sociedade do que as psicoses clínicas.

Prosseguindo na temática criminal, Schurman-Kauflin, no seu livro *The new predator: women who kill - profiles of female serial killers* (2000), demonstra as diferenças nos atos criminais de homens e mulheres *serial killers*. Por mais que elas componham a minoria, esta população vem aumentando (um terço de todas as mulheres *serial killers* já registradas começaram seus crimes nos anos setenta). Seus atos são mais cuidadosos, mais difíceis de serem reconhecidos, pois geralmente matam por asfixia ou envenenamento, ao contrário dos homens, que matam com golpes, facadas, estrangulamento etc. Ainda, as mulheres não tendem a fugir ou ir para outra cidade após uma morte como no caso dos homens, elas permanecem atuando na mesma comunidade. No mais, essas mulheres criminosas geralmente

51 O texto em língua estrangeira é: “tales fenómenos de automutilación son bien conocidos en los psicóticos, mientras que la clínica clásica de los perversos, tal como la establece Krafft-Ebing, apenas ofrece unos pocos ejemplos”.

matam pessoas indefesas (crianças e idosos) ou pessoas que lhe devotam muita confiança. “Mulheres *serial killers* agem como camaleões que se relacionam com suas vítimas e parecem ser a última pessoa que alguém suspeitaria”⁵² (SCHURMAN-KAUFLIN, 2000, p.19, tradução nossa). Nesse breve apresentação, quais atos julgamos mais perversos?

Susini (2003) também aborda o domínio do autor do crime perverso sobre a cena e o público. Os jornalistas teriam a função de intermediar o assassino e o público, difundindo o espetáculo, e os policiais teriam o papel de descobrir a obra-prima. Já o magistério pronuncia o veredito. O público nessa história assume o papel de vítima, identificando-se com ela e sendo dividido.

Liga, em seu ato, o sexo e a morte. Reivindica o gozo, afirma a crueldade da pulsão. Acaba com todos os tabus... Depois se entrega... e se sacrifica em outro espetáculo: o de sua execução. Ele, sozinho revela a complexidade de nossa construção humana para com o sexual, suas exigências contraditórias e complementares (SUSINI, 2003, p.23).

Quando um crime perverso é cometido, um público já é imaginado, como um filme que não pode ser feito sem antes se pensar em qual tipo de público atingir. O domínio e a suposição do público são essenciais. Com isso o público acaba se tornando parceiro do autor do crime perverso.

O *acting out* que se configura no ato perverso, como percebemos, rompe com o laço social numa tentativa de dividir o Outro para garantir ao autor do ato, mais gozo. Os exemplos citados corroboram a ideia de que os atos perversos, em última instância, podem se transfigurar em crimes, todavia, aqueles que cometem um crime perverso, não são, necessariamente, perversos. Porém, além de uma sexualidade perverso-polimorfa, identifica-se aí um modo de gozo, singular a cada sujeito, e que emergindo num ato com tais predicados, poderia ser configurado como ato perverso.

2.3 Masculino e feminino: posicionamento do sujeito na fantasia

Masculino e feminino, para a psicanálise, não se referem, necessariamente, a homem e mulher, e sim a forma como cada sujeito se posiciona inconscientemente. Uma mulher pode se identificar com o lado masculino e um homem, por sua vez, com o lado feminino.

⁵² O texto original é: “Female serial killers act like chameleons who blend in with their intended victims and seem to be the last person anyone would suspect”.

Feminino e feminilidade também não são sinônimos. Vale relembrar que a feminilidade é, para Freud, uma das três linhas de desenvolvimento possível da menina ao descobrir-se castrada, e seu ponto culminante se daria com a maternidade. Consequentemente, a feminilidade somente se constitui se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê. Lacan, entretanto, demonstra uma divisão entre a mãe e a mulher através da elaboração da metáfora paterna.

Em Freud, vemos uma extensa referência ao feminino no seu texto sobre o narcisismo (1914/2004), onde denomina duas escolhas de objeto: por veiculação sustentada (*Anlehnungs*, mas também traduzido como “anacrítica”) e narcísica. A primeira caracteriza-se pelo apoio das pulsões sexuais no processo de satisfação das pulsões do eu, portanto, as pessoas envolvidas com a alimentação, o cuidado e a proteção da criança se tornam seus primeiros objetos sexuais (a mãe, geralmente). O sujeito ama aquele que dele cuida e o protege. A escolha narcísica, como o nome sugere, envolve a própria imagem: o sujeito procura a si mesmo como objeto de amor. Freud adverte que esses dois tipos de escolha de objeto estão acessíveis aos sujeitos, mas há sempre a prevalência de uma sobre a outra.

Para Freud, o amor objetual através da veiculação sustentada é característico do homem (masculino), demonstrando acentuada valorização sexual que tem origem no narcisismo primário, correspondendo, assim, a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual. Essa supervalorização sexual é percebida no estado de apaixonamento, quando a libido do eu empobrece em favor da libido objetual. No caso das mulheres (feminino), a escolha objetual é do tipo narcísica. A puberdade traz para as mulheres uma intensificação do narcisismo primário, dificultando a estruturação de um amor objetual regular. Elas amam a si mesmas com uma intensidade comparável ao amor dos homens por elas. Suas necessidades não estão na direção de amar e sim, de serem amadas. Por isso que, mais adiante, Freud relacionará o feminino à passividade.

A maternidade seria o caminho pelo qual as mulheres acederiam à escolha objetual anacrítica, não sem uma boa dose narcísica: “a criança que gerarão apresentar-se-á diante delas como se fosse parte de seu próprio corpo, na forma de outro objeto, e, assim, partindo de seu próprio narcisismo, elas podem dedicar-lhe todo o seu amor objetual” (FREUD, 1914/2004, p.109). Aquelas que não precisam de um filho para passar do narcisismo secundário ao objetual são as que antes de chegarem à puberdade se desenvolveram de modo masculino, mas, quando este desenvolvimento é interrompido (devido ao período de maturação da feminilidade), elas almejam nostalgicamente um ideal masculino. “Dessa forma, Freud trata neste texto do masculino e do feminino de um ponto de vista econômico, ou seja,

o masculino investe em maior quantidade libidinal no objeto e o feminino investe maior quantidade libidinal no eu” (COSTA *et al.*, 2010, p.1).

Nas suas elucubrações sobre *A organização genital infantil* (1923/2006, p. 161), Freud ressalta que devemos “manter em mente quais as transformações sofridas, durante o desenvolvimento sexual da infância, pela polaridade de sexo com que estamos familiarizados. A primeira antítese é introduzida com a escolha de objeto, a qual, naturalmente, pressupõe um sujeito e um objeto”. Na fase sádico-anal, a antítese entre ativo e passivo é a dominante e não existe, por enquanto, a questão de masculino e feminino. No estágio seguinte da organização genital infantil existe masculinidade, mas não feminilidade, afinal, só há um órgão genital e a antítese se configura em tê-lo ou ser castrado. Apenas na puberdade que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade, então, combina os fatores de sujeito, atividade e posse do pênis, enquanto a feminilidade é caracterizada pela passividade e “os fatores” de objeto. Devemos atentar que essas articulações não restringem a mulher a uma posição passiva – afinal, para chegar a um fim passivo é necessária uma grande atividade – nem o homem a uma posição exclusivamente ativa, como Freud nos ensinou (1933[1932]/2006).

No seu artigo sobre o masoquismo, Freud (1924a/2007) caracteriza um dos tipos de masoquismo feminino, relacionando-o às fantasias masoquistas que colocam o sujeito numa posição tipicamente feminina de castração. No entanto, seus exemplos clínicos restringem-se a homens, reforçando que, feminino, para psicanálise, não é mulher.

A diferenciação entre masculino e feminino é examinada numa importante nota acrescentada em 1915 por Freud no tópico intitulado *A diferenciação entre o homem e a mulher* no seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006).

É indispensável deixar claro que os conceitos de “masculino” e “feminino”, cujo conteúdo parece tão ambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos *três* sentidos. Ora se empregam “masculino” e “feminino” no sentido da *atividade e passividade*, ora no sentido *biológico*, ora ainda no sentido *sociológico*. O primeiro desses três sentidos é o essencial, assim como o mais utilizável pela psicanálise. A isso se deve que a libido seja descrita no texto como masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo. O segundo sentido de “masculino” e “feminino”, o biológico, é o que admite a definição mais clara. Aqui, masculino e feminino caracterizam-se pela presença de espermatozóides ou óvulos, respectivamente, e pelas funções decorrentes deles. A atividade e suas manifestações concomitantes – desenvolvimento muscular mais vigoroso, agressividade, maior intensidade da libido – costumam ser vinculadas à masculinidade biológica, embora essa não seja uma associação necessária, já que existem espécies animais em que essas propriedades correspondem, antes, à fêmea. O terceiro sentido, o sociológico, extrai seu conteúdo da observação dos indivíduos masculinos e femininos existentes na realidade. Essa observação mostra que, no que concerne ao ser humano, a masculinidade ou a

feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico. Cada pessoa exhibe, ao contrário, uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação de atividade e passividade, tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos quanto no caso de independê-los (FREUD, 1905/2006, p.207-208).

Freud (1930 [1929]/2006, p. 111) complementa, outra vez numa nota de rodapé, que o sexo constitui um fato biológico que tem muita importância na vida mental, por mais que seja difícil apreendê-lo psicologicamente. Todos os seres humanos possuem atributos tanto masculinos quanto femininos e, apesar de anatomicamente ser possível indicar características de masculinidade e de feminilidade, na psicologia isso não acontece. Para esta última, o contraste entre os sexos se dissipa num contraste entre atividade e passividade, no qual identificamos a atividade com a masculinidade e a passividade com a feminilidade. Entretanto, essa opinião não pode ser ratificada no reino animal.

Lacan (1972-1973/2008) reformula a diferença freudiana entre a posição feminina e masculina a respeito do sexo através do quadro das *fórmulas quânticas da sexualização*, que reproduzimos a seguir.

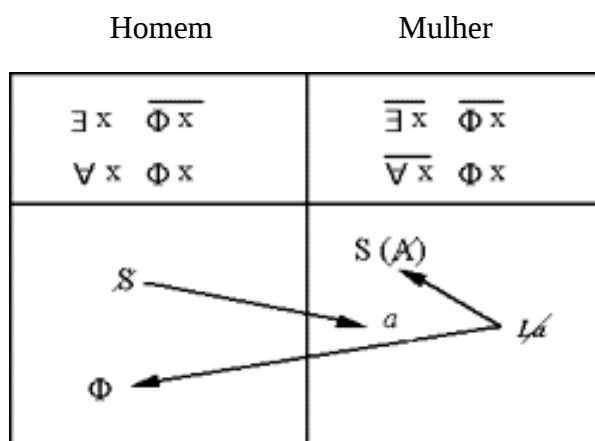


Gráfico 4 - Fórmulas quânticas da sexualização

Para Lacan, assumir a posição de homem ou de mulher requer a passagem por um processo que ele chamou de sexualização. Para compor as suas fórmulas quânticas, ele se inspirou na lógica aristotélica e a reinterpretou, utilizando o caráter binário de “para todo x” ou “não-todo x” para inserir o sujeito todo na função fálica ou não-todo na função fálica.

Qualquer ser falante se inscreve em um dos dois lados deste quadro, sendo que o mesmo sujeito poderá alternar estar de um lado e depois no outro, devendo, contudo, privilegiar um dos lados. Nele, a coluna da esquerda define a estrutura da posição masculina na sexualidade, enquanto a outra diz respeito à posição feminina. Esta divisão corresponde a uma posição dos sujeitos no discurso, e não à diferença anatômica entre os sexos. O que determina a posição do sujeito é a maneira pela qual ele se insere na função fálica.

Em ambos os lados há duas equações. No lado masculino, podemos lê-las da seguinte forma: a primeira significa que existe ao menos um (homem) que não é castrado – o Um pai de *Totem e Tabu* (FREUD, 1913c/2006). É dele que se forma o conjunto dos homens; de uma exceção que se faz o universal. A segunda demonstra que todos os homens estão na função fálica, e é isso que define a posição masculina. Lacan (1972-1973/2008) coloca o que está no lado esquerdo das fórmulas quânticas como *homo*, pois não está relacionado com o Outro.

Desse lado, encontra-se o sujeito (\$) e o Falo (Φ). Uma seta liga \$ ao *a*, ilustrando o matema da fantasia, que vem a apontar que o sujeito busca encontrar no seu parceiro a causa de seu desejo, *objeto a*. Quanto ao Falo, Lacan (1972-1973/2008, p.87) o conceitua como “o significante que não tem significado, aquele que se suporta, no homem, pelo gozo fálico”.

Já no lado feminino, a primeira equação é entendida como: não existe ao menos um (mulher) que seja não castrado, ou seja, não existe ao menos um que faça exceção para fazer o conjunto das mulheres. O significante d’A mulher não existe; elas só podem ser contadas uma a uma. “[...] é imprópriamente que o chamamos de *a* mulher, pois, como sublinhei da última vez, o *a* de *a* mulher, a partir do momento em que ele se enuncia pelo não-todo, não pode se escrever. Aqui, o artigo *a* só existe barrado” (LACAN, 1972-1973/2008, p.86-87). A última equação, absurda nos termos da lógica, nos diz que todas as mulheres não estão todas na função fálica, no entanto elas têm relação com a mesma. É por isso que, no quadrante feminino, uma das setas aponta ao Falo, indicando sua relação com o lado masculino, o que nos permite ler, segundo Lacan (1972-1973/2008), que o homem não é mais que um significante para a mulher, aquele que tem como valor portar o falo. A outra seta nos leva ao significante da falta de significante no Outro, S(A). Como Lacan (1972-1973/2008, p. 87) afirma, “o Outro não é simplesmente esse lugar onde a verdade balbucia. Ele merece representar aquilo com que a mulher fundamentalmente tem relação”. Isso significa que há um gozo para além do falo, um gozo suplementar, um Outro gozo que não tem representação significativa, ex-siste (é da ordem do real); é inefável e corporal. Lacan atenta que na época de Charcot, enganavam-se ao crer no gozo feminino como “coisa de cama”. O gozo fálico remete sempre ao ir para a cama. A mulher pensa em outra coisa, que se coloca na via da ex-

sistência diante de uma face do Outro que se sustenta pelo gozo feminino. Não é possível significantizá-lo, já que ex-siste ao S, logo, S(A). Encontramos também na indicação dessa seta, justamente, nesse lugar opaco, do Outro gozo, o gozo místico. É pelo gozo da mulher ser Outro radicalmente que Lacan (1972-1973/2008) alega que a mulher tem mais relação com Deus.

Por conseguinte, o lado masculino é aquele chamado todo fálico e o feminino é o não-todo fálico. A distinção feita por Lacan entre o todo fálico e o não-todo fálico corresponde ao modo de gozo do sujeito. “As fórmulas da sexuação de Lacan demonstram, com clareza, uma disjunção da identidade sexual (do ser homem ou mulher) tanto na anatomia e no registro civil como na escolha do objeto” (MARTINHO, 2011, p. 135).

Lacan afirma algumas vezes durante este seminário que tanto homens quanto mulheres podem se alinhar do lado homem ou do lado mulher no seu quadro das fórmulas quânticas da sexuação: “a gente se alinha aí [do lado que se alinha o homem], em suma, por escolha – as mulheres estão livres de se colocarem ali se isto lhes agrada” (LACAN, 1972-1973/2008, p. 78). Ainda, complementa: “há homens que lá estão [do lado não-todo] tanto quanto as mulheres. Isto acontece. E que, ao mesmo tempo, se sentem lá muito bem” (LACAN, 1972-1973/2008, p. 82). Desta forma, institui-se claramente a partir deste seminário que, para a psicanálise, o que chamamos de homem e de mulher depende da maneira de gozar.

Por todas essas considerações entre o lado masculino e feminino que localizamos o sujeito perverso do lado masculino, pois sua relação é essencialmente com o falo. O perverso é um sujeito barrado (\$), no entanto, esforça-se violentamente para não o ser, para não ser faltoso e castrado, por isso, quando atua, posiciona-se como *objeto a*. Mas, como o mecanismo perverso – *Verleugnung* – nos indica, o sujeito, para desmentir a castração, primeiro tem que reconhecê-la. Portanto, ele sabe, mesmo sem querer saber. Logo, sua busca é resgatar este estado anterior de gozos infindáveis, restituindo o Outro com o *objeto a*, garantindo-lhe ser todo, completo, absoluto e, definitivamente, o mais distante possível do não-todo feminino. Se ele é todo, possui o falo, ou seja, elege um objeto para deter a garantia, o poder de lhe fazer gozar, fetichizando-o.

Identificando a perversão ao lado masculino, do \$ - lembrando que na sua atuação o perverso se coloca como *objeto a* - por que uma mulher, biologicamente falando, não pode estar identificada ao lado masculino e, assim, ser perversa? Questionamos constantemente ao longo deste trabalho o motivo pelo qual uma mulher, no sentido anatômico e no sentido imaginário do corpo, não pode ser perversa porque é nesse sentido que os autores negam a sua existência na perversão estrutural. Com o ensino de Lacan, constatamos que a organização

psíquica da perversão está relacionada à posição do sujeito na ordem da sexuação, e não atrelada à contingência do seu sexo anatômico. “Parece, com efeito que, para muitos clínicos, ser anatomicamente homem ou mulher tenha tido um papel muito importante, em detrimento da escolha psíquica da sexuação que a psicanálise, desde 1973 pelo menos, tinha porém propulsado ao primeiro plano” (MARTIN-MATTERA, 2014, p. 724). Portanto, quando um sujeito fica na estrutura perversa, independente do sexo biológico, ele opta pelo lado fálico das fórmulas da sexuação.

Como abordamos anteriormente⁵³ no esquema curiosamente chamado de “esquema do fetichismo” de Lacan (1956-1957/1995, p. 84), a mulher enquanto mãe está no lugar do sujeito masculino, do sujeito desejante que busca o objeto do seu gozo (a criança). E se o lado mulher não fizer limite à mãe todo-fálica, essa mãe pode fazer do seu filho objeto da sua perversão. É de suma relevância apontar que, quando a mulher não é reduzida ao seu sexo anatômico - como ocorre nos outros casos abordados pela própria psicanálise - parece possível colocá-la como perversa. Na *père-version*⁵⁴, no esquema de Sauret, Nominé e Bruno (1997), a mulher, também enquanto mãe, coloca seu filho como *objeto a*. Só como mãe que ela acede ao lado masculino? Por quê? E se enquanto mãe uma mulher pode ser perversa, isso já nos prova que há mulheres perversas.

53 Cf. p. 49 e 52.

54 Cf. p. 91.

3 QUATRO MULHERES: aplicando a teoria

A dificuldade de encontrar casos clínicos de perversão não é por acaso. A perversão triunfa sobre a ameaça de castração e garante gozo para o sujeito. Se não está dividido, por que procurar análise? Freud (1919/2006) nos alertou que um sujeito perverso que obtém satisfação raramente procura análise. Como mostra a citação abaixo, ele também nos esclarece que, geralmente, a perversão do sujeito não o faz buscar análise, mas é um achado secundário.

Contudo, essas pessoas não vieram à análise por causa do seu fetiche, pois, embora o reconheçam como anormalidade, raramente é sentido por eles como sintoma de uma enfermidade. Ao contrário, em geral, mostram-se bastante satisfeitas e eventualmente até louvam o modo como o fetiche lhes facilita a vida erótica. Assim, o fetiche, geralmente, acaba por aparecer nesses casos como um achado secundário da análise (FREUD, 1927/2007, p. 161).

Coutinho Jorge (2006) atenta que um sujeito perverso pode se queixar da solidão e procurar análise, afinal, quando os outros são meros instrumentos de gozo, não se faz vínculo.

Portanto, constatando a raridade da estrutura perversa na clínica, a escassez é maior ao buscarmos exemplos de mulheres. Partindo-se do princípio de que não há mulher perversa, a dificuldade em reconhecê-la é ainda maior.

Ao longo dessa trajetória de pesquisa sobre perversão e mulheres, alguns casos nos chamaram a atenção. Madame Lalaurie foi uma mulher da alta sociedade de Nova Orleans no século XIX que virou um mito na cidade. A casa onde viveu com seu marido é um ponto turístico e uma lenda sugere que ela é mal-assombrada. Madame Lalaurie foi até mesmo retratada por Kathy Bates na atual série de televisão *American Horror Story - Coven*. Relacionam-se a ela inúmeros maus tratos e matanças de escravos, descobertos após o incêndio que assolou sua residência em 1834. A lenda diz que os escravos estavam com tripas de fora, braços e pernas quebrados, por vezes parecendo um caranguejo. No entanto, nos documentos históricos levantados por Love e Shannon em *Mad Madame Lalaurie - New Orleans most famous murderess revealed* (2011), tais relatos não se verificaram. Com o incêndio, de fato foram encontrados escravos no sótão, deixados para trás pelo casal Lalaurie. Suas condições físicas não eram das mais sadias, mas também não eram grotescas como repercute a lenda, e não temos como afirmar se Marie Delphine Lalaurie era quem os maltratava. Curiosamente, no entanto, até hoje ela é tida como a figura mais cruel da cidade.

Em *Falcão: mulheres e o tráfico* (2007), Athayde e Bill relataram suas entrevistas e experiências com mulheres que, por alguma razão, tiveram relação com o tráfico de drogas. Há testemunhos de mães que perderam seus filhos para as drogas ou para o tráfico, de mulheres que se prostituem para os traficantes ou mesmo de moças que os namoram em busca de *status*. Entre todos estes relatos, uma mulher nos chamou a atenção: dona Leda.

Leda é a “dona” de uma favela. Seu marido morreu e seu filho está preso. Ela não assumiu a liderança devido ao afastamento forçado dos homens da família; ela sempre foi a chefe, a mandante do morro, a cabeça por trás desses homens. Seu filho, inclusive, está preso no lugar dela, pois assumiu uma culpa que não era sua numa batida policial. Athayde e Bill (2007) descrevem que toda a favela teme a lei da dona Leda, que é uma figura que mal aparece e, quando o faz, normalmente é no tribunal. Não se trata de um tribunal de Justiça do sistema jurídico brasileiro, mas do tribunal do morro, onde dona Leda decide a pena.

Os autores presenciaram um garoto ser arrastado aos berros pela favela inteira, enquanto a mãe chorava atrás. O pai tratava de segurá-la para ela não se meter entre o filho e o “exército” de dona Leda, senão ela mesma poderia ser a próxima vítima. O menino foi levado para uma acareação com um policial em um determinado lugar do morro. A polícia também operava nas mãos da dona Leda, e ela dizia com muito orgulho que, desde que assumiu o morro, as mortes, as troca de tiros e o achaque ao povo da favela reduziram enormemente. Segundo as acusações, o menino delatou alguns traficantes, o que resultou em mortes. Na acareação, parece ter ficado clara a participação do menino, logo, ele foi condenado à morte. Com dona Leda, aqui se faz, aqui se paga. A mãe do rapaz, trêmula, pede permissão para se aproximar. Tendo essa concessão, ela suplica para poder enterrar o filho. Devolver o corpo à mãe, ou até deixá-lo inteiro, não é prática comum. Dona Leda aceita o pedido e faz o sinal da cruz. É o código para executar o rapaz.

Leda é dona da vida alheia, da liberdade do filho e das leis da comunidade. Em nome do “bem da favela”, Leda, sadicamente, rouba a voz do Outro, impondo-lhe a sua (LACAN, 1968-1969/2008)⁵⁵. Certamente, componentes sádicos não faltam a esta mulher, entretanto, julgamos que o livro não traz relatos suficientes para examinarmos a sua estrutura.

Kaoither Derouiche defendeu em 2013 sua tese *La perversion féminine: la femme existe?* na Université de Nice Sophia Antipolis. Embora seja um alento saber que há mais pessoas implicadas na pesquisa sobre mulheres perversas, encontramos alguns problemas no estudo de Derouiche, a começar pelo fato de não sabermos exatamente de qual perversão ela está tratando: uma perversidade, um ato perverso, um traço ou uma perversão estrutural. Ela

55 Cf. p. 57.

também buscou encontrar a perversão em *stripers*, escortes e libertinas, até se deparar com Physalis, uma *dominatrix* que nos indica estar mais no campo da psicose do que da perversão. Vale ressaltar que casas especializadas em sadomasoquismo, *bondages*⁵⁶, *spanking*⁵⁷, entre outras, parecem ser redutos de sujeitos não perversos, pois, alguém que procura um lugar onde essas práticas são permitidas e que encontrará outros para satisfazerem as suas fantasias – ao invés do não consentimento que o perverso procura no seu parceiro –, não nos sugere estar como *objeto a*.

A seguir, trataremos de quatro casos que nos geraram questões quanto à existência de mulheres perversas: Gertrude Bainszewski, uma mulher estadunidense que na década de sessenta mobilizou crianças e jovens de uma comunidade para infringirem maus-tratos em uma adolescente, levando-a à morte; Erika Kohut, personagem do romance *A professora de piano*, do autor austríaco ganhador do prêmio Nobel Elfriede Jelinek e retratada no cinema por Michael Haneke em 2001; Violette, paciente atendida por Serge André e descrita no seu livro *A impostura perversa* (1995); e, finalmente, Suzane von Richthofen, a representante brasileira da nossa lista. Erika e Violette também já foram trabalhadas na dissertação de mestrado prévia a esta pesquisa (2012).

3.1 Gertrude Bainszewski

O crime que relataremos a seguir chocou os Estados Unidos na década de sessenta pela brutalidade que Gertrude Bainszewski, seus filhos e algumas crianças e adolescentes da vizinhança dispensaram a Sylvia Likens, uma adolescente que, junto a sua irmã Jenny, foi morar com a família Bainszewski. Os relatos a seguir foram retirados do jornal *Indystar.com*, que em 2013 voltou a falar sobre esse “crime notório” – como relata a matéria – cometido há quase cinquenta anos, e do artigo da *Crime Library*, *The Torturing Death of Sylvia Marie Likens*, escrito por Denise Noe e derivado de notícias de jornais da época (*Indianapolis Star* e *Indianapolis News*), além de livros lançados posteriormente ao assassinato que contêm relatos

56 Sua principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar seu parceiro ou a pessoa envolvida. Pode ou não envolver a prática de sexo com penetração. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bondage> Acesso em 13 nov. 2014.

57 É o ato de bater em outra pessoa para a excitação sexual ou para a gratificação de uma ou ambas as partes. A atividade varia desde um tapa espontâneo nas nádegas durante a atividade sexual, ao *roleplay* sexual ocasional, e pode envolver o uso de uma mão ou o uso de uma variedade de instrumentos de *spanking*. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Erotic_spanking Acesso em 13 nov. 2014.

do julgamento. Também foi rodado um filme sobre o caso, intitulado *An american crime* (2007) de Tommy O'Haver, com Ellen Page e Catherine Keener.

Sylvia Likens tinha dezesseis anos em 1965. Sua família era composta por sua mãe, seu pai e quatro irmãos: a dupla de gêmeos Diana, já casada, e Danny (dezoito anos), e Bennie e Jenny (quinze anos). Eles eram humildes e provenientes de uma pequena cidade, chamada Boone County, em Indianapolis (EUA). Lester Likens, o patriarca, estudou apenas até a oitava série e teve diferentes trabalhos para ganhar a vida. Um deles consistia em viajar em carnavais vendendo comida em um carrinho de concessão, como o fez, junto de sua mulher Betty, no verão de 1965. Com o trabalho itinerante, eles tinham que encontrar alguém para cuidar de Sylvia e Jenny, pois os rapazes, Danny e Bennie, ficariam com os avós. Jenny, a mais nova, era tímida, insegura e mancava da poliomielite que tivera na infância. Sylvia, uma adolescente bonita, aparentava ser mais confiante.

Um amigo em comum apresentou os Likens para Gertrude Baniszewski, que vivia numa casa alugada e estava disposta a cuidar de Jenny e Sylvia por vinte dólares por semana.

Gertrude tinha sete filhos: Paula (dezessete anos), John (doze anos), Stephanie (quinze anos), Marie (onze anos), Shirley (dez anos), James⁵⁸ e Dennis (um ano e meio). As primeiras seis crianças eram fruto do casamento de Gertrude com John Baniszewski. O filho mais novo, Dennis, era filho de Dennis Wright. Por mais que o abuso escandaloso tenha ocorrido com Sylvia, uma vizinha relatou que a interação familiar já era desrespeitosa, caótica e não havia atenção ou cuidado suficientes depreendidos por Gertrude aos seus filhos.

Desde o início, houve um pequeno conflito entre Sylvia e Paula. No entanto, o estopim para os abusos foi uma ordem de pagamento atrasada pelos pais de Sylvia e Jenny. Jenny, durante o julgamento, testemunhou que Gertrude, naquela ocasião, “levou-nos para cima... e ela me deu um tapa e disse, ‘bem, cuidei de vocês, duas merdas, durante uma semana por nada’ ”⁵⁹. O dinheiro chegou no dia seguinte.

e passou a utilizar uma palmatória e um cinto de couro grosso, deixados pelo seu ex-marido, oficial de polícia John Baniszewski, para aplicar castigos corporais. Gertrude usava a palmatória em Sylvia e Jenny achando que elas roubavam e incitavam seus filhos a fazerem o mesmo. Na verdade, elas apareciam com dinheiro porque trocavam as garrafas de refrigerantes vazias por trocados em um supermercado nas proximidades. Sylvia, no entanto, roubou uma vez um uniforme de educação física na escola, pois não o tinha e Gertrude se

58 O artigo do jornal não informa a idade.

59 O texto original é: “took us upstairs ... and she slapped me, and said, ‘well, I took care of you two bullshit for a week for nothing’”.

recusava a lhe comprar um. Por causa disso, teve seus dedos queimados com fósforos. Quando Gertrude se sentia fraca – devido a sua asma – contava com a ajuda de Paula para “disciplinar” as irmãs. O namorado de Paula também atuava constantemente nos castigos.

Num domingo, após a igreja, Paula contou para sua mãe que Sylvia havia se empanturrado de comida na refeição que fizeram lá. Logo, Gertrude e algumas crianças decidiram, como punição, encher o jantar de Sylvia com condimentos. Depois que ela passou mal e vomitou, obrigaram-na a comer seu próprio vômito.

Certa vez, Gertrude escutou Sylvia dizer que já tinha tido um namorado e que o havia deixado tocá-la, o que bastou para ela ser tida como promíscua e levantar suspeitas de que estava grávida. Por outro lado, Paula, que estava de fato grávida, era vista como casta e inocente pela mãe. Em decorrência disso, Sylvia foi forçada a se despir na sala e inserir uma garrafa vazia de Coca-cola na sua vagina, na frente dos filhos de Gertrude e das crianças da vizinhança. Como vingança, Sylvia contou na escola que Paula e Stephanie eram prostitutas. Então, Coy Hubbard, namorado de Stephanie e com histórico de problemas disciplinares, atacou Sylvia com vários golpes de judô. Aos poucos, as crianças da vizinhança foram incentivadas a participar da tortura, convencidas por Gertrude de que Sylvia era uma má pessoa. Elas se revezavam para batê-la, chutá-la, arremessá-la contra a parede e apagar cigarros em sua pele. Paula habitualmente atirava em Sylvia qualquer coisa que tivesse ao seu alcance. Jenny muitas vezes também era obrigada a bater na irmã.

Após as surras, era comum Sylvia ser forçada a tomar banhos escaldantes para ser “purificada de seus pecados”. Paula ainda esfregava sal em suas feridas. Ela foi severamente espancada e queimada por molhar o colchão⁶⁰ enquanto dormia, o que fez Gertrude decidir que Sylvia não era mais apta a viver com seus filhos.

Sylvia já não podia mais sair de casa. Foi lançada escada abaixo no porão e lá permanecia trancada. Aliás, essa era uma constante tortura executada pela vizinhança: arrastá-la escada acima e arremessá-la. Só era alimentada com bolachas e não tinha direito a usar o banheiro. Ela levava muitos chutes na virilha. Houve ainda um episódio em que Paula quebrou a própria mão batendo em Sylvia.

Em uma ocasião foi permitido à adolescente faminta subir para comer à mesa, mas tinha que comer a sopa com os próprios dedos. Após uma tentativa, John arremessou o prato dela longe e, junto a Gertrude, obrigou a menina a comer fezes e beber a própria urina.

60 As hipóteses são de que, devido aos constantes castigos, Sylvia passou a ter incontinência urinária (fisiológica) ou urinava por causa de uma extrema ansiedade.

No julgamento, Jenny relatou que ambas tinham medo de contar aos outros o que acontecia. Enquanto ainda estava na escola (antes de ser presa no porão), Sylvia não falou dos abusos a ninguém. Seus pais a visitavam poucas vezes, e elas também não relataram nada a eles. Um casal de vizinhos, porém, presenciou Paula afirmar duas vezes que tinha batido em Sylvia, e viram a menina toda marcada. Nada fizeram. O pastor da congregação religiosa que frequentavam, quando visitava a família Baniszewski, acreditava nos relatos de Gertrude sobre o mau comportamento de Sylvia e de que ela havia largado a escola por vontade própria. Gertrude pouco falava da menina, queixava-se de outros “problemas” com o pastor. Certa vez, Sylvia ligou para sua irmã mais velha pedindo socorro, mas Diana pensou que tudo não passava de uma rebeldia. Quando decidiu visitar as irmãs, Gertrude não a deixou vê-las (afinal, Sylvia estava praticamente moribunda) alegando que não tinha permissão dos pais delas para isso, e ainda a ameaçou por invadir sua propriedade. Uma assistente social recebeu uma denúncia anônima e foi até a residência da família conferir o que estava acontecendo com Sylvia. Gertrude relatou que havia expulsado a menina de casa, declarando que ela tinha péssimos hábitos de higiene e era prostituta. A assistente social arquivou a queixa.

No que seria a sua última semana de vida, Gertrude permitiu que Sylvia dormisse num quarto novamente. Entretanto, havia uma condição: John, Coy e Stephanie amarrariam Sylvia na cama para que ela não pudesse se levantar durante a noite para ir ao banheiro. “Você não pode ir ao banheiro”, disse Gertrude, “até que você aprenda a não molhar a cama”⁶¹. Sylvia urinou na cama durante a noite.

Na manhã seguinte ela teve que realizar novamente um *striptease* forçado e inserir uma garrafa de refrigerante na sua vagina. Então, Gertrude decidiu se vingar novamente por Sylvia ter caluniado Paula e Stephanie: “você marcou as minhas filhas, então eu irei marcá-la!”⁶² Ela tatuou com uma agulha no ventre da moça “sou uma prostituta e tenho orgulho disso”. Richard Hobbs, um garoto vizinho, terminou a tatuagem.

Em poucos minutos, Ricky, Paula e Shirley Baniszewski, de dez anos, decidiram colocar outra marca em Sylvia. Seria uma letra “S”, de *Sylvia* ou de *escravo*⁶³ (este ponto é confuso). Ricky gravou a primeira curva do “S” no peito de Sylvia. Então chamaram Jenny e lhe ordenaram colocar a segunda curva. Jenny estava petrificada. Quando ela tentou sair de lá para não machucar Sylvia, foi esbofeteada. A todo o momento ela era ameaçada de sofrer os

61 O texto original é: “You can’t go to the bathroom until you’ve learned not to wet the bed”.

62 O texto original é: “You have branded my daughters so I will brand you!”

63 Slave, em inglês.

mesmos castigos de Sylvia, caso não obedecesse. Como continuou recusando, Shirley fez a segunda curva, mas ao contrário, marcando o número “3” no peito de Sylvia.

Na frente de Randy Lepper, Shirley Baniszewski, Richard Hobbs e Jenny Likens, Gertrude provocou Sylvia sobre as suas tatuagens, perguntando o que ela faria agora, como ela se despiria na frente de um homem. Sylvia só respondeu que não havia nada que ela pudesse fazer. Na mesma noite ela falou para a irmã que sentia a sua morte se aproximando.

Quando Baniszewski percebeu que Sylvia estava à beira da morte, obrigou-a a escrever um bilhete relatando que transou com um bando de rapazes e que eles a haviam espancado posteriormente. Curioso que ela iniciou a carta com “queridos mamãe e papai”, e Gertrude mandou alterar para “Sr. e sra. Likens”:

Ao Sr. e Sra. Likens:

Eu fugi com uma gangue de garotos no meio da noite. E eles disseram que me pagariam se eu lhes desse algo. Eu entrei no carro e todos eles conseguiram o que queriam... E quando eles acabaram, eles me bateram e deixaram marcas no meu rosto e em todo meu corpo. E eles também colocaram na minha barriga “eu sou uma prostituta e tenho orgulho disso”. Eu fiz quase tudo que eu podia fazer só para irritar a Gertie e causar [sic] Gertie mais dinheiro do que ela tem. Já rasguei um colchão novo e urinei nele. Eu também dei despesas a Gertie com contas de médico que ela realmente não pode pagar e fiz Gertie e todos os seus filhos terem uma crise de nervos...⁶⁴

O plano era vendá-la e jogá-la numa floresta próxima com o bilhete. Sylvia tentou escapar, mas Gertrude e um dos rapazes impediram-na, espancando-a novamente e arremessando-a de volta para o porão. John, de doze anos, amarrou Sylvia e bateu nela. Quando lhe ofereceram torradas, respondeu, desafiando, para dar aos cachorros. Consequentemente, Gertrude a socou diversas vezes no estômago. Mais tarde foi levada para tomar banho, mas perceberam que ela já estava morta.

A sra. Baniszewski ordenou a Ricky chamar a polícia. Quando a polícia chegou, uma frenética Gertrude entregou a carta citada acima, esperando que esta fosse absolvê-la por ter um cadáver cheio de hematomas sobre um colchão. No entanto, antes do agente ter a

64 O texto original é: “To Mr. and Mrs. Likens:

I went with a gang of boys in the middle of the night. And they said that they would pay me if I would give them something so I got in the car and they all got what they wanted ... and when they got finished they beat me up and left sores on my face and all over my body.

And they also put on my stomach, I am a prostitute and proud of it.

I have done just about everything that I could do just to make Gertie mad and cause [sic] Gertie more money than she's got. I've tore up a new mattress and peaed [sic] on it. I have also cost Gertie doctor bills that she really can't pay and made Gertie a nervous wreck and all her kids...”.

oportunidade de ler a carta, Jenny, aterrorizada, sussurrou-lhe, “tire-me daqui e eu vou lhe contar tudo”⁶⁵.

Sylvia Likens morreu três meses depois de conhecer Gertrude, no dia 26 de outubro de 1965. A causa da morte foi inchaço no cérebro, hemorragia interna do cérebro e choque induzido pelos extensos ferimentos na pele. Relatou-se também que Sylvia sofria de desnutrição extrema e tinha vários ferimentos na área púbica, mas ainda era virgem e não estava grávida. O pronunciamento de Paula no tribunal teve que ser interrompido para ir ao hospital ter o bebê. Era uma menina, que foi batizada de Gertrude.

O comportamento de Gertrude durante o julgamento chamava a atenção. Ela estava mais preocupada em acusar Sylvia do que em se defender. Ela negou todas as torturas alegando que as crianças haviam feito tudo. O pronunciamento de Paula no tribunal teve que ser interrompido para ir ao hospital ter o bebê. Era uma menina, que foi batizada de Gertrude.

Gertrude Baniszewski, Paula Baniszewski, Stephanie Baniszewski, John Baniszewski, Richard Hobbs e Coy Hubbard foram presos por assassinato. Os mais novos, Anna Siscoe, Judy Duke, Randy Lepper e Mike Monroe foram acusados de “injúria à pessoa”. A maioria admitiu os maus tratos, mas, ao serem requisitados para explicarem seus atos, diziam que “Gertie” havia mandado.

Este crime foi considerado um dos mais chocantes de Indianápolis. A mídia e a população local lotaram as audiências do julgamento. Em 1971, cinco anos depois, a família Baniszewski pediu um novo julgamento alegando que, no anterior, havia uma “atmosfera ruim” devido à notoriedade do crime. As condenações foram mantidas. O júri condenou Gertrude por assassinato em primeiro grau e Paula foi declarada culpada por assassinato em segundo grau. Hobbs, John e Coy Hubbard foram condenados por homicídio culposo.

Em 1985, Gertrude Baniszewski obteve a liberdade em condicional. Ela alterou seu nome para Nadine Van Fossan e se mudou para Iowa, onde viveu até falecer de câncer de pulmão, em 1990. Paula se casou e mora numa fazenda em Iowa. John se tornou uma espécie de pastor e passou a aconselhar crianças cujos pais se divorciaram. Hobbs morreu de câncer aos vinte e um anos, logo após sair do reformatório. Hubbard tem várias passagens pela polícia. Lester e Betty, pais de Sylvia, divorciaram-se, e Betty faleceu em 1998. Já Jenny morreu em 2004, aos cinquenta e quatro anos.

65 O texto original é: “Get me out of here and I'll tell you everything”.

Muitos anos depois do julgamento, John Baniszewski disse a um repórter que gostou de ser julgado. Ele comentou: “tive um tipo de prazer nisso. O que eu realmente queria era amor, mas em vez disso, tive atenção”⁶⁶.

Essa história de crueldade chama a atenção por ter sido liderada por uma mulher e orquestrada de tal maneira que todos os seus filhos e a vizinhança participassem. Pelo que já discorremos sobre perversidade, ato perverso, perversão-polimorfa e estrutura perversa, é difícil conceber Gertrude Baniszewski como uma neurótica ou psicótica cujos atos sejam perversos, ou de que se trata de uma perversão inerente à sexualidade. Por mais que seja questionável a educação que deu aos seus sete filhos, a tortura ficou restringida a Sylvia, e todos tinham a permissão e o incentivo de Gertrude - sua “guardiã temporária” - para atacá-la como os conviesse. Sylvia claramente não consentia, mas permanecia como sua vítima.

O sadismo é uma perversão onde a crueldade se faz presente. Por isso, talvez seja mais difícil diferenciá-la da perversidade do que qualquer outra perversão. Coutinho Jorge, durante uma aula no curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, afirmou que a súplica separa o neurótico do perverso. O neurótico frearia perante a súplica, já o perverso avançaria, buscando exterminar o sujeito. Endossamos essa hipótese, pois, como vimos na trajetória desta pesquisa⁶⁷, um neurótico que pratique atos *voyeurs* e exibicionistas se divide com o olhar do Outro. Constrange-se e culpa-se pela sua transgressão, diferentemente de um perverso, que goza ao fazer surgir o olhar no campo do Outro. O neurótico pode ter um objeto que o satisfaça intensamente, mas este não será sua condição de gozo, senão seria um fetichista. O neurótico, adepto ao sadismo ou masoquismo, também põe um limite nas suas práticas. Para um perverso, esse limite é desmentido. Gertrude, perante a súplica de Sylvia para que não fosse torturada, não pára, não se constrange ou se divide, vai além, exterminando a moça enquanto sujeito, e, finalmente, extermina também o seu corpo. Como proclamava Sade (1795/2008), que direito tem o homem de limitar como usufruimos do corpo do outro?

A falta de assistência e cuidado da família Likens com Sylvia a tornava um alvo fácil para a Sra. Bainszewski. A escolha de Sylvia como sua vítima não pode ser amplamente explicada, mas cabe considerar o fato de ela ser mais atrevida, desafiadora do que Jenny que, por sua vez, é mais submissa. Um perverso busca no outro um não consentimento, pois é justamente sua divisão que o faz gozar.

66 O texto original é: “I took a kind of delight in it. What I really wanted was love but I took the attention instead”.

67 Cf. p. 56 e 57.

As práticas sexuais concomitantes com a dor, que para Freud são muito atreladas ao sadismo, também se fazem presentes. Gertrude chuta constantemente a púbis de Sylvia, além de ordená-la que introduza objetos em sua vagina. Ela tem fixação com a vida sexual da jovem, e a considera suja e promíscua por causa disso, fazendo-a literalmente viver na imundice.

Não poderíamos, então, considerar Gertrude uma sádica?

3.2 Erika Kohut

Erika Kohut é a personagem título interpretada por Isabelle Huppert na obra prima do diretor de cinema Michael Haneke, *A professora de piano* (2001). Erika é uma professora do aclamado Conservatório de Viena e é especialista em Schubert. Sua vida se restringe a suas aulas e ao convívio sufocante com uma mãe extremamente castradora, interpretada por Annie Girardot, que regula seus horários, suas roupas, suas companhias e seus gastos. Na faixa dos quarenta anos, Erika ainda divide a mesma cama com a mãe. Erika é austera, sisuda, orgulhosa, nada afetiva, além de bastante ríspida em seus comentários, principalmente quando estes se dirigem aos seus alunos mais talentosos e esforçados. Existe um prazer genuíno em maltratá-los e depreciá-los. Sua vida social se resume a fugir da vigilância materna para frequentar lojas de artigos pornográficos (onde assiste a vídeos de sexo explícito e esfrega no rosto o esperma dos frequentadores que lá estiveram antes dela) ou em espiar outros casais tendo relações sexuais, o que ela faz sem nenhum pudor ou constrangimento. Erika não tem amigos nem namorado, e não parece ter interesse em vir a tê-los. Não importa se à sua frente está um homem tendo um orgasmo, se está lecionando, apreciando música clássica ou mesmo se mutilando, Erika permanece com o rosto impassível, como se fosse à prova de emoções.

Erika vive um conflito com sua mãe: ao mesmo tempo em que se irrita com as suas constantes intromissões, termina sempre por permiti-las e perdoá-la por isso, deitando-se, ao fim de cada dia, na mesma cama que ela. Há vários resquícios de uma relação bem primitiva na forma pela qual as duas interagem, e há momentos em que temos a impressão de que a fase pré-edipiana não foi superada, que mãe e filha ainda não se descolaram. Trata-se de uma relação extremamente dual, na qual Erika parece ainda alienada ao Desejo da mãe. Qualquer um que tente entrar e barrar essa simbiose entre as duas é imediatamente interditado.

Claramente podemos visualizar aqui o esquema do fetichismo postulado por Lacan⁶⁸ (1956-1957/1995): a sra. Kohut, enquanto mãe, coloca Erika como falo, objeto de sua completude.

Quando Erika conhece Walter Kammel (Benoît Magimel), um charmoso e desembaraçado rapaz de vinte e poucos anos, inicia-se um jogo de sedução um tanto perverso. Walter, um engenheiro com grande talento para a música, decide tentar uma vaga no Conservatório para ter aulas com Erika, depois de tê-la visto tocar num concerto particular, onde, vale ressaltar, foi maltratado por ela. Desde o início ele é bem claro quanto às suas intenções com a professora, que se mantém inexpressiva perante as investidas do rapaz.

Para Erika, os outros são meros objetos e sua relação com eles é de puro gozo, como se pode constatar na maneira como ela trata sadicamente seus brilhantes alunos. Quanto maior o esforço e a dedicação, mais ela os esfolia. Com duras palavras, faz questão de demonstrar a inaptidão deles para o piano, ou o quanto eles são ignorantes e não compreendem as músicas que se propõem a tocar. Certo dia, a professora cruza com um de seus alunos na loja de artigos pornô. Neste instante, ela não se abala minimamente. No entanto, na aula seguinte, ela o chama de porco, nojento e de alguém incapaz de se concentrar no piano devido às suas fantasias sujas. Em outro momento, uma de suas alunas mais submissas e dedicadas fica extremamente ansiosa ao ensaiar para o recital do Conservatório. Kammel, sedutoramente, incentiva-a, deixando a menina mais tranquila e, por conseguinte, ela se sai bem no ensaio. Erika, com a ameaça de perda do seu bajulador, quebra um copo de vidro e guarda os cacos no casaco de sua aluna. Ela acaba cortando os ligamentos de suas mãos e tem seu futuro como pianista comprometido. Ao assistir a cena, a professora se retira com a desculpa de não suportar ver sangue e se dirige ao banheiro. Walter vai atrás dela e a agarra, mas ela permanece impávida. Até que, totalmente despudorada e como num gesto mecânico, ela abre o zíper da calça do rapaz e toca apenas em seu pênis, impedindo-o de acariciá-la ou mesmo reagir aos seus toques. Erika, ao perceber que ele está prestes a gozar, afasta-se e o proíbe de tocá-la ou de se masturbar. Quanto mais ele se desespera, mais ela goza.

Posteriormente, há uma inversão de papéis quando Erika expõe em uma carta suas condições para se relacionar com Walter. Eles estão na casa da professora, o que não agrada sua mãe. Lá, eles se fecham num quarto e barram a porta com um armário, impossibilitando a entrada da mãe. Momentaneamente isolados, Walter lê a carta de Erika, onde suas fantasias masoquistas estão descritas minuciosa e friamente. Curiosamente, a mãe também tem participação nesta cena perversa: ela é a “salvadora” do espancamento ao qual estaria sujeita nas mãos do rapaz. Walter não sabe muito bem como lidar com esta situação. Ele fica dividido

68 Cf. p. 49 e 52.

entre se submeter às condições perversas de seu objeto de amor ou renunciar a ele. Frustrado com a relação imposta por Erika, Walter vai embora. Se antes ela o tratava sadicamente, agora se coloca como masoquista, denotando o circuito pulsional que Freud tentou explicar desde 1905: o sadismo e o masoquismo são vertentes de uma mesma perversão, isto é, um sádico é também sempre um masoquista. Seja atuando sádica ou masoquistamente, Erika busca constantemente gozar com a divisão de Kammel. Como já expomos⁶⁹, a fantasia de completude do perverso se dá pelo viés do gozo, portanto seu vínculo com o outro é precário, só o utilizando como objeto imprescindível para a sua satisfação. Ela, enquanto *objeto a*, desidentifica-se do lugar de sujeito, dividindo o rapaz e tamponando a sua castração.

Após este episódio, Erika entra no quarto da mãe para dormir, e, depois de ser recriminada pela sua atitude de se trancar em outro quarto com um rapaz, a professora, aos prantos, agarra e tenta beijar a boca da mãe, e finalmente tenta olhar por debaixo de sua camisola. Quando a mãe consegue se desvencilhar de Erika, esta lhe diz: “eu vi os pêlos do seu sexo”.

No dia seguinte, Walter rejeita Erika. Ela, tentando a todo custo manter seu objeto, o leva para um lugar sem movimentação e se mostra desesperada por perdê-lo. Entretanto, não o abraça ou sequer o beija. Mais uma vez, não consegue se relacionar com Walter, só com seu pênis. É nítido como ela não suporta se relacionar com o outro enquanto sujeito pelo viés amoroso. Dessa vez, Walter inesperadamente goza e, ela, então, vomita. Depois ela se lava e diz “estou limpa por dentro e por fora, como um bebê, tudo isso por você e graças à você, querido”. Novamente, ele sai perplexo.

A cena final consiste em Erika esperando ansiosamente por Walter no recital do Conservatório onde ela vai tocar. Esse dia se segue a uma noite conturbada, em que Walter adentra a casa da professora e tranca a mãe num quarto. Raivosamente, ele diz que estava se masturbando do lado de fora da janela dela, e pergunta se é isso o que ela quer, se é isso que ela faz com as pessoas. Ele, ainda cego de ódio, começa a citar frases da própria Erika na carta, executando os pedidos agressivamente. No entanto, a cena perversa proposta na carta não ocorre conforme foi descrita e a situação sai de controle. A noite termina com Walter em cima de Erika, penetrando-a enquanto ela permanece parálitica, sem esboçar qualquer movimento ou reação. Não é Erika que está gozando ali. Não é Walter que parece se dividir. E, definitivamente, não é sua mãe que irá “salvá-la” dos maus tratos. O contrato, que mal chegou a ser selado, foi quebrado. Mesmo assim, Erika não fez nenhum movimento para fugir

69 Cf. p. 84, 96 e 101.

ou se proteger do agressivo Walter desde o momento que ele adentra abruptamente seu apartamento.

No dia seguinte, o do recital, Erika leva uma faca consigo, e quando vê que Walter passa por ela junto a um grupo de jovens e o máximo que ele lhe diz é “bom concerto, mal posso esperar para ouvi-la”, a professora tira a faca de sua bolsa e a enfia no seu próprio peito, e assim sai porta afora. Como num último lance de se negar a ser objeto de gozo para o outro, que mal podia esperar para gozar, Érika sai de cena, e o filme se encerra.

3.3 Violette

Não podemos falar de Violette sem citar Rose. Serge André (1995) relata esses casos clínicos em conjunto, pois ambas o procuraram para atendimento, em dias diferentes, e sem expor que formavam um casal, pois sabiam que o analista não aceitaria duas pacientes que estivessem numa relação. Desta forma, André estava no lugar de Sujeito Suposto Não Saber, ao invés de Sujeito Suposto Saber. A hipótese do autor é que uma seria histérica e a outra, perversa. Esse diagnóstico é contestado no meio psicanalítico, mas, antes de tentarmos compreendê-lo, apontamos para a importância de um psicanalista do campo lacaniano reconhecer a possibilidade de haverem mulheres perversas.

Ressaltamos que não abordaremos neste trabalho a discussão entre homossexualidade e perversão, pois não é o foco da nossa pesquisa. Pensamos que a perversão pode estar tanto na homo, hetero ou qualquer outra forma de sexualidade, não sendo exclusiva a nenhuma delas.

Rose foi a primeira a procurar análise. Ela apresentava uma notória divisão quanto a sua sexualidade: gostava de mulheres, mas não conseguia se entender com os homens, aliás, afirmava que seu problema era com eles. Rose dizia ser homossexual, mas não se sentia homossexual e tinha horror à palavra “lésbica”. André (1995) pontua que ela só conseguia se colocar como mulher na relação com outra mulher, por mais que essa relação a deixasse extremamente insatisfeita. Suas questões giravam em torno da feminilidade e da sua insatisfação quanto à sua escolha sexual.

Rose relata que sua mãe era extremamente atraente, sedutora e cobiçada pelos homens. Utilizava tais atributos para atrair fregueses para o “bar suspeito” do qual era dona e a atração principal. Já seu pai era alcoólatra, ciumento, agressivo, vaidoso e nunca havia trabalhado na

vida. Ao mesmo tempo em que gostava de ter uma mulher sedutora e atraente, repugnava a feminilidade. Divertia-se imitando teatralmente os maneirismos das mulheres, desdenhando o seu andar, as suas expressões e chegando até mesmo a se pintar para melhor caricaturar a feminilidade nascente da filha. Essas exhibições o excitavam tão intensamente que descambavam em episódios de pura fúria, nos quais espancava a mãe de Rose e proferia todo tipo de palavrão ao dirigir-se à mãe e à filha. Sua aparente virilidade, que chegava a ser caricata, apontava, na realidade, para uma feminilização exagerada. Como Rose tornar-se-ia mulher numa situação dessas? Seu pai caçava das mulheres e sua mãe não deixava ninguém no páreo.

Inúmeras vezes, a mãe de Rose dormia na cama de sua filha com o intuito de se proteger das agressões do marido. Ele, então, acusava sua mulher de perverter a filha. Com o argumento de proteger Rose da violência paterna, sua mãe decide relegar a criação da menina a uma “dama”, cuja relação com os pais da então adolescente sempre foi obscura. Rose era aluna de uma instituição religiosa bastante rigorosa, mas se sentiu acolhida e segura em meio a prostitutas. Ela ainda admirava como os homens as tratavam bem, estendendo seus casacos em poças para elas passarem. André (1995) pondera se o motivo real dessa mãe abdicar da criação da filha não foi uma tentativa de livrar a sua reputação de sedutora dos encargos e da imagem da maternidade. Como já vimos⁷⁰ no esquema da *père-version*, a mãe barra a mulher de ser objeto de desejo do homem.

Durante a época em que viveu na casa da dama, uma tia - irmã de sua mãe - foi morar na casa de seus pais. Lá teve uma filha cujo pai nunca teve a identidade revelada. Com o intuito de evitar um escândalo, a mãe de Rose criou e registrou sua sobrinha como filha. Mesmo sabendo da trapaça, Rose sofria por testemunhar os cuidados e o amor, privados a ela, dados a essa filha “falsa”. No mais, mentir sobre essa irmã postiça resultava num grande sentimento de culpa para Rose, pois isso significava estar em pecado segundo sua educação religiosa. Dessa forma, ela estava constantemente preocupada em ser expulsa da escola por “trair a verdade”, “mesmo sem ser de propósito”.

Com dezesseis anos, Rose se interessou por uma prima um pouco mais velha, uma moça inteligente, meio masculina, e que seu pai detestava. Seus deboches não a atingiam, e ela ainda o enfrentava e o ridicularizava. Com o falecimento repentino de seu pai, Rose foi para a Europa e começou a trabalhar num bar de prostitutas. Entretanto, ela jamais dormiu com nenhum cliente, apenas aceitava as carícias e conversava longamente com eles. Ela

⁷⁰ Cf. p. 91.

rapidamente foi alçada a cortesã mais requisitada e bem paga do estabelecimento. Foi ali que conheceu Violette.

Se Rose procurou a análise para formular questões sobre a feminilidade, Violette foi falar de seu gozo e de suas práticas sexuais. “O discurso de Violette não se organizava no estilo da *pergunta*, mas no da *implicação*: ela não perguntava nada - ou quase nada - sobre o fundamento, mas me implicava como testemunha, ou, em última instância como um *voyeur* reduzido ao silêncio, de suas práticas sexuais” (ANDRÉ, 1995, p. 80). Desde a primeira entrevista, ela relatava seus pensamentos “sujos” - iniciados na infância -, diversas histórias pornográficas e seu catálogo de fantasias sexuais, que desfiava minuciosamente durante a sua análise.

A cena sexual mais antiga da qual se recorda remete aos seus seis anos de idade. Um homem numa cadeira de rodas a chamou para sentar em seu colo, oferecendo-lhe uma moeda para persuadi-la. Ela aceitou, e o homem a acariciou. Com o dinheiro ganho decorrente do abuso, ela comprou uma bola de sorvete. Desta forma, Violette contou em análise ter a impressão que sempre havia sido uma prostituta. Curiosamente, um dos sintomas que a tinham levado à análise era uma sensação de “bola na garganta” que a impedia de engolir os alimentos. A constituição deste sintoma não invalidaria, a nosso ver, o fato de Violette ser perversa. Como já tratamos⁷¹, Freud (1905/2006) e Lacan (1957-1958/1999, p. 349) afirmam a presença do recalque na perversão. Ainda, o próprio Serge André (1989) relatou um caso⁷² de fetiche por trás de um sintoma de paralisia facial. Freud (1927/2007) também nos ensinou que a perversão é um achado secundário da análise, afinal, ela não se configura como queixa.

A partir do relato do abuso, outros diversos casos foram contados: quando simulava sexo com um primo para entreter um tio louco, ou as sessões de masturbação com o irmão mais velho, e até seu prazer em abusar de bebês que cuidava quando atuava como babá.

O pai de Violette era policial, autoritário, abusava do álcool e desprezava as mulheres. Vaidoso, se exibia pelas ruas com seu uniforme e cabelos meticulosamente arrumados. No final da ronda era de costume ir ao prostíbulo e, um dia, levou a sua filha Violette de sete anos para acompanhá-lo. Devido ao seu temperamento violento, a mãe de Violette, retraída e anti-social, protegia-se junto às filhas, e também as advertia para tomarem cuidado com o pai quando ficassem menstruadas.

⁷¹ Cf. p. 21 e 22.

⁷² Caso de um fetichista por linhas, descrito no artigo *Transferência e interpretação em um caso de perversão*.

Quando foi trabalhar em um bordel, Violette tinha clientes homens, o que não a agradava. Quando era possível, gostava de refazer “à maneira feminina” com suas colegas as “coisas sujas” que uma prostituta fazia com seu cliente num quarto ao lado. André (1995, p. 83) afirma que, para ela, “era possível prescindir do pai (e do homem em geral), sem perder nada no nível do gozo”. Enquanto Rose abordava seu desejo através do amor, para Violette ele era dirigido para a obtenção de gozo.

Se Rose desejava um homem através de uma mulher, como no caso freudiano da jovem homossexual⁷³, Violette apoderava-se da posição do homem e buscava sempre uma mulher, mesmo através de homens. Ela ironizava a detumescência masculina após o coito em comparação a sua capacidade de gozar à vontade, e tinha um grande prazer quando isso acontecia em suas relações a três, pois transformava o homem num mero espectador. Violette se identificava com a posição de ter o falo, não de ser o falo. Além disso, o significante fálico não estava atrelado ao pênis, mas sim à capacidade de gozo. Estaria Violette posicionada no lado masculino da fórmula da sexuação? Poderíamos pensá-la como uma perversa estrutural? “Violette confirmava [...] a castração do homem e sua própria não-castração; vez após outra, concluía que teria mais capacidade de fazer uma mulher gozar do que um homem, com seu órgãozinho ridículo e logo desinchado” (ANDRÉ, 1995, p. 96). Ao questionar o fetichismo feminino, o autor conclui que as mulheres podem projetar um falo imaginário para negar a castração.

Quando Freud cita uma *evidência* no mecanismo de pensamento da menina (“Ela julga e decide de imediato. Viu aquilo, sabe que não tem e quer tê-lo”), ele o faz a propósito da descoberta do sexo masculino. No que concerne ao sexo feminino, Freud afirma que a menina permanece na “ignorância da vagina” – o que não quer dizer que ela não saiba que esta existe, mas que só apreende sua função sexual de maneira imperfeita. Não há razão de princípio pela qual a menina não possa projetar a existência de um falo imaginário nesse lugar, para negar a castração “assim mesmo” (ANDRÉ, 1995, p. 97).

O fetiche de Violette não era visível, como comumente são os dos homens, ressalta o autor. Isso porque o homem fetichista, ao se deparar com a diferença sexual, positiva a falta do órgão fálico nas meninas. A menina, por sua vez, não se confronta com o mesmo problema, pois o órgão masculino é perfeitamente visível. Mesmo assim, ela faz perguntas a respeito dele. A principal questão das meninas a propósito do pênis é evocada pelo seu estado flácido ou ereto e alongado. “Não é raro ouvir da boca das mulheres em análise que essa oposição é concebida como uma dualidade *pênis inanimado/pênis animado*, ou até como

73 A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920b/2006).

significando a passagem do estado de *morto* ao de *vivo*” (ANDRÉ, 1995, p. 99). Como babá, Violette reparou que meninos muito novos podiam ter ereção, e também observou que aos quarenta anos “o passarinho” do seu pai já estava “morto”. Para ela, o órgão masculino tinha uma verdadeira ameaça de morte, ainda mais quando isso era desejado pela sua mãe. “Foi em função dessa ameaça de morte que Violette sentiu-se chamada a tomar lugar do homem, como portadora, ela mesma, de um falo (imaginário) imortal” (ANDRÉ, 1995, p. 99).

André (1995) ainda ressalta que, enquanto Rose demandava saber a ele, Violette o impõe a escutá-lo sobre seus gozos. Quando ele se deu conta que era mais um homem entre as duas mulheres, questionou-as como elas tinham certeza de que ele era homem. Para Rose, essa intervenção abriu uma brecha para o caminho da análise. Já Violette gargalhou e “só encontrou em minha intervenção uma razão a mais para repetir seu postulado: eu *tinha* que ser homem, era preciso que essa *evidência* existisse, para que ela pudesse desmenti-la em segredo” (ANDRÉ, 1995, p. 86). A fantasia de Rose é tipicamente histérica, já a de Violette, masculina e perversa, afirma o autor. Violette, segundo ele, não era um homem, mas mais que um homem. Ela tem certeza que o pênis constitui um limite à potência sexual e, ela não tendo essa limitação, possui um órgão maior ou mais potente do que o do homem. Uma mulher é fetichizada por Violette, da mesma forma que o são por homens.

Rose permaneceu em análise por seis anos. Violette interrompeu após dois anos.

3.4 Suzane von Richthofen

Quando tinha dezoito anos, no dia 31 de outubro de 2002, Suzane von Richthofen abriu a porta de sua residência para o então namorado, Daniel Cravinhos, para que ele e seu irmão Cristian Cravinhos matassem com barras de ferro seu pai, o engenheiro Manfred Albert von Richthofen, e sua mãe, a psiquiatra Marísia von Richthofen, enquanto dormiam. o ao choque decorrente do crime brutal, repercutiu-se o alívio pelos filhos estarem salvos, e o sentimento de pena dos adolescentes que tinham de encarar a precoce morte dos pais. Entretanto, uma semana após o assassinato, Suzane foi apontada como a mandante do crime.

Segundo a reportagem da revista *Veja* (2006), Suzane conheceu Daniel por meio do irmão Andreas, de quem era professor de aeromodelismo. Enquanto a família von Richthofen pertencia à classe média alta, Daniel Cravinhos é filho de um escrivão aposentado e morava com a família em um sobrado localizado em um bairro de classe média baixa perto do

aeroporto de Congonhas. Em pouco tempo, de acordo com seu depoimento à polícia, Suzane disse que o rapaz passou a ser uma “obsessão” em sua vida. “Queria estar sempre com ele, o tempo todo, o dia inteiro”. Ela lhe dava presentes caros, trocou o piso da casa de sua família e comprou uma televisão e um aparelho de DVD. Também com a sua mesada, pagou algumas prestações do carro de Daniel. Esses presentes eram dados sem o conhecimento de seus pais. O namoro, até então, era bem aceito (LINHARES, 2006).

Os dois fumavam maconha quase todos os dias e experimentaram ainda ecstasy, éter e cola. Suzane alega que começou a usar drogas com Daniel. Ele diz o contrário. Em meados de 2002, o casal Richthofen decidiu proibir o namoro.

No dia do crime, Andreas estava fora de casa. Suzane abriu a porta aos irmãos Cravinhos, guiou-os até o quarto dos pais. Daniel golpeou Manfred, e Cristian bateu em Marísia. Ela tentou se proteger com as mãos, e por isso teve os dedos quebrados. Ainda viva, agonizando, teve uma toalha enfiada na sua boca, o que fez quebrar um dos ossos do pescoço. Colocaram uma arma pertencente a Manfred ao lado da cama, e cobriram os rostos. Ao descerem, ajudaram Suzane a simular um assalto, espalhando papéis pela biblioteca e arrombando uma mala de dinheiro de Manfred. Suzane tinha o código, mas julgou o arrombamento mais convincente para um assalto. De lá, o casal deixou Cristian em casa e foi para um motel, para terem um álibi. Posteriormente, Suzane buscou Andreas e voltaram para casa. Lá, conforme combinado previamente, Suzane ligou apavorada para Daniel, que recomendou ligar para a polícia.

Alexandre Paulino Boto foi o primeiro policial militar a ver os corpos. Conforme testemunhou no julgamento (REDAÇÃO TERRA, 2011), ao descer para falar com a família, Boto relatou que a filha do casal Richthofen perguntou sobre os pais. “Eu disse a ela que estava tudo bem e nesse momento ela esboçou uma reação de espanto”, disse. Horas após o crime, Suzane foi levada para depor na delegacia. A troca de carinhos e beijos entre ela e Daniel chamou a atenção dos investigadores (JORNAL EXTRA, 2014). O delegado Domingos de Paulo Neto a descreveu como fria, calculista e impetuosa (LINHARES, 2006). Cíntia Tucunduva Gomes, delegada de polícia, foi a primeira pessoa a falar com a jovem depois do crime. Ela relatou que a única vez que viu Suzane chorar foi quando ela chegou para a reconstituição do crime e uma multidão a ameaçou de linchamento (REDAÇÃO TERRA, 2011).

Suzane e Daniel brigaram um dia após o crime, pois o então namorado havia pego o dinheiro roubado de Manfred e comprado uma moto. No depoimento no Primeiro Tribunal do Júri, Daniel Cravinhos afirmou que Suzane disse que ele e o irmão eram “imaturos e

irresponsáveis” e que não deveria ter confiado neles para matar seus pais. De fato, foi a moto que levou os investigadores a desvendarem o crime (REVISTA ÉPOCA, sem data).

Depois de um tempo o namoro desandou, Daniel ainda dizia ser apaixonado por Suzane e testemunhas de defesa afirmaram que ela o manipulava. Ele alegou que matou por amor a ela e também tentou inocentar o irmão. Afirmou que cometeu o crime sozinho, o que foi desmentido por Jane Belucci, perita do caso. Ainda chegou a justificar a compra da moto pelo fato de o irmão não ter aceitado guardar o dinheiro do roubo. Daniel também buscou apresentar a família de Suzane como desestruturada e violenta (REVISTA ÉPOCA, sem data).

Suzane, por sua vez, afirmou ter ódio do ex-namorado e o culpou pela morte de seus pais, na célebre entrevista concedida ao programa dominical Fantástico, da Rede Globo de televisão, à época da sua liberdade provisória, em 2006. Também acusou seu pai de abuso sexual, o que foi desmentido por seu irmão, Andreas, no julgamento. Ele declarou que a irmã era calculista e que tentou manipulá-lo mesmo da cadeia. Andreas a acusa de manobras judiciais para tentar impedi-lo de se tornar o único herdeiro do patrimônio dos pais, avaliado em onze milhões de reais⁷⁴ (JORNAL EXTRA, 2014). O rapaz também defendeu seus pais das acusações de Daniel Cravinhos.

Suzane esteve presa entre novembro de 2002 e junho de 2005. Até 2004 ela permaneceu na Penitenciária Feminina da Capital, no Carandiru, em São Paulo, onde era constantemente ameaçada pelas presas. Ela teve de ser transferida para uma penitenciária em São Carlos, no interior de São Paulo, depois que um grupo tentou matá-la numa rebelião (LINHARES, 2006). Nesse meio tempo, antes de retornar à prisão em 2006, esteve em liberdade provisória e se hospedou na casa de um casal amigo de seus pais. Lá, concedeu entrevista ao Fantástico, durante a qual se podiam ouvir as instruções de seu advogado de defesa. Ela estava vestida de forma infantil e falava com voz de criança. Ao mencionarem o ex-namorado, ela olha para o advogado Denivaldo Barni, seu tutor na época, e fala: “muito ódio. Muito, muito, muito. Demais. Ele destruiu minha família”. Alguém orientava Suzane a falar sobre Daniel Cravinhos: “começa a chorar e fala: ‘não quero falar mais’. Ele mandava, sempre pedindo que eu o amasse. Pelo amor de Deus, não quero mais tocar nesse assunto, que me faz muito mal”. E, logo no começo da gravação, Barni, sem perceber o microfone ligado, orienta sua cliente: “Chora...” (JORNAL EXTRA, 2014). Em meia hora, tentou chorar onze

74 “O artigo 1814 do Código Civil Brasileiro prevê que filhos que matam seus pais perdem o direito à herança. A deserdação, porém, não é automática. É preciso que haja uma ação judicial pedindo a exclusão do herdeiro. A família de Marísia, com quem Andreas vive, já deu início ao processo. Suzane, por meio de seus advogados, pretende brigar para manter o direito à herança” (LINHARES, 2006).

vezes ao falar sobre o caso. Quando pensou que as câmeras e microfones estavam desligados, trocou o choro por um sorriso (KORTE, 2014).

Antes da entrevista à *Veja*, os advogados de Suzane anunciaram que ela não falaria sobre seu período na prisão, alegando que o trauma teria sido muito grande. Todavia, como ressalta a reportagem, em nenhum momento os advogados solicitaram que não se falasse com a jovem sobre o assassinato de seus pais. Na semana anterior, ainda segundo Linhares (2006), a moça, diante de uma repórter da Rede Globo, chegou a simular um desmaio ao ser perguntada sobre o crime.

Suzane foi condenada a trinta e oito anos de prisão em 2006 e encontra-se presa na cadeia feminina de Tremembé, em São Paulo. Os irmãos Daniel e Cristian Cravinhos também foram condenados pelo crime, e estão em regime semiaberto desde 2013. Em 2014 Suzane também foi beneficiada com o regime semiaberto, mas optou por permanecer em regime fechado para não ser transferida de penitenciária. Na época, relatou que temia ser hostilizada em outra cadeia. No início de setembro, ela assinou um documento de reconhecimento afetivo com Sandra Ruiz Gomes (conhecida por Sandrão), outra detenta de Tremembé, o que lhes permite passar para a ala das casadas, com mais espaço e alguns privilégios. Antes, Suzane garantia alguma proteção ao se inserir na ala das evangélicas.

Sandra, tida como uma pessoa influente na penitenciária, cumpre pena de vinte e quatro anos por participação no sequestro e morte de um adolescente de quatorze anos. Ela era casada com Eliza Matsunaga, acusada de matar e esquartejar o marido, o empresário da empresa Yoki, Marcos Matsunaga (JORNAL EXTRA, 2014).

Aos trinta anos, Suzane diz: “quero que as pessoas saibam que sou um ser humano comum. Cometi um erro, pago por ele e quero recomeçar minha vida”. Foi apenas um simples “erro”? Ela também afirma sonhar em ser mãe e fazer as pazes com Andreas, que não vê desde o julgamento. “Meu grande sonho é me reconciliar com meu irmão. Dele, quero apenas o amor e o perdão”. Em outubro, Suzane desistiu de disputar a herança da família. “Não tenho direito ao que era dos meus pais, nada daquilo me pertence” (KORTE, 2014).

O crime de Suzane certamente foi um ato perverso, como o tópico intitulado “os atos” do segundo capítulo desta tese nos ajudou a elucidar. Nele, inclusive, apontamos que quem comete um ato perverso não é, necessariamente, estruturalmente perverso. Se a motivação de Suzane para mandar assassinar seus pais tivesse realmente sido o amor, tenderíamos a não considerá-la na estrutura perversa. Entretanto, de acordo com os relatos do julgamento, foi Daniel que matou por amor a Suzane. Ao que consta, ela premeditou friamente um crime brutal, chorou no enterro das suas vítimas e tentou manipular seu irmão, os envolvidos em seu

juízo, além do público que acompanha estupefatos os desenlaces. Seu casamento prisional, suas declarações após oito anos de silêncio decorrente do insucesso de suas entrevistas e a desistência da herança seriam novas tentativas de dividir o Outro? Não estaria ela gozando às nossas custas?

Coutinho Jorge, durante uma conversa pessoal, cogita se Suzane não seria uma esquizofrênica hebefrênica, cujas características são a perturbação e o embotamento dos afetos, a irresponsabilidade do comportamento, as ideias delirantes e alucinações fugazes e fragmentárias, o comportamento irresponsável e imprevisível, além de uma tendência ao isolamento social. Ainda, a hebefrenia é normalmente diagnosticada em adolescentes ou em adultos jovens. Por mais que identifiquemos a maioria desses comportamentos em Suzane, este tipo de esquizofrenia também é atrelado ao pensamento desorganizado e ao discurso incoerente, o que não parece ocorrer no caso da jovem em questão. Também pensamos que ela não se isola; ela socializa, mas não faz vínculo com o outro enquanto sujeito, apenas como objeto. Entretanto, não podemos formular um diagnóstico através de matérias de jornais, apenas hipóteses.

CONCLUSÃO

Chegado o momento de concluir, retomo aqui o que foi desenvolvido nesta tese. A questão que nos interessou diz respeito a existência de mulheres na estrutura perversa. Além das neuróticas e das psicóticas, haveria mulheres perversas? Que elas cometem atos perversos ninguém duvida, e demos aqui alguns exemplos que não se limitaram a um ato, contudo, o diagnóstico de perversão estrutural tem ficado comumente restrito aos homens.

na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - venho escutando frases tais como “as mulheres não podem ser perversas”, “não existe mulher na estrutura perversa” e suas variantes. Nesta época, no entanto, nem tinha acesso ao que se configurava como estrutura perversa. Por mais que tenha encontrado autores que trabalharam o tema, é inegável o fato de que a neurose e a psicose são objetos de estudos mais frequentes. Pude perceber isso ao examinar as publicações e pesquisas no campo da Psicanálise, inclusive no nosso próprio Programa de Pós-graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise. Ao longo dos cursos de Especialização, do Mestrado e do Doutorado, também ouvi tais assertivas, inclusive em diversos Simpósios e Congressos de Psicanálise. Como também ouvi: “mas é claro que existem mulheres perversas!”, como se a minha pergunta já tivesse obviamente uma resposta, tanto no nosso campo como no campo do saber comum! Fora do contexto lacaniano, no entanto, não parece haver uma questão em abordar a existência de mulheres perversas. Entretanto, o entendimento que tomam de perversão também não compartilha do nosso.

Como pôde ser visto no decorrer desta tese, Freud aborda com profundidade a perversão e Lacan faz contribuições enriquecedoras, por mais que comumente atrelemos Freud ao estudo das neuroses, e Lacan ao aprofundamento no campo das psicoses.

Esmiuçando tudo aquilo que aparece sob a rubrica de perversão, diferenciamos, através dos dois primeiros capítulos, perversidade, perversão-polimorfa, estrutura perversa, ato perverso, gozo perverso e suplência perversa. Inicialmente, nos textos de Freud, o termo ‘perversão’ servia somente como uma alternativa para designar algum “desvio”. Entretanto, desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006), Freud já demarca os limites entre perversidade (mais associada à crueldade, maus-tratos e desvios quanto à moral), perversão-polimorfa (referente à estrutura da sexualidade) e estrutura perversa. Geralmente, a perversão estrutural é mais abordada através do *Fetichismo* (1927/2007), mas ressaltamos a importância dos *Três ensaios* para o seu estudo por tratar do caráter de fixação da libido a um objeto exclusivo. Freud (1905/2006, p. 153) já não estaria delimitando a perversão-polimorfa

da estrutural ao apontar a exclusividade e a fixação como características do “caráter patológico da perversão”?

Com a elaboração do conceito de fantasia e algumas mudanças na etiologia das neuroses, Freud, em *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919/2006), insere uma nova complexidade à sua sentença divulgada em 1897 e repetida em 1905: a neurose é o negativo da perversão. A perversão infantil, subjacente à sexualidade humana, pode ser a base de uma perversão estrutural ou, no caso da neurose, inscrever-se como a cicatriz do Édipo.

Se em 1909, durante uma conferência em Viena, Freud revisa a contribuição dos principais teóricos a respeito do fetichismo e expõe a sua pouca experiência clínica neste tema, em 1927 ele conceitua o fetichismo como a recusa (*Verleugnung*) da castração materna. Lacan é quem determina o desmentido, a renegação (*Verleugnung*), como mecanismo próprio do sujeito perverso, diferente daquele utilizado pelo neurótico (*Verdrängung*) e pelo psicótico (*Verwerfung*). Retornando à Freud, realizamos uma busca do termo *Verleugnung* e de suas traduções na obra freudiana, diferenciando-o de alucinação negativa, renegação, escotomização e percepção.

Para a análise do sadismo, do masoquismo, do voyeurismo e do exibicionismo - os pares de opostos, segundo a concepção freudiana -, consideramos fundamental remontar à origem dos dois primeiros termos, criados a partir dos autores Marquês de Sade e Sacher-Masoch. Lacan elucidou importantes aspectos sobre o sadismo ao se pronunciar a respeito da ética da psicanálise (1959-1960/2008) e ao relacionar Sade a Kant (1966/1998), criando até um matema da fantasia sadiana⁷⁵. A contribuição de Lacan é imprescindível para o estudo da perversão, seja apresentando um esquema para o fetichismo, relacionando os “pares de opostos” à voz e ao olhar, ou mesmo revelando uma das versões do Pai a partir do *objeto a*, a *père-version*.

Lacan (1966/1998), através do matema sadiano, desvendou a fórmula da fantasia da perversão ($a \diamond \$$), onde o sujeito e o *objeto a* ocupam lugares opostos daqueles expostos na fórmula da fantasia dos neuróticos ($\$ \diamond a$). Para melhor compreender a fantasia subjacente à perversão e entender o que é uma mulher para a psicanálise - questão esta tratada após o entendimento sobre a perversão - decidimos dedicar o segundo capítulo da presente tese ao estudo da fantasia. Após apresentar um breve percurso da construção do conceito de fantasia em Freud e do acréscimo fundamental de Lacan, resguardamos um tópico para os atos perversos, comumente atribuídos, de forma errônea, somente aos sujeitos perversos. O ato

⁷⁵ Cf. p. 84.

perverso pode ser cometido por qualquer sujeito, não é privilégio dos perversos. É aquele ato que podemos configurar mais próximo do *acting out* do que da passagem ao ato, pois por mais que ele busque gozar à custa dos outros, dificultando um vínculo, há um endereçamento ao Outro. Lacan (1972-1973/2008) fez breves observações a respeito do gozo perverso, aquele que não está tão mal do lado místico, mas que se situa mais do lado da função fálica. A suplência perversa como estabilizadora da psicose foi mais trabalhada por Maleval (2007), ao desconstruir o diagnóstico de perversão masoquista do Senhor M., caso de M'Uzan (1972).

Ao longo deste trabalho, citamos diferentes fragmentos de textos de Freud e de seminários de Lacan que demonstram que ambos acreditavam na escassez de mulheres fetichistas. Não podemos ignorar essas afirmativas. No entanto, a perversão não é reduzida ao fetichismo, e pontuar que há poucas mulheres (em vez de nenhuma) possibilita sua existência.

Freud, em 1909, ainda colocou a metade da população, ou seja, as mulheres, na categoria de fetichistas de vestimentas. Lacan (1956-1957/1995), por sua vez, nomeou a relação mãe-falo-bebê de “esquema do fetichismo” e identificou a perversão nas mães. Ora, isso nos leva a repensar a constante afirmação, encontrada principalmente no campo lacaniano, de que as mulheres não podem estar na estrutura perversa.

É importante frisar que, nesses casos, quando falam de mulheres, estão se referindo à sua conceituação biológica, ao corpo imaginário da mulher, e não ao posicionamento feminino. Com a psicanálise aprendemos que é através do posicionamento inconsciente que nos colocamos como homens ou mulheres; não é a anatomia que nos define. Freud tratou desta questão através da atividade e passividade, relacionando-as ao masculino e ao feminino. Lacan, principalmente em *O Seminário, livro 20* (1972-1973/2008), posiciona os seres falantes como homens ou mulheres através de modos de gozo. Ambos se relacionam com o gozo fálico, mas as mulheres teriam acesso a um gozo Outro, que não o fálico, o gozo feminino. Ao lado deles, ainda temos o gozo místico e o gozo perverso. E é através deste entendimento que decidimos abordar o que é homem e o que é mulher nesta tese. Importante ressaltar que estar mais identificado a um desses lados não impossibilita o sujeito de acessar o outro.

As fórmulas quânticas da sexualização (LACAN, 1972-1973/2008) também nos auxiliam quando posicionamos o sujeito perverso, independente do seu sexo anatômico, do lado masculino, todo-fálico, desmentindo a qualquer custo a castração. Desta forma, retomamos as perguntas colocadas ao longo deste trabalho: por que uma mulher, biologicamente falando, não pode estar identificada ao lado masculino e, assim, ser perversa? Só como mãe que ela

accede ao lado masculino? Por quê? Parece-nos improvável, pensando por essa via, que uma mulher não possa ser estruturalmente perversa.

Analizamos que um sujeito, enquanto perverso, coloca-se como *objeto a*, por isso que o matema da fantasia perversa proposto por Lacan é $a \diamond \$$. Desta forma, ele se desidentifica do lugar de sujeito, gozando como se não fosse castrado, e também goza ao dividir a sua vítima. Nesse movimento, o perverso tenta suplementar, e não complementar, o Outro, restituindo-lhe o *objeto a* - “perdido” na operação de entrada na linguagem. Com esse entendimento, o que impediria uma mulher de se desidentificar do lugar de sujeito, seja como sádica, masoquista, exibicionista ou *voyeur*?

Retornando a Freud e seus estudos sobre o fetichismo, entendemos que, perante a constatação da diferença sexual, o menino continua a crer na mãe fálica, negando, assim, a castração. A menina não teria essa opção, pois se negasse a própria falta de pênis, acreditando que possui um, ou se negasse a presença do pênis nos meninos, estaria alucinando. Todavia, não estaríamos reduzindo o entendimento sobre a perversão ao relacioná-la apenas à diferença anatômica entre os sexos? E, por esta via, acentuando o corpo imaginário, não estamos colocando os meninos, por possuírem pênis, como não-castrados, e as meninas, por não o possuírem, como castradas? A partir da noção de que o falo não é o pênis, como explicitamos neste trabalho⁷⁶, entendemos que o sujeito fetichista busca uma saída imaginária através de um símbolo para negar a falta no Outro - castração simbólica - embora saiba perfeitamente que falta alguma coisa ao Outro. Uma mulher, neste caso, não teria como negar a falta no Outro?

No terceiro capítulo, utilizamos exemplos de quatro mulheres para tentar nos auxiliar a responder a essas perguntas. Um caso clínico, um da literatura e dois das manchetes de jornais. São casos que, a nosso ver, nos fazem questionar mais a certeza de que não há mulheres perversas. Não há mesmo? Podemos afirmar categoricamente que Serge André errou seu diagnóstico ou que Gertrude, Érika e Suzane são psicóticas? Caberia ao fato de ser mulher - biologicamente, sociologicamente, psicologicamente - uma espécie de imunidade contra a sua entrada na estrutura perversa? Não podem elas desmentir o limite imposto pela castração? Não podem as mulheres, por exemplo, romperem o pacto civilizatório que nos impede de lesar o próximo ou de até mesmo matar por necessidade imperiosa de gozar?

76 Cf. p. 52, 53 e 54.

Se nos faltam mais casos clínicos para aprofundar a pesquisa sobre perversão em mulheres, esperamos que esta tese sirva, ao menos, para abalar as certezas, e nos leve, mais ainda, a pesquisar.

REFERÊNCIAS:

Antes de casamento, Suzane von Richthofen esteve no centro de outras polêmicas. *Jornal Extra*, 03 nov. 2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/antes-de-casamento-suzane-von-richthofen-esteve-no-centro-de-outras-polemicas-veja-14422633.html>>. Acesso em 03 nov. 2014.

ALBERTI, Sonia. A perversão, o desejo e a pulsão. *Mal-estar e subjetividade*. v. 5, n. 2, p. 341-360, set. 2005. Disponível em <<http://www.unifor.br/notitia/file/980.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

ALBERTI, Sonia; MARTINHO, Maria Helena. *Sexuação, desejo e gozo: entre neurose e perversão*. v. 24, n. 1, p. 119-142, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v24n1/v24n1a07>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

ANDRÉ, Serge. Transferência e interpretação em um caso de perversão. *Falo - Revista brasileira do campo freudiano: clínica da perversão*, n. 4/5, p. 93-99, jan-dez 1989.

_____. *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ASKOFARÉ, Sidi. La perversion généralisée. In: _____. *Les réalités sexuelles et l'inconscient*. Paris: EPCFCL, 2006, p. 219-226.

_____. D'une perversion l'autre. *Revue des collèges de clinique psychanalytique*. Cahors: CCPCL, nov. 2012, p. 1-10.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Le fétichisme*. Paris : PUF, 1994.

ATHAYDE, Celso; BILL, MV. *Falcão: mulheres e o tráfico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

BONNET, Gérard. *Les perversions sexuelles*. Paris: PUF, 2001.

BOURGUIGNON, André. *O conceito de renegação em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

CALAZANS, Roberto; BASTOS, Angélica. Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas *Fractal: Revista de Psicologia*. v. 22, n.2, p. 245-156, maio-ago. 2010. Disponível em: < <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/404>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

COELHO DOS SANTOS, Tânia. Acting-out: o objeto causa do desejo na sessão analítica. *Opção lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. n. 30, p. 1-11, 2001. Disponível em: <http://www.isepol.com/bibliotecavirtual/5acting_out.pdf>. Acesso em 31 jul. 2014.

COSTA, Ana Maria Medeiros da. *et al.* O amor, o feminino e a escrita. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 4.; CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA, 10. 2010. p. 1-6. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/material/congresso2010/mesas_redondas/MR68-Valdelice-Nascimento-de-Franca-Ribeiro--Maria-Aimee-Laupman-Ferraz-e-Ana-Maria-Medeiros-da-Costa.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2011.

COSTA, Teresinha. *Édipo*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar, 2010.

COUTINHO JORGE, Marco Antônio. A pulsão de morte. *Estudos de psicanálise*. Belo Horizonte, n. 26, 2003, p. 23 - 40.

_____. A travessia da fantasia na neurose e na perversão. *Estud. Psicanal.* n. 29, p. 29-37, set. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372006000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2009.

COUTINHO JORGE, Marco Antônio. *Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. v. 2.

Daniel Cravinhos quer mostrar que família Richthofen era desestruturada. *Revista Época*, s/d. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR74825-6008,00.html>>. Acesso em 03 nov. 2014.

DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, com o texto integral de “A Vênus das peles” de Léopold Von Sacher-Masoch. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Ed., 1983.

DEROUICHE, Kaoither. *La perversion féminine: la femme existe?* 2013. 306f. Tese (Doutorado em Psychopathologie Clinique Laboratoire) - Université de Nice Sophia Antipolis, Nice, 2013.

DISSEZ, Nicolas. Leitura do tetraedro do seminário “o ato psicanalítico”. *Bulletin de l'ALI*, n.114, out. 2005.

DOR, Joël. *Estruturas e clínicas psicanalítica*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus-Timbres Ed., 1991.

FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FINCHER, David. *Seven*. Estados Unidos, 1995, 130 minutos.

FREUD, Sigmund. Histeria. [1888] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 1, p.75-96.

_____. Um caso de cura pelo hipnotismo. [1892-1893] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 1, p.159-170.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. [1893-1895] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p.13-320.

_____. A sexualidade na etiologia das neuroses. [1898] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 3, p.249-270.

_____. Interpretação dos sonhos. [1900] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 4-5, p.11-650.

_____. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. [1901] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 6, p.13-290.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria. [1905 (1901)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 7, p.15-116.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. [1905] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.7, p.119-231.

_____. Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. [1906(1905)]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 7 , p. 255-264.

_____. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. [1907] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.9, p. 13-89.

_____. Escritores criativos e devaneios. [1908(1907)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.9, p. 131-145.

_____. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. [1908a] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 9, p. 145-155.

_____. Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. [1908b] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 9, p.147-154.

_____. Algumas observações gerais sobre ataques histéricos [1909(1908)]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 9, p.206-213.

_____. Romances familiares [1909a]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 9, p. 215-223.

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. [1909b] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 10, p.13-133.

_____. Sobre a gênese do fetichismo. [1909] *Revista Internacional da história da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, n. 2, p. 371-387, 1992.

_____. Cinco lições de psicanálise. [1910(1909)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 11, p.17-65.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. [1910a] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 11, p.67-141.

_____. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. [1910b] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 11, p.143-156.

_____. Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. [1911] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 12, p. 231-245.

_____. Sobre a psicanálise. [1913(1911)]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 12, p. 221-230.

_____. Duas mentiras contadas por crianças. [1913a] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 12, p.329-334.

_____. A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose. [1913b] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 12, p.335-349.

_____. Totem e Tabu. [1913c] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 13, p.13-163.

_____. O interesse científico da psicanálise. [1913d] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 13, p.165-192.

_____. À guisa de introdução ao narcisismo. [1914] In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v.1, p. 95-131.

_____. A história do movimento psicanalítico. [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 14, p.15-73.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). [1915(1914)]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 12, p.173-190.

_____. Pulsões e destinos da pulsão. [1915a] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. 1, p. 133-174.

_____. O recalque. [1915b] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. 1, p. 175-193.

_____. O inconsciente. [1915a]. In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 13-74.

_____. Reflexões para os tempos de guerra e morte. [1915b] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 14, p.285-312.

_____. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. [1916 (1915)] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 14, p.225-241.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise. [1916-1917 (1915-1917)] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 15-16, p.13-482.

_____. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. [1917] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 17, p.145-153.

_____.O tabu da virgindade. [1918 (1917)] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 11, p.197-215.

_____. História de uma neurose infantil. [1918 (1914)] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 17, p.15-129.

_____. Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. [1919] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 17, p.193-218.

_____. Além do princípio de prazer. [1920a] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 123-198.

_____. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. [1920b] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 18, p. 155-184.

FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia. [1923(1922)] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 18, p.251-274.

_____. A organização genital infantil. [1923] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 19, p.155-161.

_____. O eu e o id. [1923] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 13-92.

_____. A dissolução do complexo de Édipo. [1924] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 19, p.191-199.

_____. O problema econômico do masoquismo. [1924a] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 103-124.

_____. A perda da realidade na neurose e psicose. [1924b] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 125-134.

_____. Neurose e psicose. [1924c] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 93-102.

_____. Um estudo autobiográfico. [1925 (1924)] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 20, p.11-78.

_____. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. [1925] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 19, p.273-286.

_____. Fetichismo. [1927] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 125-134.

_____. Futuro de uma ilusão. [1927] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 21, p.13-63.

_____. O mal-estar na civilização. [1930 (1929)] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 21, p.67-148.

_____. Sexualidade Feminina. [1931] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 21, p. 231-251.

_____. Feminilidade. [1933 (1932)] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 22, p.113-134.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. [1937] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 23, p.275-287.

_____. Breves escritos. [1931-1936] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 22, p.249-254.

_____. Moisés e o monoteísmo. [1939 (1934-38)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 23, p.15-150.

_____. Esboço de psicanálise. [1940 (1938)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 23, p.153-221.

_____. Esquema del psicoanálisis. [1940 (1938)] In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2004. v.23.

_____. A cisão do Eu no processo de defesa. [1940 (1938)] In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 171-180.

_____. Extratos dos documentos dirigidos à Fliess. [1950 (1892-1899)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 1, p. 217 - 331.

_____. Projeto para uma psicologia científica. [1950 (1895)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 1, p. 333-454.

_____. Os sonhos no folclore (Freud e Oppenheim). [1957 (1911)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 12, p.193-220.

FURTADO DE MENDONÇA, Ligia Gama e Silva. *Há mulher na estrutura perversa?* 2012. 99f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

FURTADO DE MENDONÇA, Ligia Gama e Silva; MANSO DE BARROS, Rita Maria. Algumas questões sobre a perversão estrutural na mulher. *Affectio Societatis* – revista electrónica del Departamento de Psicoanálisis de la Universidad de Antioquia, Medellín, v. 9, n. 17, p. 1-17, dez. 2012. Disponível em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis/article/view/14038/12453>> Acesso em: 14 fev. 2015.

FURTADO DE MENDONÇA, Ligia Gama e Silva; MANSO DE BARROS, Rita Maria. Mulher perversa?. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 218-231, jun 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000200003>. Acesso em: 15 fev. 2015.

HANEKE, Michael. *La pianiste*. Áustria/França, 2001, 131 minutos.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOUAISS, Antonio *et al.* *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: ed. Objetiva, 2001.

KAHN, Masud. *Alienación en las perversiones*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.

KORTE, Júlia. Suzane von Richthofen: a assassina dos pais e a vontade de ter família. *Revista Época*, 01 nov. 2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/11/bsuzane-von-richthofenb-assassina-dos-pais-e-vontade-de-ter-familia.html>> Acesso em 03 nov. 2014.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada [1945]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 197-213.

_____. *O seminário, livro 3: as psicoses* [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O seminário, livro 4: a relação de objeto* [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. [1957-1958] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. A significação do falo [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.692-703.

_____. *Le séminaire VI: le désir et son interprétation* [1958-1959]. Publication hors commerce. Document interne de l'Association freudienne internationale et destine à ses membres, 1994.

_____. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *O seminário, livro 9: a identificação* [1961-1962]. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2003.

_____. *Le séminaire IX - l'identification* [1961-1962]. Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sem data.

_____. *O seminário, livro 10: a angústia*. [1962-1963] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. [1964] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. [1964] Paris: Éditions du Seuil, 1973.

_____. Kant com Sade [1966]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.776-803.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 14: a lógica do fantasma* [1966-1967]. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, sem data.

_____. *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Le séminaire, livre XIX: ...ou pire* [1971-1972]. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

_____. *O seminário, livro 19: ...ou pior* [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

_____. *O seminário, livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LINHARES, Juliana. Verdade e mentiras de Suzane von Richtofen. *Revista Veja*, 12 abr. 2006. Disponível em <http://veja.abril.com.br/120406/p_104.html> Acesso em 03 nov. 2014.

LOVE, Victoria Cosner; SHANNON, Lorelei. *Mad Madame Lalaurie* - New Orleans most famous murderess revealed. Gloucestershire: The History Press, 2011.

MARTINHO, Maria Helena. Bate-se numa criança: a cicatriz do Édipo. In: ALBERTI, Sonia (Org.). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, CAPES, 2008, p. 85-96.

_____. *Perversão: um fazer gozar*. 2011. 341f. Tese (Doutorado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.pgpsa.uerj.br/pdf/Tese%20M_Helena.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2013.

MARX, Karl. O caráter fetiche da mercadoria e seu segredo [1867]. In: _____. *O capital: livro I*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MALEVAL, Jean-Claude. Suplencia perversa en un psicótico. *ANCLA: revista de la Cátedra II de psicopatología*, n. 1, p. 162-179, set. 2007.

MARTIN-MATTERA, Patrick. Perversão nas mulheres ou perversão feminina - uma questão de sexuação. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, v. 17, n. 3-Suppl., p. 720-737, set. 2014. Disponível em: <[http://www.psicopatologiasfundamental.org/uploads/files/revistas/volume_17/n3%20\(suplemento\)/p.%20720%20a%20737.Patrick%20Martin-MatteraLatino.set.suplemento.SCIELO.pdf](http://www.psicopatologiasfundamental.org/uploads/files/revistas/volume_17/n3%20(suplemento)/p.%20720%20a%20737.Patrick%20Martin-MatteraLatino.set.suplemento.SCIELO.pdf)> Acesso em: 10 fev 2015.

MIELI, Paola. A note on Freud's structural differentiation between neuroses and perversion. *Psychoanalysis at 100*. UPA, 1994.

NOE, Denise. The torturing death of Sylvia Marie Likens. *Crime Library*, s/d. Disponível em: <http://www.crimelibrary.com/notorious_murders/young/likens/3.html>. Acesso em: 20 out. 2014.

O'HAYER, Tommy. *An american crime*. Estados Unidos, 2007, 98 minutos.

QUEIROZ, Edilene Freire. *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta, 2004.

QUINET, Antônio. Schaulust e perversão. *Falo - Revista brasileira do campo freudiano: clínica da perversão*. n. 4/5, p. 87-92, jan-dez. 1989.

_____. *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

REDAÇÃO TERRA. Confira o que disse cada testemunha do caso Richthofen. *Terra*, 2011. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/casorichthofen/interna/0,,OI1074792-EI6792,00.html>>. Acesso em 03 nov. 2014.

RETROINDY: the 1965 murder of Sylvia Likens. *Indystar*, 23 out. 2013. Disponível em: <<http://www.indystar.com/apps/pbcs.dll/article?AID=/99999999/NEWS06/80814026>>. Acesso em 20 out. 2014.

RINALDI, Doris. *A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Jorge Zahar, 1996.

SADE, Marquês de. *A filosofia na alcova* [1795]. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008.

_____. *Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2013.

SAFOUAN, Moustapha. *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SCHURMAN-KAUFLIN, Deborah. *The new predator: women who kill - profiles of female serial killers*. New York: Algora Publishing, 2000.

STOLLER, Robert. *La perversion: forme érotique de la haine*. Paris: Payot, 2007.

TOLIPAN, Elizabeth. *A estrutura da experiência psicanalítica*. 1991. 156f. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

SUSINI, Marie-Laure. *O autor do crime perverso*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

VALAS, Patrick. *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 2001.